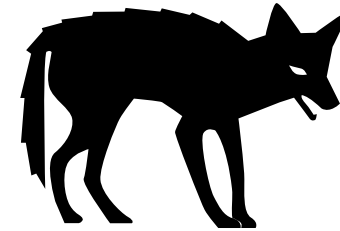




PUTA QUE OS PARIU!



A BIOGRAFIA DE
LUIZ PACHECO

João Pedro George

LISBOA:
TINTA-DA-CHINA
MMXI

À Ana Paula D'Aboim Inglez

© 2011, João Pedro George
e Edições tinta-da-china, Lda.
Rua João de Freitas Branco, 35A,
1500-627 Lisboa
Têls: 21 726 90 28/9 | Fax: 21 726 90 30
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Título: *Putá Que os Pariu! A Biografia de Luiz Pacheco*
Autor: João Pedro George
Revisão: Tinta-da-china
Composição e capa: Tinta-da-china

1.ª edição: Novembro de 2011

ISBN 978-989-671-101-6
Depósito Legal n.º 335837/11

Índice

Introdução	9
1. Primeiros Passos	17
2. As Mulheres, as Prisões	73
3. Crítico: diz-me quem és e como ages, dir-te-ei o que escreves	147
4. Editor: a Contraponto sou eu	197
5. Escritor: pedincha, alcooolismo e marginalidade	235
6. A Censura, os Processos Literários	359
7. Hospitais, Clínicas, Sanatórios e Outros Combates	403
8. Últimos Dias do Condenado	439
9. A Produção Social do «Maldito»	461
Conclusão	529
Notas	547
Fontes e Bibliografia	573

INTRODUÇÃO

Para facilitar a leitura do livro, decidimos adoptar um sistema misto de notas. No caso das obras ou textos publicados, bem como de alguns inéditos, optámos por assinalar o título no próprio texto, de forma abreviada, logo a seguir às citações. Nos restantes casos (outros inéditos, bibliografia, etc.), cuja forma abreviada não fazia sentido, as referências aparecem em nota de fim de livro.

LISTA DE TÍTULOS ABREVIADOS

<i>Amor Louco (Fátima ou O Amor Louco)</i>	<i>Doutores (Os Doutores, a Salvação e o Menino)</i>
<i>Bambinos (Os Amigos. Os Bambinos)</i>	<i>Droga (Uma Admirável Droga)</i>
<i>Barro (Textos do Barro)</i>	<i>EE2 (Exercícios de Estilo, 2.ª edição)</i>
<i>Cachecol (O Cachecol do Artista)</i>	<i>Ejaculações (Diário de 1980, 1981, 1982)</i>
<i>Calculava (O Homem Que Calculava)</i>	<i>Figuras (Figuras, Figurantes e Figurões)</i>
<i>Carta-Sincera (Carta-Sincera a José Gomes Ferreira)</i>	<i>Gato (Jornal do Gato)</i>
<i>CC (Crítica de Circunstância)</i>	<i>Guerrilha1 (Textos de Guerrilha — 1)</i>
<i>Circunstância (Textos de Circunstância)</i>	<i>Guerrilha2 (Textos de Guerrilha — 2)</i>
<i>Coiotez (O Urvo do Coiote — 2)</i>	<i>Inquisitorial (Inquérito Inquisitorial)</i>
<i>Comestível (Literatura Comestível)</i>	<i>Malditos (Textos Malditos)</i>
<i>Continuação (Continuação. Crónicas dos Anos 50/60)</i>	<i>Maravilhas Caldenses (Maravilhas & Maravalbas Caldenses)</i>
<i>Conversação (Exercício de Conversação)</i>	<i>Memorando (Memorando, Mirabolando)</i>
<i>Criancinbas (O Caso das Criancinbas Desaparecidas)</i>	<i>Namorados (Os Namorados)</i>
<i>Crocódilo (O Crocódilo Que Voa)</i>	<i>Neo-Abjeccionismo (O Que É o Neo-Abjeccionismo)</i>
<i>Diário (vários: de 1980 a 1999)</i>	<i>Provas de Vida (Diário 1989-1990)</i>
<i>Donas e Donzelas (Exercício de Estilo ou O Caso das Donas e Donzelas Arrebatadas)</i>	<i>PVC (Pacheco versus Cesariny)</i>
	<i>Remedado (Diário Remedado)</i>

Luiz Pacheco era capaz das loucuras mais desapiedadas, mas também de actos de grande generosidade. Pessoa cheia de contrastes, de oscilações e de incoerências, tinha uma enorme facilidade para relacionar-se com os outros e, depois, para cortar relações. Impulsivo e inconstante, aparecia e desaparecia de repente. Nunca ficava muito tempo na mesma casa, de tal forma que às vezes se torna difícil dar notícia das suas residências. Capaz de prescindir de tudo e de começar novamente do zero, durante anos viveu em quartos de acaso ou em pensões manhosas, cheias de percevejos e fedor a humidade, de onde muitas vezes era expulso por falta de pagamento. Era um especialista em dívidas e em não as pagar, especialmente às tipografias. Mas também aos amigos, às mercearias e às empresas de gás ou electricidade.

Chegou a não ter onde dormir à noite, viu-se obrigado a vagar pelas ruas e a pernoitar em vãos de escada ou em cabines telefónicas. Conheceu a miséria, o vício e a degradação. Bebeu, viu-se metido no mundo do alcoolismo e delapidou tenazmente a sua vida entre hospitais, clínicas e sanatórios. Manteve-se muitas vezes, como Bocage, «de sucinto almoço, ceia casual e jantar incerto». Passou fome, pediu esmola, humilhou-se, mas soube tirar proveito do seu infortúnio. Movia-se com naturalidade entre os inadaptados e gostava de estar perto dos marginais e das ovelhas ranhosas, porque lhe enriqueciam a existência, porque com aqueles que não têm nada a perder conhecem-se melhor os labirintos da alma humana. Sentia-se atraído pelos extremos e por tudo o que se afastava do comum e das normas, mas respeitava certas etiquetas, como dar a direita às senhoras, respeitar as filas ou ajudar os cegos a atravessar a rua.

Lutou contra as origens burguesas da família, o seu próprio berço, e era obcecado por dinheiro, mas depois gastava-o todo. Não se movia

por esse princípio básico da actividade económica que é a acumulação e a busca de lucro e de mais-valias. Não era invejoso nem possuía o instinto da propriedade, sabia que quase nada nos pertence e que aquilo que julgamos ter não passa de uma ilusão. Quando tinha dinheiro, desprezava-o, desfazia-se dele rapidamente, invadido de uma euforia esbanjadora. Mas quando não o tinha, fazia tudo para o obter, era capaz de trair, de enganar e de seduzir por oportunismo, conseguia derreter-nos o coração e espremer-nos duas lágrimas para conseguir «vintes» ou um «subsídio», esse hábito tão cultivado em Portugal.

Não havia nele qualquer preocupação em ascender na escala social. Tinha um completo desapego das coisas materiais, uma invulgar capacidade de desprendimento, de despedir-se de todo o tipo de segurança e de criar incerteza, de sair daquela zona de conforto que tanto nos esforçamos por preservar. Mas gozou a vida, levou uma existência diversa e exaltante, não se resignou à sua sorte, antes procurou a aventura e o risco. Incapaz de moldar-se às fórmulas da tranquilidade doméstica, detestava a monotonia do quotidiano, os hábitos regulares, a vida caseira e certinha, a consideração prudente do futuro. Para se proteger contra o dogmatismo e não estagnar, para resistir às modas e não se conformar consigo próprio, não se fossilizar, forçava-se à divergência e à contradição. Era homem de rábulas e de gestos desconcertantes, mais por jogo e por divertimento, ou pelo prazer do imprevisível, do que por vaidade ou afectação pomposa. Mas tinha um temperamento belicoso e era retorcido e desconfiado.

Nele havia uma mistura de grandeza e de pequenez, de aspectos desprezíveis e estimáveis, de traços atractivos e repulsivos ou grotescos. Tanto defendia o justo como o equívoco, tanto era magnificamente generoso e heróico no sacrifício pelos outros, como apenas pensava em si e no melhor estratagema para conseguir o que queria e maximizar os seus próprios interesses. Tanto era simpático, deixando-se inundar de carinho e ternura, como de repente se exasperava e se tornava detestável, revelando uma falta de delicadeza para além do razoável. De resto, não se deixava mortificar por arrependimentos, negava as obrigações da amizade e recusava a ficção dos escrúpulos, das reputações e das respeitabilidades.

Ria-se das conveniências e era indiscreto acerca da sua vida sexual. Fornicou homens, mulheres e, perversamente pueril, engatou adolescentes, mas Elvis Presley, Jerry Lee Lewis, André Gide, Almeida

Garrett, Edgar Allan Poe, Lewis Carrol e Carlos Gardel também o fizeram. O Estado Novo colocou-o no banco dos réus e encerrou-o no Limoeiro e na prisão das Caldas da Rainha. A libertinagem era para ele uma metáfora da liberdade, uma forma de lutar contra a moral da obediência e da submissão do salazarismo, de desmascarar a ditadura e questionar os dogmas religiosos. Reivindicou a liberdade sexual pura e dura, o sexo gratuito, sem objectivo nem consequência de reprodução, que visa apenas a busca individual de prazer. Mas era contra o aborto.

A sua conversação era deliciosa e tinha uma memória de elefante, povoada de milhares de recordações acumuladas que desfiava de forma impagável — a comédia era algo que lhe saía de maneira natural — e com uma boa dose de velhacaria, fazendo-nos rir às escâncaras. Foi um divertido caricaturista e possuía uma tremenda capacidade de ampliar os ridículos e de encontrar o lado inesperado e surpreendente da vida. Estava-se nas tintas para as aparências e nada lhe parecia suficientemente grave para escapar ao humor e à sátira.

Cultivou a sinceridade desarmante e encorajava toda a gente a pensar de um modo diferente, a ter uma visão crítica e a seguir as suas próprias ideias, por mais disparatadas que fossem. Admirava a inconformidade e a insolência. Defendia, como António Sérgio, que a polémica é necessária ao progresso da cultura, que «o primeiro dever de quem faz críticas é ser crítico (e crítico consigo próprio), como o do guerreiro é ser guerreiro e o do marujo é ser marujo: querer ser crítico, pois, e odiar o espírito de livre-exame, é ser marinheiro e ter horror à água». Porém, apesar da reputação de polemista, foi sobretudo um crítico incendiário, pois quase nunca respondia aos que reagiam aos seus textos, esquivava-se, desprezava pura e simplesmente os adversários. No fundo, era um provocador que não sentia necessidade de se justificar, apenas de escrever bem.

Demonstrou que a crítica literária pode ser altamente criativa, que não é incompatível com a originalidade intelectual ou a elegância estilística, que é possível conciliar reflexão e gozo literário. Conhecia bem o campo da edição e o meio das letras, um sítio onde fervilhavam as intrigas e as capelinhas, os ódios e as cortesias palacianas, e contra tudo isso lutou, recusando-se a participar na engrenagem dos manejos literários. Combateu a fatuidade, o pretensiosismo e o obscurantismo aldrabão. Desmascarou os falsos prestígios, alimentou várias hostilidades literárias e maltratou alguns intocáveis da cultura — foi famosa, no seu tempo,

a acusação de plágio a Fernando Namora —, sobretudo os escritores que se levavam demasiado a sério, convencidos da sua extrema importância. Ganhou por isso muitos inimigos e perdeu outros tantos amigos, acusando de trair a sua confiança e de não respeitar nada nem ninguém.

A função da arte, como dizia Adorno, era «introduzir caos na ordem» e alguns viam-no como um apocalíptico, um herdeiro da tradição dos grandes inconformistas, aqueles que provocavam revoluções e incitavam os indivíduos a questionar tudo, leis, sistemas, instituições, princípios éticos e estéticos. Mas foi simultaneamente um produto do próprio meio literário. Criticou o seu conformismo, o seu provincianismo e a sua incapacidade de lidar com a independência de juízo próprio, mas também aceitou as suas regras. Foi uma injeção de sentido crítico, abanou os espíritos adormecidos e as sensibilidades letárgicas, mas expressava, ao mesmo tempo, o senso comum de um meio literário que se concebia a si próprio, retoricamente, como marginal, subversivo e contra a corrente.

Fundou uma editora, a Contraponto, que funcionava à margem do mercado e que representava um espaço de autonomia para muitos autores, e aí publicou inúmeros folhetos, panfletos, folhas volantes e outros textos avulsos que distribuía directamente, pelo correio ou em mão, invenções de sobrevivência a que chamava literatura comestível. Dizia que só publicava quando precisava de dinheiro ou quando lhe perguntavam «tens lá alguma coisa para publicar?», mas era escritor até à medula dos ossos. Lisboa, Setúbal e Caldas da Rainha foram o seu território, a sua geografia literária. Ataviado com roupas ligeiramente passadas de moda, oferecidas por não sei quem, calça curta à meia canela e saco de plástico na mão, olhos aprisionados por óculos fundo de garrafa, o despojamento dava-lhe um aspecto cómico e convertia-o quase numa personagem de ficção.

Toda a sua vida se moveu numa estranha cadência, a um período tormentoso seguia-se uma etapa de sossego, que coincidia com as suas frequentes crises de asma ou com as grandes ressacas do álcool e dos medicamentos. Tal como Gomes Leal, metia-se na cama e aí recebia os amigos e conversava. Os bambinos eram os seus oito filhos e a família a sua tribo. Considerava-se próximo dos camponeses analfabetos e, em geral, dos vencidos e esquecidos, mas encarava-os acima de tudo como cobaias da sua escrita.

Não acreditava em nada, apenas na literatura e no seu poder de emancipação individual. Nenhuma circunstância o desviou do seu des-

tino irrenunciável de escritor e a ele sacrificou, com determinação e firmeza, saúde, amores e filhos. Para muitos, foi cobarde e egoísta, porque a sua obrigação era permanecer ao lado dos filhos, garantindo-lhes o sustento, mais do que convertê-los em matéria-prima da escrita, aproveitando-se da fome e da pobreza para fins estéticos. Transmitiu muitas vezes preocupação pelo seu futuro, mas não lhes dedicou muito tempo e utilizou-os para sacar mais «algum» dos amigos.

Queria ser reconhecido como escritor e não era indiferente aos «fumos da lisonja», mas nunca pretendeu ser o melhor prosador da sua geração nem se considerava um Autor grande. Mesmo assim, escreveu textos admiráveis, que brilham com luz própria — *Comunidade*, *O Teodolito* ou *O Caso das Criancinhas Desaparecidas* —, e fez as suas concessões à vulgaridade e ao sentimentalismo (*Os Namorados*), nada que o impedisse de conquistar um lugar merecido na história da literatura portuguesa. A sua escrita destilava quase sempre uma melancolia subterrânea, sobretudo quando descia à infância, como em *A Velha Casa*, onde fundia e confundia recordações para formar um tempo mítico que coexistia com a dolorosa e áspera realidade.

A ruptura com amigos e mulheres e a perda ou afastamento dos filhos — situações-limite, de enorme violência emocional, que dão espontaneidade e veemência à sua voz literária — são outras constantes da sua obra. Mas também a crítica feroz da sociedade burguesa ou a preocupação com a passagem inevitável do tempo, a decrepitude do corpo, como se o ser humano fosse apenas constituído de fluidos, salivas e doenças. Amava a vida e queria viver até aos mil anos, mas estava obcecado com a morte, «essa negra fatalidade rastejando como uma serpente», como lera num livro que lhe marcou a adolescência, *A Serpente Emplumada*, de D. H. Lawrence: a morte é a única verdade e está em todas as partes, acompanha todos os seres, mais tarde ou mais cedo reclamá-los-á a todos. «Hoje ou amanhã morremos todos.»

A grande mensagem, porém, era ele. Ele e o espectáculo de si próprio. A sua odisséia pessoal de escritor lutando para sobreviver exclusivamente da pena. Tornou-se espectador da sua própria figura e foi, por isso, duas vezes Luiz Pacheco. Incapaz de escrever um romance, decidiu pôr as suas vivências por escrito e estabeleceu como projecto literário seguir minuciosamente os seus próprios passos. Levou de tal forma longe a ideia de registar as causas e os efeitos que determinaram o seu carácter e o seu destino, que acabou por transformar a sua vida

numa espécie de romance hiper-realista. O seu objectivo: destruir as barreiras entre a literatura e a vida. Daí a linguagem viva e pitoresca, o léxico vulgar e o calão, ou os termos de sabor popular, que conferem à sua escrita uma atmosfera coloquial. Tudo isso misturado com termos eruditos ou vocabulário clássico, de Gil Vicente, Camões, Cavaleiro de Oliveira, Nicolau Tolentino ou Camilo Castelo Branco.

Luiz Pacheco queria transmitir a emoção humana directa, não artificial, mas o título do seu livro mais conhecido, *Exercícios de Estilo*, parece apontar, pelo contrário, para o carácter artificial dos textos. Exibicionista da sua vida pessoal, escreveu pacientemente milhares de páginas diarísticas onde procurava narrar o seu quotidiano, sem reticências nem comichões: misérias, vergonhas, factos desonrosos, humilhações, contradições, paixões animais, vulnerabilidades, a fealdade física, a embaraçosa intimidade, coisas pessoalmente comprometedoras, aquilo que as autobiografias procuram normalmente esconder, fruto de uma educação católica assente na dissimulação e no segredo (e não será que Pacheco escrevia tanto sobre si próprio para demonstrar a impossibilidade de o conhecerem ou, como dizia Nietzsche, porque falar muito de si mesmo é, também, uma forma de ocultar-se?).

As cartas e os postais acompanharam-no toda a vida, tornando-o num dos grandes escritores epistolares da literatura portuguesa. Praticou todas as formas de discursos epistolares possíveis, a carta privada, a carta aberta, o romance epistolar, o panfleto epistolar, que utilizava para comunicar e romper o isolamento, mas também para provocar nos amigos e «mecenas» movimentos de generosidade monetária, para os manipular e «cravar».

Capaz de aparecer nu no meio do Montijo ou de pijama no Largo do Carmo, no 25 de Abril, em torno dele criou-se uma lenda, histórias e boatos, uns divertidos, outros desagradáveis, que circulavam e que quase nunca se incomodou em contradizer ou desmentir, porque, como alguém disse, essa é a melhor forma de chegar a génio. Concedeu várias entrevistas, sobretudo nas décadas de 1990 e 2000, onde a sua língua viperina era pródiga em maldades e coscuvilhices, confundindo deliberadamente os domínios do público e do privado e montando um circo paralelo às suas obras. Lado paródico e burlesco que lhe permitia manter uma distância irónica em relação aos jornalistas e aos leitores.

Passou os últimos anos em lares da chamada terceira idade, paisagens em ruínas que misturam cheiro a desinfetante, a ramos de flores, urina e roupa de cama. Como velho que era, não suportava os velhos, os outros velhos. Sentado no cadeirão, de manta nos joelhos, fraquejando das pernas e com o peito esmagado, retraído sobre os pulmões castigados pelos enfisemas, Luiz Pacheco confundia-se já com a própria morte: «Daqui a cem anos que importância tem isto, quem se lembrará de nós? quem se lembrará de mim?»

Escrever a biografia de Luiz Pacheco é escrever a biografia de um escritor que fez da sua vida a matéria da sua escrita, que fez da obra o palco da sua «aventura existencial». Utilizando um lugar-comum, entre a vida e a obra de Luiz Pacheco não existia uma separação, as duas estavam estreitamente dependentes uma da outra. Instrumento de engenharia identitária, a escrita serviu para Pacheco se *expressar* mas também para se *constituir*, sobretudo no futuro: embora tivesse plena consciência da enorme fragilidade da posteridade, o facto de ter deixado muita coisa inédita, sendo uma prática corrente no meio, mostra que o sentido daquilo que escrevia não residia apenas no significado que teria para os seus coetâneos mas também para os vindouros.

Putá Que os Pariu! compõe-se de diferentes narrativas, cada uma delas possuindo a sua própria coerência: a da sucessão cronológica linear; a que releva da identidade do biografado, construída pelo biógrafo a partir de alguns temas centrais da trajetória social e literária de Luiz Pacheco; e a que resulta da análise da dimensão simbólica da imagem de Luiz Pacheco como «escritor maldito». Três narrativas unidas por um mesmo objectivo: estabelecer um encadeamento de actos e factos da vida de Luiz Pacheco sem dissolver a sua personalidade num caos de historietas ou anedotas de vida (embora em certos momentos tenha decidido fundir a narrativa com o próprio discurso do biografado, para assim devolver à dispersão e à incoerência o seu carácter essencial).

As secções temáticas procuraram pôr em evidência os aspectos recorrentes da sua biografia — as prisões, os processos literários, os internamentos, os desdobramentos da sua actividade literária —, fundamentais para se reconstituir os quadros cognitivos e sociais que guiaram a sua acção, bem como as problemáticas existenciais a que tentou responder através da escrita.

A escolha de Luiz Pacheco como objecto de análise não foi motivada pelo desejo de falar de uma vida esquecida ou destituída de glória, abordando-a do ponto de vista biográfico como o inverso dos modelos de edificação moral (por muito interessante que seja reflectir sobre as modalidades de desaparecimento de uma figura singular e sobre os procedimentos da sua redescoberta). Tão-pouco quis render justiça a um escritor ignorado e inexistente na memória literária colectiva. Por uma razão singela: Luiz Pacheco é uma figura conhecida da elite intelectual e ainda em vida gozou de prestígio e reconhecimento literário.

Para rematar, duas perguntas inevitáveis: a vida de Luiz Pacheco foi mais interessante que a sua obra ou os seus textos são mais interessantes que a sua biografia? Pode um biógrafo, depois de conhecer profundamente a vida de um escritor, ficar a gostar mais do autor que da sua obra?

.I. Primeiros Passos

Depois de ter arriscado a grande decisão — tornar-se escritor profissional —, Pacheco tentou o romance, género que ocupava, já então, o lugar mais elevado na escala de valores literários. A questão do romance, aliás, perseguiu-o durante anos. No Verão de 1968,

Recebo no Limoeiro uma carta cheia de generosidade do João Palma Ferreira, que me surgiu inesperadamente trabalhando já não sei em que qualidade, em Publicações Europa-América. Prometia-me apoio sólido, decisivo para a minha reintegração na Sociedade. E foi assim: encontrámo-nos Cá Fora, meses depois, numa esplanada que havia ao fundo da Duque de Loulé, com a estátua do Camilo a olhar para nós, ríspida testemunha e nada auspiciosa. O Palma Ferreira vinha transbordante de projectos, queria matar-me com tanto trabalho. Além de dois empregos, anunciava já, para já! uma edição na Europa-América. «Um livro seu, é urgente seja o que for, talvez romance.» E acrescentava, totalmente eufórico: «Fazem-se três mil exemplares, aquilo vende-se como carapaus!»

Saí da entrevista derreado. Para quem vinha de fazer turismo entre cadastrados, tarefas como estas: jogar dominó, enfiar molas de roupa (uns brinquedos em plástico, nunca aderi), escrever um romance não estaria nos meus projectos imediatos. Nem nada. E recordei que, anos antes, nas Caldas da Rainha, Vergílio Ferreira me soprara sugestão idêntica: «Faça um romance, homem!» E que eu lhe respondera na consciência das minhas nulas possibilidades: «Mestre, não sei.» E ainda não sei. E calculo: nunca virei a saber. [*Isto de Estar Vivo*, pp. 83-84]

Em mais de uma ocasião, Pacheco tentou ou propôs-se escrever um romance. O primeiro intitulava-se *A Enorme Repulsa*, que nunca acabou mas que tinha um plano de conjunto e incluía alguns textos reunidos depois em *Exercícios de Estilo*: «O Teodolito», «It Missa Est», «Conversa de Três», «O Segundo da Esquerda» e «Insólita Agressão». Numa carta, Virgílio Martinho dava conta da existência desse projecto de romance. Depois de agradecer o envio de «O Cachecol do Artista», pedia-lhe: «que arranjes forças para a Enorme Repulsa» [*PVC*, p. 81]. A ideia para o título viera-lhe na sequência da invasão de Goa, Damão e Diu, em 1961, pelas tropas da União Indiana. As reportagens que narravam esses acontecimentos repetiam vezes sem conta as expressões «insólita

agressão» (por parte da União Indiana) e «enorme repulsa» (de Portugal pelo ataque).

O objectivo era que fossem textos «insólitos» e «repelentes». A abrir o romance estaria «O Teodolito», que Pacheco terá começado a escrever em Almoinha, antes ainda de pensar incluí-lo nesse romance. Sobre «O Teodolito» disse que era «obsceno» e «o primeiro texto neo-abjeccionista português» (o segundo seria «A Mulher dos Meus Sonhos», que se perdeu ou que simplesmente nunca escreveu):

Para breve lhe anuncio a publicação dum texto meu. Receio que V. não goste, pois é bastante *impróprio* para senhoras. Desde o Bocage, creio eu, a língua portuguesa, aliás com fortes tendências nativas e usuais para tanto, não era *tocada* no campo da obscenidade com tal força. Chama-se *O Teodolito*, *composição neo-abjeccionista*. Agora o que eu gostava que V. lesse era a minha noveleta A ENORME REPULSA, de objectivos actualistas, e da qual *O Teodolito* é, mais ou menos, o 1.º capítulo.³⁵

O teodolito é um instrumento que serve para medir as distâncias, o que, aplicado por analogia às relações humanas, permite a um indivíduo conhecer a sua circunstância — no texto a circunstância define-se por uma sucessão de pequenos acontecimentos que correm mal — e, por inerência lógica, ajuda-o a marcar a sua posição em relação aos outros. O texto acabou por ser publicado separadamente, em 1962, na Contraponto e em estênsil (o exemplar que existe na Biblioteca Nacional está dedicado a Natália Correia: «para a Natália, este texto de liberdade e libertinagem, que ela é a única mulher portuguesa do seu tempo capaz de entender. E perdoar, com a amizade do Autor»),³⁶ e entusiasmou o leitor Eduardo Lourenço: «Li com verdadeiro assombro o Teodolito, texto magnífico em todos os sentidos, de uma ciência de composição e de um modernismo impecáveis. O Luís Pacheco não é só alguém fora do comum, mas um verdadeiro e grande escritor.»³⁷

A segunda tentativa foi um romance chamado *Os Relógios*, que se perdeu numa pensão do Porto, onde o tinha deixado por falta de dinheiro para pagar a estadia. Mais tarde, quando lá voltou para o recuperar, desaparecera: «Tinha uns sacos na Pensão Divino Sol, na Travessa de Passos Manuel, quase diante do TEP; com um original, esboço, falhado romance *Os Relógios*, e mais livralhadas. Os ratos comeram,

disse-me a galega, cuja filha era um divino raio de luz. A literatura nacional ganhou muito, menos trampa em livro.»³⁸ Houve outras tentativas, textos que se perderam, como *A Corrida* (novela ou romance, só escreveu o primeiro capítulo ou andamento, teria quatro), *Recordando Com Raiva* (romance com três partes), *Os Grilos na Varanda* (romance ou novela). A sua incapacidade de acabar um romance devia-se, pelo menos parcialmente, às condições de vida, que nunca lhe proporcionaram um ambiente propício.

De facto, como vimos, desde que se demitira, em Julho de 1959, Pacheco foi sucessivamente pai, andou fugido à polícia, deambulou pelo país, esteve preso no Limoeiro, mudou várias vezes de casa, Setúbal, Almoinha — um período de enormes dificuldades, com a família a alimentar-se de caracóis e chicharros —, envolveu-se com Maria Irene, que também engravidou, teve de fugir novamente, primeiro para Setúbal, depois para as Caldas da Rainha. Com esta vida, Pacheco percebeu que não lhe seria possível escrever um romance, e em várias ocasiões o confessou:

não sei. Precisamente: não sei! foi a resposta singela e sincera que dei ao Vergílio Ferreira quando me indagou, solícito, quase paternal, por que é que eu não escrevia romances, como se tal fosse um objectivo vital, não era (para mim). Algumas vezes pensei nisso, escrevi linhas, poucas páginas. O género requer uma persistência (além doutros dotes), um meio calmo, uma atenção que raramente me foram propícias. E uma técnica. Viu-se o Tchekov, tão exímio contista, incapaz de elaborar um romance, nem era nada fácil, perante os monstros contemporâneos: Tolstoi, Dostoievski, para já não falar de Gogol ou Turguenev. Perante obras colossais como as daqueles dois, era muito difícil ombrear, imitar, fazer diferente em óptimo (casos do Fialho e do Brandão perante o nosso Eça). [*Diário Selvagem*]

Se Pacheco escreveu fundamentalmente textos curtos, foi porque adaptou a escrita às suas condições de possibilidade — tal como Kafka, cuja profissão como jurista numa companhia de seguros que lhe consumia oitenta por cento do seu tempo influenciou a opção pelos contos e pequenas novelas.³⁹ A vida instável e, em determinadas fases, boémia, pouco ascética, terá sido uma das razões pelas quais privilegiou géneros fragmentários como as pequenas memórias e a diarística. Mais do

que resultado da concorrência no campo ou de uma tomada de posição estratégica, a escrita de Pacheco esteve dependente de condições sociais que iam muito além das questões meramente literárias. Assim, a sua obra como escritor, pelo menos a que está editada, não é muito extensa, quase caberia dentro de uma caixa de sapatos. É uma escrita fragmentária, composta de textos breves, que raras vezes ultrapassam meia dúzia de páginas ou que pertencem a géneros, por natureza, autobiográficos e fragmentários: a epistolografia, a diarística, a confissão instantânea. Logo, o seu tipo de escrita não é independente das disposições construídas socialmente.

O que é que conduz um indivíduo a escrever a sua autobiografia e a testemunhar o seu passado? O que é que pode impelir uma pessoa a escrever sobre si próprio, mesmo contra a sensação de ser pretensioso, arrogante, narcisista? O que é que se viveu para se sentir digno de contar a sua vida? Em que estado da sua experiência social considerou interessante contar-se a si próprio? A formação familiar ou escolar terão ajudado a desencadear um desejo imperioso de escrever sobre si? Que condições individuais e colectivas autorizam uma pessoa a escrever a sua vida? E de que forma utilizou a literatura para exprimir as suas experiências?

No caso de Pacheco, houve uma conjugação de circunstâncias que nos permitem perceber a sua opção pela autobiografia. Em primeiro lugar, o exemplo colhido em casa dos pais, nomeadamente o livro com a história da família iniciado pelo tio Mário Pacheco e continuado pelo pai: «O livro foi feito, começado pelo meu tio [...]. Toda a parte de investigação, certidões, é obra paciente, creio, e chata dele. Foi uma tineta. Mas não prejudicou ninguém. O meu Pai actualizou, conforme lhe convinha.»⁴⁰ Um gosto que adquiriu em novo e que manteve intacto ao longo de toda a sua vida, como confessou no seu *Diário Selvagem*: «desde muito novo tive propensão para ler coisas de vidas, principalmente de escritores. Biografias, diários, confissões, memórias, relatos verídicos: uma barreira contra a fantasia, um apelo à realidade das coisas e dos seres.»⁴¹

Outra razão que o terá levado a privilegiar o género autobiográfico foi a consciência de que tinha uma vida digna de ser contada, a sensação de que o seu destino era excepcional e singular, quase único:

Se eu tive um destino singular, na modéstia que todos temos *um único*, original e nosso, muito nosso e apenas isso, mas repito: se, em

comparação com muita da gente que me rodeia, lhe posso ainda, aqui comigo e nas histórias lendárias ou veras que de mim contam (algumas tenho ouvido, espantado sem acreditar; doutras nem já me lembrava mas foram mesmo), esse meu destino, *é singular*, porque será? Interrogo(-me) e não sou capaz, não lhe (me) sei responder. A doença em pequeno? a devoradora leitura, alargando uma imaginação já de si exagerada, neurótica? uma degenerescência familiar de que fiz bastante para me salvar, procurando outros rumos, novos projectos, caras felizes? um acentuado pendor para a contradição ou atenção crítica que começa no querer ver *como é*, saber ouvir, ler muito e variado, e desconfiando sempre? [*Droga*, pp. 10-11]

A partir de certa altura, depois de perceber que não era capaz de escrever um romance, Pacheco descobriu que a sua experiência, ou o seu percurso de vida, tinha algo de excepcional e que lhe podia proporcionar, directamente, a matéria da sua escrita: «eu acho que se tivesse andado de avião, e feito viagens ao estrangeiro tinha uma dimensão do mundo muito mais rica do que a que tenho. Mas também eu fui lá abaixo, à cadeia, fui ao asilo, fui ao hospital, estive nos malucos, por causa do álcool, internado» [*Crocodilo*, p. 65].

Sem dúvida, Pacheco olhava para a sua vida como um romance, pensava que caso conseguisse transpor para o papel, directamente, naturalmente, a sua experiência vital o resultado seria um romance ou algo aproximado, o qual deveria ser exemplar, para o melhor e para o pior:

Para fazer da minha vida um romance? ou uma série de textos insólitos que, por simples aglomeração, ergam uma vivência singular, sem veleidades de metáforas, comparações, esquisitices da burocracia literata rotineira? Creio que sim. E sublinhar em cada um o aspecto grotesco a que me reduziram, conduziram (até aqui, no Barro: vir meter-me na Tribo dos Cospe-Cospe para sobreviver à fome e ao catarro), transformaram. Quase aniquilaram. Ao contrário de quase todos os escribas, estou farto de levar porrada da Vida. Era tempo de virar isso a meu favor. Como?! escrevendo tal-qual. A verdade é que assusta e empolga as pessoas. Não assisti às coisas tremendas que o Malaparte descreve [no romance *Kaputt*, que Pacheco estava a ler nesta época]; mas assisti e meti-me noutras, caseiras e mesquinhas, mas fora do habitual.

É tempo de gozar um bocado comigo e de mim. Porque só tenho duas saídas: essa, da jocosidade, ou da amargura. Por este caminho, ninguém vem atrás de mim, não se cativa pela choradeira mas pelo humor. Partes gagas, como a do meu casamento no Limoeiro, a aventura no Mucifal, proezas nas Caldas, as negas a várias fodas com mulheres e, até, com rapazes (o Zézito, de Ansião), de quando ia quase matando o meu pai, os ratos filatélicos, a denúncia da quadrilha ao Óscar, os rapazes bons e a vida louca de Massamá, a Fátima e a Irene, o Rodinhas, é um carrossel de gente e de eventos de que poucos se podem orgulhar no Disparate. A vida com a Kalmeirona, as figuras literárias (AS VACAS, tipo Cesariny, Natália, no passado e no presente, eis uma galeria à portuguesa em que não receio confronto). A ideia havia de brotar aqui, na miséria suja da Tribo dos Cospe Cospe.

E isso ainda é o folclore, o anedótico. O principal é a força íntima, a minha força, que me levou a casar no Limoeiro como me trouxe agora ao Barro. A força e/ou a fraqueza. O que terá de ser levado a rir. Senão, é uma série infindável de «Tomas!» para os outros que me rodeiam, para a Sociedade. Vítima (e carrasco; como eu fui carrasco com a Irene, o Paulocas!) mas a rir e risível. No fundo dos fundos, uma MORALIDADE e a sua opção consciente ou irreprimível. [*Diário 1982*]

Principalmente a partir de 1970, quando começou a escrever um diário (que manteve até à década de 1990), um dos grandes objectivos era reconstituir literariamente a sua vida, marcada por um quotidiano fora do vulgar, que não se parecia com nenhum outro e que, por isso mesmo, merecia ser observado e exibido. Mais do que através da ficção, era pela sua biografia que iria alcançar a singularidade e a originalidade, valores supremos em arte:

O pior ainda não é o literário, é o humano. Na verdade, os créditos do Pessoa perante a posteridade eram apenas literários e em super-força e grandeza. Os meus quero-os humanos porque a posteridade merece-se ou não por obras e não apenas as literárias mas as humanas. E eu tento que sejam estas a fazerem-no. [*Remendado*, p. 104]

Percebe-se então que defendesse aquele modelo do escritor que procura sempre alargar a sua experiência de vida, relacionar-se e misturar-

-se intensamente com os outros, sujar as mãos de realidade, o contrário do escritor de gabinete, que execrava:

Li não sei onde que ao contrário dos escritores europeus, os americanos não seguiam sucessivamente sem cessar uma/a chamada carreira das letras. Publicavam um livro, depois de terem passado pelas mais diversas profissões (é ler-lhes as biografias) e, obtendo êxito, ficavam governados para uma data de anos, com as fabulosas tiragens, com o prestígio mundial logo reflectindo-se em traduções múltiplas, com adaptações cinematográficas. E durante anos iam às suas vidas, quer metendo-se na política, quer viajando, exercendo outros misteres, caçando em safaris como o Hemingway ou criando cavalos nalgum rancho perdido do Texas. Voltavam a escrever? traziam vivências extraordinárias, livros completamente novos. Na Europa, anotava o tal sujeito onde colhi esta informação com que concordo, o escritor é o literato de carreira, o professor, o clerc, integra-se num contexto social como escritor, cai numa engrenagem de produtor-consumidor. [*Inquisitorial*]

Pacheco não é apenas definido por aquilo que conta, mas também pelo facto em si de o contar, um factor mais da sua trajectória vital (logo, além de relato de uma trajectória, a autobiografia deve ser vista também como um momento dessa trajectória).⁴² Que tivessem existido algumas condições ou circunstâncias que ajudam a perceber uma escrita centrada em textos autobiográficos não quer dizer que ela não obedecesse igualmente a um desejo de compreender a sua própria biografia, de tentar ordenar, de forma significativa, os acontecimentos da sua vida e de expressar os seus problemas. Aparentemente, foi isso que o levou a conceber a literatura como uma espécie de auto-análise e de acto libertador, como um instrumento para se libertar de determinadas obsessões, problemas e contradições que a existência social lhe colocara.

Esse seu projecto obrigava-o a uma lisura de linguagem que coincidissem fielmente com o seu pensamento mais íntimo, sem evasivas, sem manobras de diversão, sem ambiguidades de estilo:

Chegado aqui, e já me alonguei demasiado, é de calcular que tenhas percebido o meu intento: nada te ocultar, deixar que penetres em mim, na minha ímpar, sólida, corrupta intimidade mas sem que te

tornes meu familiar [...]. Não és meu familiar, nem ora nem nunca. Mas só um espectador, ouvinte, leitor do que me apetece mostrar, dizer, *registrar*. Ao acaso; por liames inconfessos. A meu bel-prazer e, também, a meu contragosto. Episódios, mui poucos, Limados, Estilizados. Nus.

E em todos verás sempre o mesmo: a minha vida. Qualquer vidinha de qualquer um é *Uma Admirável Droga*. Não voltará a repetir-se nunca com mais ninguém. Não se confundirá com outra, entre biliões e biliões, há milhares de anos, como nos que vierem. Apenas um lugar, uma fórmula e um espectáculo para cada qual. [...] A Vida é sonho? nem tanto. Inventamos nada; passámos com o devaneio que éramos duradouros e podemos parar logo mesmo ali. [*Droga*, pp. 18-19]

Isso era, na sua opinião, o contrário da literatura do seu tempo, em grande medida dissociada da realidade e formando um mundo autónomo de textos que remetiam para outros textos sem se relacionarem directamente com a experiência humana, que não mostravam a inter-relação entre o desenvolvimento do comportamento individual e da sociedade, onde a vida parecia dominada pela «Ideia». O mesmo se passava com a crítica, quer jornalística quer ensaística, onde o pensamento dos seus autores, quase nunca afirmado de forma directa, estava escondido por trás de bibliografias e aparatos críticos superabundantes. Este anti-intelectualismo ou desprezo pela literatice, iniciado por Rimbaud e continuado pelos surrealistas e dadaístas, estava intrinsecamente ligado ao seu projecto literário e humano de dizer tudo, nua e cruamente, inclusive o que há de mais terrível dentro de nós, sem eufemismos nem artificialismos. Ele, ao contrário de quase todos os seus contemporâneos, iria contar toda a verdade sobre a sua vida: «Nunca Zé Gomes [Ferreira] se dispôs a dizer *tudo* de si próprio, como Montaigne» [*Diário Selvagem*].

Progressivamente, à medida que ia ficando mais nítido esse seu projecto de construir uma narrativa baseada explicitamente na sua biografia, na qual se pudesse assistir à «formação de um indivíduo», os diários foram assumindo uma importância cada vez maior, tornaram-se uma prática regular de escrita, paralela (mas não menos importante) aos textos que viam a luz do dia.

A primeira vez que se dispôs a escrever um diário foi no Limoeiro. No entanto, só mais tarde, em 1970, é que se entregou, de forma

Fontes e bibliografia

Fontes primárias

FONTES OFICIAIS

- Diário do Governo, 10 de Julho de 1956, II Série, n.º 162, pp. 4919-4920.
- Diário do Governo, 22 de Setembro de 1956, II Série, n.º 225, p. 6957.
- Diário do Governo, 5 de Fevereiro de 1959, II Série, n.º 30, pp. 905-906.
- Diário do Governo, 22 de Julho de 1959, II Série, n.º 170, p. 5993.
- Tribunal 2.º Juízo Criminal de Lisboa, processo n.º 125/66, Autos de Processo de Instrução Preparatória (Liberdade de Imprensa), Ministério Público, 1966 (publicado como «A 1.ª edição portuguesa ou Sade e o Tribunal Plenário de Lisboa — documentos para uma reflexão exemplar sobre política-cultura-moral-ditadura», incluído em Marquês de Sade, *A Filosofia na Alcova*, Lisboa, Afrodite, s/d, 2.ª edição, pp. 286-318).
- Comarca de Lisboa, 2.º Juízo Criminal, Despacho de pronúncia, pp. 320-326.
- Contestação dos réus, pp. 328-347.
- Questionário e Acórdão do Tribunal Plenário (excertos), pp. 350-359.
- Auto de inutilização de livros (PSP, Província da Guiné), 5/2/1970, p. 361.
- Registo de nascimento de Luiz Pacheco, 3.ª Conservatória do Registo Civil de Lisboa, passada em 23 de Novembro de 2007.

- ANTT, Arquivos PIDE/DGS, Processo 2884 — CI (I) NT 1252.
- «Acusação contra Luís Pacheco», processo pela *Antologia da Poesia Portuguesa Erótica e Satírica* (BNP, «Espólio Luiz Pacheco», N85, caixa 4, 8 folhas).

PUBLICAÇÕES INSTITUCIONAIS

- I Congresso dos Escritores Portugueses, 1975 (comunicações dactilografadas, arquivo pessoal).
- Associação Portuguesa de Escritores, *Breve Memorial da Sociedade Portuguesa de Escritores e Associação Portuguesa de Escritores no X.º Aniversário da APE*, Lisboa, 1983.
- Secretariado Nacional de Informação, *Notícias de Portugal*, n.º 943, 29 de Maio de 1965.

TEXTOS INÉDITOS DE LUIZ PACHECO

MANUSCRITOS

- E PAPÉIS DACTILOGRAFADOS
- «Postal RSF de divulgação da obra de Mário Sacramento, *Fernando Pessoa, Poeta da Hora Absurda*», Lisboa, Contraponto, 1960.

- «A insólita ingratidão» (Biblioteca Luís Piteira), 1962.
- «Postal de divulgação de *Crítica de Circunstância*, de Delfim da Costa, o Cangalheiro da Cidade» (com um poema de Delfim da Costa), Lisboa, 1966.
- «Azazel ou o bode que está entre nós», de Delfim da Costa (BNP, «Espólio Luiz Pacheco», N85, caixa 1).
- «Comunicado ou intervenção da província» (BNP, «Espólio Luiz Pacheco», N85, caixa 6).
- «Estórias do cárcere»/«Ladrões de bicicletas» (BNP, «Espólio Luiz Pacheco», N85, caixa 6).
- «A minha Irene», 1968 (BNP, «Espólio Luiz Pacheco», N85, caixa 6).
- «A vida quotidiana em Paços d'Apar S. Martinho (vulgo O Limoeiro)» (BNP, «Espólio Luiz Pacheco», N85, caixa 7).
- «Pescadinha» (BNP, «Espólio Luiz Pacheco», N85, caixa 7).
- «Auto de declarações», 1966 (arquivo da família).
- «Memorando ao editor sobre o livro *Pacheco versus Cesariny*, 12 de Agosto de 1973 (arquivo da família).
- «À saída do Limoeiro», 18 de Setembro de 1991 (cinco páginas dactilografadas, fotocópias, arquivo pessoal).
- «O Limoeiro em 1968» (BNP, «Espólio Luiz Pacheco», N85, caixa 7).
- «Geninha, a sem-par» (BNP, «Espólio Luiz Pacheco», N85, caixa 6).
- «Inquérito inquisitorial» (BNP, «Espólio Luiz Pacheco», N85, caixa 4, 62 folhas dactilografadas).
- «Muito chateado ou talvez não» (BNP, «Espólio Luiz Pacheco», N85, caixa 4, duas folhas, quatro páginas).
- «Memorial: relações de trabalho com a Estampa», 4 de Janeiro de 1994 (arquivo da família).
- «Circular de divulgação da editora Contraponto» (sobre *O Urvo do Coiote* — 2, entrevistas de Luiz Pacheco), Palmela, 10 de Fevereiro de 1996.
- «Circular de divulgação da editora Contraponto» (sobre *Cartas na Mesa*, de Luiz Pacheco), Palmela, 22/9/1996.
- «Circular de divulgação da editora Contraponto» (sobre *Uma Casa na Praia*, de Pablo Neruda), Palmela, 27/11/1996.
- «Paulo Guerreiro Pacheco (Paulo Eduardo de Alvarrão Guerreiro Pacheco Simões) (1894-1960)», s/d. (cinco páginas dactilografadas, fotocópias, arquivo pessoal).
- «O bife» (Biblioteca Luís Piteira), s/d.
- «30 coplas de pé quebrado compostas, musicadas, cantadas por Delfim da Costa, o Cangalheiro da Cidade» (inclui «A oportuna entrevista com o Cangalheiro da Cidade»), série «O prato do diabo», Contraponto, s/d.
- «À aventura em Massamá» (datado de 4 de Outubro de 1999, arquivo da família).
- «*Woyzeck* censurado no fascismo» (incompleto, arquivo da família).
- «As minhas cinco chagas de mestre Almada Negreiros», s/d (várias versões, arquivo da família).
- «Quem copia quem» (caderno manuscrito, arquivo da família).
- «Festejando a morte do ditado!» (arquivo da família).
- «O pedófilo perfeito» (arquivo da família).
- «Textos nus» (arquivo da família).
- «As palavras mágicas», s/d. (arquivo da família).
- «A ver literatura/Haver literatura», s/d. (arquivo da família).
- «Diário da campanha (a minha, memorando o lançamento do M.-M)» (iniciado a 31 de Agosto de 1995, BNP, Espólio Luiz Pacheco, N85, caixa 7).

- DIÁRIOS
(INÉDITOS, ARQUIVO DA FAMÍLIA)
- Diário Remendado (dias não incluídos na edição Dom Quixote de *Diário Remendado*): 6/3/1973; 31/3/73; 23/6/73; 24/6/73; 12/11/73; 4/6/1974; 16/6/74; 3/2/1975; 17/6/75; 18/6/75; 19/6/75; 29/7/75; 31/8/75; 19/10/75; 20/10/75; 25/10/75; 12/11/75; 11/12/75; 14/12/75.
- Diário da Indecisão 15/9/1975 a 18/10/1975.
- Diário 1979, 22/07/1979 a 17/10/1979.
- Diário 1980/1981/1982 (com o título «Ejaculações», BNP, «Espólio Luiz Pacheco», N85, caixa 3).
- Diário 1981, 02/06/1981 a 17/6/1981.
- Diário 1982 (Livro Negro).
- Diário 1981/1982/1983.
- Diário 1986, 01/12/1986 a 20/12/1986.
- Diário 1987.
- Diário 1989-1990 (com o título *Provas de Vida*, de 8/03/1989 a 24/06/1990).
- Diário 1992 (inclui um Livro Negro com o título «Contraponto (eu) na fase terminal»).
- Diário Selvagem 17/6/93 a 21/12/1993.
- Diário 1995 (BNP, «Espólio Luiz Pacheco», N85, caixa 7).
- Diário 1997 (páginas soltas).
- Diário 1999 (com o título *Ordem para Matar*, de 21/02/1999 de 29/10/1999).
- PARA CARLOS LOURES
(BNP, «Espólio Luiz Pacheco», N85, caixa 4)
25 de Setembro de 1967 (Caldas da Rainha)
- PARA EDITE SOEIRO
(BNP, «Espólio Luiz Pacheco», N85, caixa 4)
15 de Fevereiro de 1968 (Caldas da Rainha)
- PARA FERNANDO RIBEIRO DE MELO
(BNP, «Espólio Luiz Pacheco», N85, caixa 4)
Caldas da Rainha
25 de Fevereiro de 1966
3 de Março de 1966
- PARA FERNANDO ROCHA CALIXTO
(BNP, «Espólio Luiz Pacheco», N85, caixa 4)
26 de Setembro de 1967 (Caldas da Rainha)
- PARA FLORENTINO GOULART NOGUEIRA
conjunto formado por quatro cartas e 13 postais
Cartas
Setúbal
28 de Junho de 1991
4 de Julho de 1991
8 de Outubro de 1991
13 de Abril de 1993
Postais
Setúbal
25 de Março de 1991
27 de Junho de 1991
29 de Agosto de 1991
11 de Setembro de 1991
7 de Outubro de 1991
(2 postais do mesmo dia)
28 de Novembro de 1991
1 de Janeiro de 1992
2 de Novembro de 1992
- CORRESPONDÊNCIA
DE LUIZ PACHECO (BNP)
- PARA ARTUR RAMOS
(BNP, «Espólio Luiz Pacheco», N85, caixa 4)
1962 (não seguiu)
26 de Setembro de 1967
6 de Outubro de 1967 (Caldas da Rainha)

- 17 de Março de 1993
29 de Agosto de 1993
10 de Fevereiro de 1994
Palmela
16 de Novembro de 1996
PARA IRENE RODRIGUES
(BNP, «Espólio Luiz Pacheco», N85, caixa 4, 9 postais)
Setúbal
7 de Junho de 1994
27 de Novembro de 1995
10 de Novembro de 1995
27 de Novembro de 1995
12 de Março de 1996
Palmela
15 de Outubro de 1996
17 de Novembro de 1996
1 de Janeiro de 1997
25 de Fevereiro de 1997
PARA HELENA BERGER
conjunto formado por cinco cartas
e 11 postais
Cartas
Montijo
4 de Fevereiro de 2000
Palmela
13 de Janeiro de 1999
24 de Fevereiro de 1999
22 de Maio de 1999
25 de Junho de 1999
Postais
Montijo
11 de Dezembro de 1999
8 de Janeiro de 2000
28 de Janeiro de 2000
11 de Março de 2000
17 de Dezembro de 2000
Palmela
19 de Outubro de 1997
2 de Novembro de 1997
19 de Novembro de 1997
25 de Fevereiro de 1999
19 de Outubro de 1999
- Lisboa
26 de Agosto de 2001
PARA JAIME AIRES PEREIRA,
conjunto formado por 17 cartas
e 43 postais (BNP, Espólio Luís
Amaro, N5, Cx 18, «Luiz Pacheco:
cartas e postais a Jaime Aires
Pereira»)
Cartas
Caldas da Rainha
27 de Maio de 1965
17 de Julho de 1966
20 de Julho de 1966
2 de Setembro de 1966
12 de Setembro de 1966
7 de Outubro de 1966
3 de Dezembro de 1966
Coimbra
4 de Dezembro de 1977
Setúbal
12 de Agosto de 1964
18 de Dezembro de 1990
15 de Março de 1991
20 de Abril de 1991
21 de Maio de 1991
22 de Junho de 1991
25 de Junho de 1991
21 de Novembro de 1991
27 de Novembro de 1991
3 de Março de 1992
8 de Março de 1992
20 de Março de 1992
8 de Outubro de 1992
19 de Janeiro de 1993
Palmela
5 de Dezembro de 1997
17 de Janeiro de 1999
Montijo
23 de Dezembro de 1999
Postais
Lagos
13 de Novembro de 1978
Setúbal
8 de Janeiro de 1990
- 20 de Novembro de 1990
25 de Novembro de 1990
15 de Janeiro de 1991
27 de Março de 1991
9 de Abril de 1991
18 de Abril de 1991
16 de Maio de 1991
29 de Agosto de 1991
11 de Setembro de 1991
8 de Outubro de 1991
6 de Dezembro de 1991
11 de Janeiro de 1992
13 de Janeiro de 1992
21 de Janeiro de 1992
25 de Janeiro de 1992
14 de Fevereiro de 1992
3 de Março de 1992
27 de Março de 1992
31 de Março de 1992
29 de Julho de 1992
15 de Setembro de 1992
3 de Novembro de 1992
21 de Janeiro de 1993
7 de Fevereiro de 1993
8 de Fevereiro de 1993
18 de Março de 1993
2 de Abril de 1993
21 de Abril de 1993
2 de Junho de 1993
26 de Junho de 1993
29 de Junho de 1993
11 de Julho de 1993
18 de Fevereiro de 1994
Palmela
1 de Novembro de 1996
24 de Setembro de 1997
30 de Julho de 1998
18 de Agosto de 1998
6 de Outubro de 1998
11 de Outubro de 1998
31 de Janeiro de 1999
Pinhal Novo
6 de Janeiro de 1993
12 de Janeiro de 1993
- PARA JAIME SALAZAR SAMPAIO
(uma carta, enviada do Montijo, Rua
César Ventura, 2000; dia e mês ilegí-
veis no carimbo dos
correios).
PARA JOÃO GASPAS SIMÕES
(BNP, Esp. 16)
Cartas
16 de Fevereiro de 1962 (Almoinha)
PARA JOÃO PALMA-FERREIRA
(BNP, «Espólio João Palma-Ferreira»,
N2, 992-996)
11 de Dezembro de 1968 (Caldas da
Rainha)
23 de Agosto de 1968
PARA JOÃO RODRIGUES
(BNP, «Espólio Luiz Pacheco»,
N85, caixa 4)
10 de Abril de 1963 (Setúbal)
PARA JOSÉ MANUEL SIMÕES
(BNP, «Espólio Luiz Pacheco»,
N85, caixa 4)
16 de Dezembro de 1959
PARA LAUREANO BARROS
(BNP, «Espólio Luiz Pacheco»,
N85, caixa 4)
30 de Junho de 1982
(Centro António Flores, Lisboa)
PARA LUÍS PITEIRA
Massamá
6 de Junho de 1972
26 de Setembro de 1972
24 de Outubro de 1972
9 de Novembro de 1972
16 de Janeiro de 1973
17 de Março de 1973
27 de Março de 1973
21 de Abril de 1973
22 de Junho de 1973

28 de Agosto de 1973 20/10/?
 17 de Outubro de 1973 16/03/?
 21 de Fevereiro de 1974 19 de Janeiro de 1963
 13 de Agosto de 1974 19 de Fevereiro de 1963
 22 de Agosto de 1974 27 de Maio de 1963
 23 de Agosto de 1974 6 de Junho de 1963
 13 de Abril de 1975 30 de Agosto de 1963
 Caldas da Rainha
 PARA MARIA DO CARMO ABREU
 (BNP, «Espólio Luiz Pacheco»,
 N85, caixa 4)
 Caldas da Rainha
 22 de Janeiro de 1968
 2 de Outubro de 1968
 29 de Dezembro de 1964
 6 de Junho de 1965
 6 de Agosto de 1965
 18 de Junho de 1966
 26 de Junho de 1966
 9 de Setembro de 1966
 2 bilhetes-postais sem data
 e sem local de envio
 1 bilhete-postal de 20/08/? (Almada)
 PARA MÁRIO CESARINY DE VASCONCELOS
 (BNP, «Espólio Luiz Pacheco», N85,
 caixa 4, 36 bilhetes-postais).
 Santarém
 21 de Abril de 1955
 Viana do Castelo
 13 de Agosto de 1956
 16 de Agosto de 1956
 Lisboa
 3 de Agosto de 1957
 20/04/?
 Braga
 16 de Outubro de 1961
 Porto
 20 de Setembro de 1961
 Almoinha/Sesimbra
 17 de Fevereiro de 1962
 Macieira/Sertã
 3 de Janeiro de 1962
 11 de Junho de 1962
 19 de Julho de 1962
 7 de Agosto de 1962
 8 de Setembro de 1962
 11 de Setembro de 1962
 21 de Setembro de 1962
 28 de Setembro de 1962
 3 de Outubro de 1962
 9 de Outubro de 1962
 Setúbal
 s/d
 PARA MÁXIMO LISBOA
 (BNP, «Espólio Luiz Pacheco», N85,
 caixa 4)
 25 de Setembro de 1967 (Caldas da
 Rainha)
 PARA NATÁLIA CORREIA
 (BNP, «Espólio Natália Correia»,
 D9/1560-1590, 1956-1968)
Cartas
 Sem indicação do local do envio
 6 de Novembro (1956?)
 31 de Julho s/a
 s/d
 s/d
 20 de Agosto s/a
 8 de Maio de 1959
 1962
 Setúbal
 12 de Agosto (1956?)
 Caldas da Rainha
 20 de Julho s/a
 8 de Setembro de 1965
 3 de Março de 1966
 17 de Maio de 1966
 26 de Agosto de 1966

Macieira (Sertã)
 23 de Agosto s/a
 20 de Setembro de 1962
 Almoinha
 23 de Outubro s/a
 16 de Fevereiro de 1962
 Viana do Castelo
 12 de Agosto de 1956
Postais
 Peso da Régua
 8 de Dezembro de 1959
 Setúbal
 7 de Setembro de 1979
 11 de Maio de 1964
 6 de Junho de 1964
 22 de Junho de 1964
 14 de Julho de 1967
 Caldas da Rainha
 21 de Janeiro de 1965
 12 de Fevereiro de 1966
 12 de Agosto de 1968
 PARA VERGÍLIO FERREIRA
 (BNP, «Espólio Vergílio Ferreira»,
 E31, 6563-6585 e 914-915).
Cartas
 Lisboa
 17 de Junho de 1953
 4 de Novembro de 1953
 18 de Novembro de 1953
 28 de Novembro de 1953
 5 de Dezembro de 1953
 23 de Dezembro de 1953
 22 de Fevereiro de 1954
 2 de Maio de 1954
 19 de Maio de 1954
 7 de Junho de 1954
 24 de Setembro de 1954
 6 de Dezembro de 1954
 30 de Julho de 1954
 17 de Agosto de 1954
 28 de Novembro (1954 ou 1955?)
 4 de Abril de 1956
 20 de Outubro de 1956
 9 de Setembro de 1957
 26 de Setembro (1957?)
 5 de Março de 1966
 11 de Maio s/a
 s/d
 18 de Fevereiro s/a
 25 de Agosto de 1980
Postais
 Lisboa
 16 de Janeiro de 1954
 30 de Janeiro de 1965
 5 de Março de 1972
 PARA ZETO DA CUNHA GONÇALVES
 (BNP, «Espólio Luiz Pacheco»,
 N85, caixa 4)
 Setúbal
 26 de Outubro de 1993
 2 de Janeiro de 1994
 11 de Fevereiro de 1994
 29 de Maio de 1994
 7 de Agosto de 1995
 Palmela
 Sem data
 7 de Julho de 1997
 CORRESPONDÊNCIA DIVERSA
 (ARQUIVO DA FAMÍLIA)
 DE LUIZ PACHECO
 Para Vítor Silva Tavares, Caldas da
 Rainha, 27/04/1966.
 Para Luís da Gama, Caldas da Rainha,
 27/06/1968.
 Para Nuno Teixeira Neves, Caldas da
 Rainha, 13/07/1968.
 Para o Chefe de Secretaria do 2.º Juízo
 Criminal Tribunal da Boa-Hora, Caldas
 da Rainha, 21/07/1968.
 Para João Miguel Pacheco, Caldas da
 Rainha 26/07/1968.
 Para Santos Fernando, Caldas da Rainha,
 Verão de 1968.
 Para Jaime Salazar Sampaio, Caldas da
 Rainha, Verão de 1968.

- Para Artur Ramos, Caldas da Rainha, Verão de 1968.
- Para Artur Ramos, Caldas da Rainha, Verão de 1968.
- Para Maria do Carmo Abreu, Caldas da Rainha, Verão de 1968.
- Para Vítor Silva Tavares, Caldas da Rainha, Verão de 1968.
- Para Edite Soeiro, Caldas da Rainha, Verão de 1968.
- Para João Palma-Ferreira, Caldas da Rainha, 23/08/1968 (postal).
- Para Maria do Carmo Abreu, Caldas da Rainha, 01/10/1968.
- Para Maria Irene, Caldas da Rainha, 09/10/1968.
- Para o Juiz de Direito do Tribunal da Comarca da Sertã, 11/10/1968.
- Para o Director da Cadeia Comarcã de Lisboa, 22/10/1968.
- Para Edite Soeiro, 01/11/1968.
- Para Maria do Carmo Abreu, 05/11/1968.
- Para Maria do Carmo Abreu, 12/11/1968.
- Para o Director-Geral dos Serviços Prisionais de Lisboa, a 23/11/1968.
- Para Laureano Barros, Massamá, 16/02/1974.
- Para Artur Ramos, Massamá, 19/02/1974.
- Para Joaquim Machado, Massamá, 19/02/1974.
- Para Jorge Listopad, Massamá, 19/02/1974.
- Para Artur Ramos, Massamá, 19/11/1974.
- Para Joaquim Machado, Massamá, 19/11/1974.
- Para Jorge Listopad, Massamá, 19/11/1974.
- Para Laureano Barros, Massamá, 16/02/1974.
- Para Luís Amaro, Massamá, 10/03/1975.
- Para Luís Amaro, 10/03/75.
- Para Hipólito Clemente, Massamá, 11/03/1975.
- Para Vítor Silva Tavares, Massamá, 22/10/1975.
- Para Vítor Silva Tavares, Massamá, 02/11/1975.
- Para Jorge Listopad, Massamá, 07/11/1975.
- Para Maria Eugénia (filha), Lagos, 01/05/1980.
- Para Deodato Santos, 13/10/1980.
- Para Paulo Pacheco, Sanatório do Barro, 19/04/1983.
- Para Virgílio Martinho, Centro de António Flores, Lisboa, 10/05/1985.
- Para Paulo Pacheco, 27/01/1991.
- Para Camarada Midões, 29/03/1991.
- Para Nelson de Matos, 19/04/1991.
- Para Júlio Conrado, Setúbal, 03/11/1993.
- Para Nelson de Matos, Setúbal, 29/10/1993.
- Para Alexandre Pinheiro Torres, Setúbal, 29/10/1993.
- Para Acácio Barradas, Setúbal, 16/11/1993.
- Para Luiz Francisco Rebello, Setúbal, 01/12/1993.
- Para Maria João Duarte, Setúbal, 04/12/1993.
- Para Júlio Machado Vaz, Setúbal, 04/12/1993.
- Para Aníbal Fernandes, Setúbal, 06/12/1993.
- Para Deodato Santos, Setúbal, 10/12/1993.
- Para José Manuel Rodrigues da Silva, Setúbal, 16/12/1993.
- Para José Carlos Seabra Ferreira, Setúbal, 14/01/1994.
- PARA LUIZ PACHECO**
- De Vítor Silva Tavares, Lisboa, 30 de Outubro de 1975.
- De Nelson de Matos, Lisboa, 27 de Abril de 1983.
- De Armando Baptista-Bastos, Lisboa, 15 de Abril de 1992.
- De Vítor Silva Tavares, Lisboa, 9 de Julho de 1993.
- De José Saramago, Lanzarote, 25 de Agosto de 1994.

- De José Saramago, Lanzarote, 30 de Março de 1995.
- De José Saramago, Lanzarote, 8 de Outubro de 1997.

OBRAS PUBLICADAS DE LUIZ PACHECO

- Carta-Sincera a José Gomes Ferreira / Nota do Autor por Causa da Província*, Colecção A Antologia em 1958, Lisboa, Contraponto, 1958 (incluído em *Crítica de Circunstância*, Lisboa, Ulisseia, Março de 1966, pp. 115-130; e em *Textos de Circunstância*, Amadora, Fronteira, Maio de 1977, pp. 31-51).
- O Teodolito, Composição Neo-Abjeccionista de Luís Pacheco*, Contraponto, 23 de Outubro de 1962 (incluído em *Exercícios de Estilo*, 1.^a, 2.^a e 3.^a edições). *Crítica de Circunstância*, Lisboa, Ulisseia, Março de 1966.
- Textos Locais*, Alcobaça, Contraponto, 1967.
- Exercícios de Estilo*, Lisboa, Estampa, Julho de 1971 (1.^a edição).
- Literatura Comestível*, Lisboa, Estampa, 6 de Novembro de 1972.
- Exercícios de Estilo*, Lisboa, Estampa, 22 de Junho de 1973 (2.^a edição).
- Pacheco versus Cesariny* (correspondência), Lisboa, Estampa, 22 de Maio de 1974.
- Textos Malditos*, Lisboa, Afrodite, Maio de 1977.
- Textos de Circunstância*, Amadora, Fronteira, Maio de 1977.
- Textos de Guerrilha 1*, Lisboa, Ler, Agosto de 1979.
- Textos de Guerrilha 2*, Lisboa, Ler, Junho de 1981.
- Textos do Barro*, Lisboa, Contraponto, 1984.
- O Teodolito e A Velha Casa*, Lisboa, Rolim, 1985.

- O Caso das Criancinhas Desaparecidas*, Lisboa, Rolim, 1986.
- O Teodolito*, Setúbal, Estuário, Novembro de 1990.
- O Libertino Passeia por Braga, a Idolátrica, o Seu Esplendor*, Lisboa, Colibri, 1992.
- Textos Sádicos*, Setúbal, Plurijornal, 1991.
- O Urvo do Coiote* (entrevista), Palmela, Contraponto, 1994.
- Memorando, Mirabolando*, Setúbal, Contraponto, Setembro de 1995.
- O Urvo do Coiote — 2*, Palmela, Contraponto, 1996.
- Cartas na Mesa* (org. Serafim Ferreira), Lisboa, Editorial Escritor, 1996.
- Exercícios de Estilo*, Lisboa, Estampa, Outubro de 1998 (3.^a edição).
- Prazo de Validade*, Setúbal, Contraponto, Setembro de 1998.
- Isto de Estar Vivo*, Palmela, Contraponto, 2000.
- Uma Admirável Droga*, Coimbra, Quarteto, Fevereiro de 2001.
- Mano Forte: Dezassete Cartas de Luiz Pacheco a António José Forte* (org. Bernardo Sá Nogueira), Lisboa, Alexandria, Fevereiro de 2002.
- Raio de Luar*, Lisboa, Oficina do Livro, Março de 2003.
- Os Doutores, a Salvação e os Meninos*, Lisboa, Oficina do Livro, 2002.
- Figuras, Figurantes e Figurões* (org. João Pedro George), Lisboa, O Independente, 2004.
- Cartas ao Léu: 22 Cartas de Luiz Pacheco a João Carlos Raposo Nunes* (org. António Cândido Franco), Vila Nova de Famalicão, Quasi, 2005.
- Diário Remendado (1971-1975)* (fixação do texto de João Pedro George), Lisboa, D. Quixote, 2005.
- O Crocodilo Que Voa: Entrevistas* (org. João Pedro George), Lisboa, Tinta-da-china, 2008.

O Espelho Libertino (org. Floriano Martins), São Paulo, Escrituras Editora, 2008.

do Humor Português, Lisboa, Texto Editores, 2008.

TEXTOS INCLUÍDOS EM ANTOLOGIAS

- «Os namorados» (excerto) e «Coro de escarnho e lamentação dos cornudos em volta de São Pedro», em Natália Correia (org.), *Antologia da Poesia Portuguesa Erótica e Satírica*, Lisboa, Afrodite, 1965 (3.^a tiragem da 3.^a edição, pp. 431-441).
- «Os namorados», em *4 Autores da Novela Portuguesa Contemporânea (Sá Carneiro, Almada, Manuel de Lima, Luís Pacheco)*, Colecção Antologia de Vanguarda, Lisboa, Afrodite, 1966.
- «O caso das salsichas inimigas» e «Solnado ou do cómico degradado na bilheteira», em Virgílio Martinho e Ernesto Sampaio (org. e notas), *Antologia do Humor Português*, Lisboa, Afrodite, 1969, pp. 885-897.
- «Comunidade», em Vasco Graça Moura (org.), *Os Melhores Contos e Novelas Portugueses*, 3.^o volume, Lisboa, Selecções do Reader's Digest, 2003, pp. 74-82.
- «A janturada», em Fernando Venâncio (org.), *Crónica Jornalística: Século XX*, Antologia, Lisboa, Círculo de Leitores, Fevereiro de 2004, pp. 199-201.
- «Comunidade» (excerto) e «O Libertino Passeia por Braga, a Idolátrica, o Seu Esplendor» (integral), em António Mega Ferreira (org.), *O Erotismo na Ficção Portuguesa do Século XX*, Lisboa, Texto Editores, 2005, p. 253.
- «O libertino passeia por Braga, a idolátrica, o seu esplendor» (excerto), em Nuno Artur Silva e Inês Fonseca Santos (org.), *Antologia*

FOLHETOS E FOLHAS VOLANTES

- «Apêndice: a bem da verdade (...)», Lisboa, Contraponto, 1953 (folha editada a propósito de *Afixação Proibida*).
- «Convivência e polémica», folha volante, mimeografada, 1959 (incluído em *Textos de Circunstância*, Amadora, Fronteira, Maio de 1977, pp. 11-19; e em *Figuras, Figurantes e Figurões*, Lisboa, O Independente, 2004, pp. 13-19).
- «Coro dos cornudos», Lisboa, Contraponto, s/d.
- «João Gaspar Simões: “Tenho tanto que escrever, que não tenho tempo para ler”», Vieira do Minho, Edições Delfim da Costa, Série Tipos Regionais, 1961.
- «Leitura dos Jornais», Lisboa, Contraponto, «O prato do diabo», 1962.
- «Crueldade testicular, o que será?», s/d (incluído em *Crítica de Circunstância*, Lisboa, Ulisseia, Março de 1966, pp. 51-57; e *Literatura Comestível*, Lisboa, Estampa, 1972, pp. 47-53).
- «Luiz Pacheco e sua pequena tribo (...)», Caldas da Rainha, Contraponto, 1966 (folha de agradecimento pelas ofertas em resposta a *O Cachecol do Artista*, com informação acerca da publicação próxima de *Crítica de Circunstância e Textos Locais*).
- «Carta pública de louvores e correcção fraterna ao Exm.^o Director do Jornal de Letras e Artes», Lisboa, Contraponto, «O prato do diabo», s/d (cinco folhas A4, edição fotocopiada).
- «Comunidade», folheto mimeografado, Dezembro de 1964 (com várias

- reedições e incluído em *Crítica de Circunstância*, Lisboa, Ulisseia, Março de 1966, pp. 147-158; *Exercícios de Estilo*, Lisboa, Estampa, 1.^a, 2.^a e 3.^a edições).
- «O cachecol do artista», Santarém, Contraponto, Dezembro de 1964 (incluído em *Crítica de Circunstância*, Lisboa, Ulisseia, Março de 1966, pp. 133-144; *Exercícios de Estilo*, 2.^a e 3.^a edições).
- «O prato do Diabo. 30 coplas de pé quebrado compostas, musicadas, cantadas por Delfim da Costa, o cangalheiro da cidade», Contraponto, s/l, s/d [1965]
- «O Cesariny muito cansado», Lisboa, Contraponto, 1966 (publicado em *Pacheco versus Cesariny*, Lisboa, Estampa, 1974, pp. 39-41).
- «Maravilhas & maravilhas caldenses» (contém «Memorial», «Na morte de António Pedro», «O caso Ferreira da Silva»), Contraponto, Outubro de 1966.
- «Comunicado ou intervenção da província», Caldas da Rainha, Contraponto, 1966 (folheto com direcção gráfica e extratexto de Ferreira da Silva).
- «1 burro para o artista», folheto Contraponto, 1966.
- «O libertino passeia por Braga, a idolátrica, o seu esplendor», Lisboa, Contraponto, Janeiro-Fevereiro de 1970 (2.^a ed. 1970, clandestina, fotocopiada em estênsil, em Luanda; 3.^a ed. Contraponto, 1972; 4.^a ed. em *Textos Malditos*, Lisboa, Afrodite, 1977; 5.^a ed. Barca Nova-Editor, Colecção Marginália, 1985; 6.^a ed. Colibri, Março de 1992).
- «Pelos hospitais», Contraponto, s/d [1974], edição dedicada a João Rodrigues, que inclui: um texto de Luiz Pacheco, «Um marginal: João Rodrigues», publicado em *O Século*

- de Domingo*, 31 de Março de 1974; um inédito de João Rodrigues, «Canção do português atormentado»; «Do 3.^o andar à rua», de João Fernandes, texto publicado na revista *Notícia*, em Junho de 1967, e vários desenhos de João Rodrigues.
- «A Pide nunca existiu (um pide em Massamá)», s/l, Contraponto, 1976.
- «Carta a Gonelha», Lisboa, Contraponto (cinco mil exemplares), 6 de Junho de 1977 (incluída em *Textos de Guerrilha 1*, Lisboa, Ler, 1979, pp. 112-117).
- «Miguel Torga, o caso veterano», Contraponto, 15 de Dezembro de 1978 (incluído em *Textos de Guerrilha 1*, Lisboa, Ler, 1979, pp. 106-109; e em *Memorando, Mirabolando*, Setúbal, Contraponto, Setembro de 1995, pp. 267-275).
- «O caso do sonâmbulo chupista», Lisboa, Folheto Contraponto, Agosto de 1980 (2.^a versão, aumentada, alterada, incluída em *Textos de Guerrilha 2*, Lisboa, Ler, Junho de 1981, pp. 141-156).
- Carta a Fátima*, Setúbal, Plurijornal, Fevereiro de 1992.
- O Coro dos Cornudos*, Contraponto, s/d.

ARTIGOS EM JORNAIS E REVISTAS

DÉCADA DE 1940

- «Jogos florais e o centenário de Eça», *O Globo*, 23 de Dezembro de 1944, ano II, n.º 37.
- «Humorismo e humoristas», *O Globo*, 1 de Março de 1945, ano II, n.º 41, pp. 3-4 (republicado em *O Setubalense*, supl. «Arca do Verbo. Artes e Letras», Ano IV — 1.^a série, Semanal — n.º 171, 27 de Maio de 1992).

- «José Castelo voltou de Londres e fala a *O Globo* da sua actividade na BBC» (entrevista), *O Globo*, 1 de Abril de 1945, ano II, n.º 43, pp. 14 e 16.
- «Uma entrevista com Mário Dionísio», *O Globo*, 15 de Abril de 1945, ano II, n.º 44, pp. 1 e 3.
- «Eça de Queiroz visto por quem o conheceu», *O Globo*, 1 de Junho de 1945, p. 3.
- «Literatura feminina», «Literatura de vulgarização» e «Revistas francesas e portuguesas», *Afinidades, Revista de Cultura Luso-Francesa*, secção de crítica literária, n.º 13, Novembro de 1945, pp. 70-77.
- «História antiga e conhecida», *Bloco: Teatro, Poesia e Conto*, Lisboa, Edição dos autores, 1946 (reeditada como «Os doutores, a salvação e o menino em 1955», incluído em *Crítica de Circunstância*, Lisboa, Ulisseia, Março de 1966, pp. 11-23).
- DÉCADA DE 1950**
- «Sobre a poesia de Carlos de Oliveira», *Contraponto*, n.º 1, Setembro de 1950, pp. 10-15.
- «Uma revisão crítica», *Contraponto*, n.º 2, Outubro de 1952, pp. 1-2.
- «Carta ao Sr. Director do “Átomo”. Do Sr. João Gaspar Simões ao Sr. Pedro a Silveira ou as vantagens duma pena ferrugenta sobre um varapau de feira», *Contraponto*, n.º 2, Outubro de 1952, p. 7.
- «José Prudêncio — Um livro de poemas com um sonho na capa», *Contraponto*, n.º 2, Outubro de 1952, p. 12.
- «Ernesto Várzea (Balmaceda) — *Oriente, caminhos do mundo português*, Edição do Autor, Porto, 1954», *Notícias do Império*, n.º 2, secção «Notas Críticas», 5 de Dezembro de 1954, p. 4.
- «Exposições: Fausto Sampaio», *Notícias do Império*, n.º 2, secção «Artes Plásticas», 5 de Dezembro de 1954, p. 5.
- «Fernando Reis - *A Lezíria e o Equador* (contos), Editorial Adastr», *Notícias do Império*, n.º 3, secção «Crítica», Fevereiro de 1955, p. 9.
- «Colectânea — poesia, conto, Portugalia, 1954», *Notícias do Império*, n.º 3, secção «Crítica», Fevereiro de 1955, p. 9.
- «Da necessidade duma crítica exclusivamente formativa», *Diário Ilustrado*, supl. «Diálogo», 2 de Julho de 1957 (incluído em *Literatura Comestível*, Lisboa, Estampa, 1972, pp. 131-135).
- «A república faz-se todos os dias», *Seara Nova*, Agosto/Setembro/Outubro de 1957 (incluído em *Crítica de Circunstância*, Lisboa, Ulisseia, Março de 1966, pp. 27-29).
- «A lição», *Seara Nova*, Outubro de 1958, pp. 403-404 (incluído em *Crítica de Circunstância*, Lisboa, Ulisseia, Março de 1966, pp. 33-38).
- «Surrealismo e sátira (de André Tolentino a Nicolau Breton)», *Pirâmide*, n.º 1, Fevereiro de 1959, pp. 13-14 (incluído em *Crítica de Circunstância*, Lisboa, Ulisseia, Março de 1966, pp. 61-64; e *Literatura Comestível*, Lisboa, Estampa, 1972, pp. 35-37).
- «Carta de Roma», *Século de Domingo — reportagem, crítica, cultura, humorismo* (Coordenação de Olavo d’Eça Leal), 29 de Março de 1959, pp. 1-2.
- «A pirâmide & a crítica», *Pirâmide*, n.º 2, Junho de 1959, pp. 35-38.
- DÉCADA DE 1960**
- «Lendo e relendo Céline», *Correio do Ribatejo*, página literária «Portas do Sol», 1963 (incluído em *Crítica de Circunstância*, Lisboa, Ulisseia, Março de 1966, pp. 85-89).
- «A velha casa», conto inédito no *Jornal de Letras e Artes*, 19 de Junho de 1963, p. 8 e 15 (incluído em *Exercícios de Estilo*).
- «Um Parque Mayer à escala metropolitana», *Jornal de Letras e Artes*, 25 de Setembro de 1963, p. 12.
- «O roubo do colar», *Jornal de Letras e Artes*, 1 de Janeiro de 1964, pp. 11 e 13.
- «O caso das salsichas inimigas: ao Manuel de Lima — mestre de “non-sense” português», *Jornal de Letras e Artes*, 5 de Fevereiro de 1964, pp. 8 e 10, com desenho de João Rodrigues (incluído em *Crítica de Circunstância*, Lisboa, Ulisseia, Março de 1966, pp. 67-73; *Exercícios de Estilo*, Lisboa, Estampa, 1971, 1973, 1998).
- «O quadros filosofante», *Jornal de Letras e Artes*, 1964 (incluído em *Crítica de Circunstância*, Lisboa, Ulisseia, Março de 1966, pp. 175-179, a que foi acrescentado esse título, inexistente na versão do jornal).
- «António Pedro, *vanitas vanitatum*», *Jornal de Letras e Artes*, secção «Na Berlinda», 22 de Março de 1964, pp. 14 e 15 (incluído em *Crítica de Circunstância*, Lisboa, Ulisseia, Março de 1966, pp. 163-165, a que foi acrescentado esse título, inexistente na versão do jornal).
- «Povo cão», *Jornal de Letras e Artes*, 1964 (incluído em *Crítica de Circunstância*, Lisboa, Ulisseia, Março de 1966, pp. 97-101; e em *Textos de Circunstância*, Amadora, Fronteira, Maio de 1977, pp. 23-28).
- «Na morte dum poeta», *Jornal de Letras e Artes*, 22 de Abril de 1964, p. 10 (incluído em *Crítica de Circunstância*, Lisboa, Ulisseia, Março de 1966, pp. 111-112).
- «Uma biblioteca (com sono) nacional», *Jornal de Letras e Artes*, secção «Na Berlinda», 20 de Maio de 1964, pp. 13 e 14 (incluído em *Crítica de Circunstância*, Lisboa, Ulisseia, Março de 1966, pp. 169-171, a que foi acrescentado esse título, inexistente na versão do jornal).
- «O Nemésio na academia» (assinado P.S., ou seja, Pitta Simões), *Jornal de Letras e Artes*, secção «Na Berlinda», 10 de Junho de 1964, pp. 13 e 15 (incluído em *Crítica de Circunstância*, Lisboa, Ulisseia, Março de 1966, pp. 183-185; e *Literatura Comestível*, Lisboa, Estampa, 1972, pp. 41-43).
- Sem título, *Jornal de Letras e Artes* (assinado P.S.), secção «Na Berlinda», 24 de Junho de 1964, pp. 4 e 13.
- «About Bonanza», *Jornal de Letras e Artes*, secção «Na Berlinda», 8 de Julho de 1964, pp. 11 e 15.
- «No Dia da Raça», *Jornal de Letras e Artes*, secção «Na Berlinda», 22 de Julho de 1964, pp. 10 e 12 (incluído em *Crítica de Circunstância*, Lisboa, Ulisseia, Março de 1966, pp. 105-107).
- «O David e o Paulino», *Jornal de Letras e Artes*, secção «Na Berlinda», 29 de Julho de 1964, pp. 11-15 (incluído em *Crítica de Circunstância*, Lisboa, Ulisseia, Março de 1966, pp. 189-194, a que foi acrescentado esse título, inexistente na versão do jornal; e *Textos de Guerrilha 1*, Lisboa, Ler, 1979, com o título «O David — une putain respectueuse — Mourão-Ferreira»).
- «Nem por acaso...» (crónica de televisão), *Jornal de Letras e Artes*, 30 de Setembro de 1964, pp. 11 e 15 (incluído com o título «Povo cão», aumentado, em *Crítica de Circunstância*, Lisboa, Ulisseia, Março de 1966, pp. 97-101).
- «O Salema é um cruzado», *Jornal de Letras e Artes*, secção «Na Berlinda», 30 de Setembro de 1964, pp. 12-15 (incluído em *Crítica de Circunstância*, Lisboa, Ulisseia, Março de 1966, pp. 197-201, a que foi acrescentado esse título, inexistente na versão do jornal; e em *Textos de Guerrilha 1*, Lisboa,

- Ler, 1979, com o título «O Salema sucateiro»).
- «Solnado ou do cómico degradado na bilheteira», *Jornal de Letras e Artes*, secção «Na Berlinda» (sem título), 18 de Novembro de 1964, pp. 2-4, 15 (incluído em *Crítica de Circunstância*, Lisboa, Ulisseia, Março de 1966, pp. 205-209; em *Antologia do Humor Português*, selecção e notas de Virgílio Martinho e Ernesto Sampaio, Lisboa, Afrodite, Novembro de 1969; e em *Textos de Guerrilha 1*, Lisboa, Ler, 1979, com o título «Carta a Raul Solnado»).
- «*Símbolos e mitos* — Fidelino de Figueiredo», *Jornal de Letras e Artes*, secção «Recensões Críticas», 7 de Abril de 1965, p. 3.
- «*O Conflito Sino-Soviético* — Donald S. Zagoria», *Jornal de Letras e Artes*, secção «Recensões Críticas», 12 de Maio de 1965, pp. 13 e 14.
- «*Makúá*, antologia poética, 5-6 — grandes poetas do século XX», *Jornal de Letras e Artes*, secção «Recensões Críticas», 9 de Junho de 1965, p. 3.
- «Ferreira da Silva: “A cerâmica é uma arte de cozinha, cem por cento pantagruélica!”» (entrevista a Ferreira da Silva), *Jornal de Letras e Artes*, 21 de Julho de 1965, pp. 6 e 7.
- «Bairrismo incipiente: crónica de televisão», *Jornal de Letras e Artes*, 15 de Setembro de 1965, p. 11.
- «Jazz de trás do balcão: crónica de televisão», *Jornal de Letras e Artes*, 6 de Outubro de 1965, pp. 9 e 15.
- «O país da gargalhada (extracto da novela neo-abjeccionista *Os Namorados*)», *ABC de Angola*, supl. «Artes e Letras», 24 de Fevereiro de 1966, pp. 1 e 14.
- «Atenção para João Bonifácio Serra», *Gazeta das Caldas*, 13 de Agosto de 1966, pp. 2 e 4.
- «O caprichismo interventor do sr. Mário Cesariny», *Jornal de Letras e Artes*, 7 de Setembro de 1966, pp. 1 e 2 (incluído em *Pacheco versus Cesariny*, Lisboa, Estampa, 1974, pp. 295-301).
- «*As Amorasas*, de André Bay, em 2.^a edição», *Jornal de Notícias*, «Suplemento Literário», secção «Ficção Estrangeira», 9 de Março de 1967, p. II.
- «*Um milhão de dólares cada Viet*, de Jean Lartéguy», *Jornal de Notícias*, «Suplemento Literário», secção «Letras Estrangeiras», 16 de Março de 1967, pp. I e II.
- «Um russo contemporâneo», *Jornal de Notícias*, «Suplemento Literário», secção «Letras Estrangeiras», 23 de Março de 1967, pp. I e II.
- «Retrato de um autor quando jovem: acerca de Cardoso Pires», *Jornal do Fundão*, supl. «& Etc», n.º 2, 26 de Março de 1967 (incluído em *Literatura Comestível*, Lisboa, Estampa, 1972, com o título «Premissas literárias de um grande escritor», pp. 101-106).
- «Campanha alegre I»; «Campanha alegre II»; «Campanha alegre III — O Picasso das Caldas» (este último incluído em *Literatura Comestível*, Lisboa, Estampa, 1972), *Jornal do Fundão*, supl. «& Etc», n.º 3, Ano XXII, n.º 1057, 16 de Abril de 1967, pp. 5, 7 e 8.
- «Raul Brandão de viés» (sobre o centenário do nascimento), *Jornal de Notícias*, 20 de Abril de 1967, pp. I-II (incluído em *Figuras, Figurantes e Figurões*, Lisboa, O Independente, 2004, pp. 28-30).
- «Campanha Alegre», *Jornal do Fundão*, supl. «& Etc», n.º 4, Ano XXII, n.º 1062, 21 de Maio de 1967, p. 2.
- «Um inquerito ao livro em Portugal», *Jornal de Notícias*, «Suplemento Literário», 15 de Junho de 1967, pp. I e II.
- «João Rodrigues», *Jornal do Fundão*, supl. «& Etc», n.º 8, 10 de Setembro de 1967, p. 4 (incluído em *Textos de Guerrilha 2*, Lisboa, Ler, Junho de 1981, pp. 79-80).
- «O homem que calculava», *Jornal do Fundão*, supl. «& Etc», n.º 8, 10 de Setembro de 1967, p. 5 (incluído em *Exercícios de Estilo*, Lisboa, Estampa, 1971, pp. 11-13; 2.^a, 1973, pp. 11-13; 3.^a ed., 1998, pp. 19-20).
- «*Autópsia dos Estados Unidos*, em 3.^a edição», *Jornal de Notícias*, «Suplemento Literário», secção «Letras Estrangeiras», 20 de Julho de 1967, pp. I e II.
- «*Salvaterra*, romance por Jean Lartéguy», *Jornal de Notícias*, «Suplemento Literário», secção «Letras Estrangeiras», 17 de Agosto de 1967, p. I.
- «O Cesariny muito cansado», *Jornal de Notícias*, «Suplemento Literário», 31 de Agosto de 1967, pp. I e II (incluído em *Pacheco versus Cesariny*, Lisboa, Estampa, Maio de 1974, pp. 39-41).
- «Atenção para Herberto Helder ou atenção, Herberto Helder», *Notícia*, 13 de Janeiro de 1968, p. 79 (incluído em *Figuras, Figurantes e Figurões*, Lisboa, O Independente, 2004, pp. 20-22).
- «Carnaval urbano», *Notícia*, 20 de Janeiro de 1968, pp. 82-83 (incluído em *Figuras, Figurantes e Figurões*, Lisboa, O Independente, 2004, pp. 35-37).
- «O meu fim-de-ano com Vergílio Ferreira no ferro-velho, farejando a *Carta ao Futuro*», *Notícia*, 10 de Fevereiro de 1968 (incluído em *Literatura Comestível*, Lisboa, Estampa, 1972, pp. 69-73; e *Figuras, Figurantes e Figurões*, Lisboa, O Independente, 2004, pp. 31-34).
- «Ao menos menos literatura», *Notícia*, 17 de Fevereiro de 1968, p. 80 (incluído em *Figuras, Figurantes e Figurões*, Lisboa, O Independente, 2004, pp. 40-42).
- «Um estafermo, uma aventesma e surrealismo à vista!», *Notícia*, 24 de Fevereiro de 1968, pp. 66-67 (incluído em *Literatura Comestível*, Lisboa, Estampa, 1972, pp. 61-67).
- «Encostado à solidão», *Notícia*, 9 de Março de 1968, pp. 74-75.
- «3 parágrafos apenas», *Notícia*, 16 de Março de 1968, pp. 74-75.
- «A conquistar um futuro: Nelson de Matos», *Notícia*, 30 de Março de 1968, pp. 74-75 (incluído em *Figuras, Figurantes e Figurões*, Lisboa, O Independente, 2004, pp. 43-47).
- «Afã editorial», *Notícia*, 13 de Abril de 1968, pp. 74-75.
- «Isto sinto e isto escrevo», *Notícia*, 20 de Abril de 1968, pp. 74-75 (incluído em *Figuras, Figurantes e Figurões*, Lisboa, O Independente, 2004, pp. 11-12).
- «Conversar amanhã, começando já hoje», *Notícia*, 4 de Maio de 1968, pp. 74-75.
- «Shakespeare por ele próprio», *Jornal de Notícias*, «Suplemento Literário», secção «Letras Estrangeiras», 9 de Maio de 1968, pp. I e II.
- «Teatro de revista: chalaça e simpatia», *Notícia*, 11 de Maio de 1968, pp. 74-75 (incluído em *Figuras, Figurantes e Figurões*, Lisboa, O Independente, 2004, pp. 51-53).
- «Da intervenção à abjecção», *Jornal de Notícias*, «Suplemento Literário», 23 de Maio de 1968, pp. I e II (incluído em *Pacheco versus Cesariny*, Lisboa, Estampa, Maio de 1974, pp. 317-322).
- «O melhor é o Salvador», *Notícia*, 8 de Junho de 1968, pp. 78-79 (incluído em *Figuras, Figurantes e Figurões*, Lisboa, O Independente, 2004, pp. 54-56).
- «Noite com Lua», *Notícia*, 15 de Junho de 1968, pp. 78-79.
- «Consolação inconsútil», *Notícia*, 20 de Julho de 1968, pp. 74-75.

- «Um tempo comum?», *Notícia*, 24 de Julho de 1968, pp. 78-79.
- «O grão de areia», *Notícia*, 3 de Agosto de 1968, pp. 78-79 (teve cortes da censura).
- «Arredando Kipling», *Notícia*, 17 de Agosto de 1968, pp. 78-79.
- «O movimento do Homem», *Jornal de Notícias*, «Suplemento Literário», 5 de Setembro de 1968, pp. I e II.
- «Os U.S.A. vistos por Maurois», *Jornal de Notícias*, «Suplemento Literário», 3 de Outubro de 1968, pp. I e II.
- «Uma universidade popular», *Notícia*, 5 de Outubro de 1968, pp. 78-79.
- «*História Universal*, por Carl Grimberg», *Jornal de Notícias*, «Suplemento Literário», 10 de Outubro de 1968, p. 18.
- «Vietname — os escritores tomam posição», *Jornal de Notícias*, «Suplemento Literário», 17 de Outubro de 1968, pp. I e II.
- «Novos e interessantes livros estrangeiros», *Jornal de Notícias*, «Suplemento Literário», 24 de Outubro de 1968, p. II.
- «Problemas do livro: tentativas periclitantes», *Jornal de Notícias*, «Suplemento Literário», 31 de Outubro de 1968, pp. I e II.
- «Um texto promissor», *Jornal de Notícias*, «Suplemento Literário», secção «Opiniões de leitura», 28 de Novembro de 1968, pp. I e II.
- «Para o Natal», *Notícia*, 21 de Dezembro de 1968, p. 78.
- «Um romance singular, snobíssimo», *Notícia*, 4 de Janeiro de 1969, pp. 78-79 (incluído em *Literatura Comestível*, Lisboa, Estampa, 1972, pp. 107-113).
- «Anarquista e dorminhoco», *Notícia*, 11 de Janeiro de 1969, pp. 79-80 (incluído em *Literatura Comestível*, Lisboa, Estampa, 1972, pp. 115-120).
- «Um antigo pesadelo e tremendo», *Notícia*, 18 de Janeiro de 1969, p. 83.
- «Erotismo gagá» (assinado Pitta Simões), *Notícia*, 25 de Janeiro de 1969, pp. 78-79.
- «De vento em popa, ao que parece», *Notícia*, 25 de Janeiro de 1969, pp. 79 e 81.
- «Lisboa e quem cá escreve», *Notícia*, 1 de Fevereiro de 1969, pp. 79-80 (incluído em *Figuras, Figurantes e Figurões*, Lisboa, O Independente, 2004, pp. 57-60).
- «Uma voz calmante», *Notícia*, 26 de Abril de 1969, pp. 82-83 (incluído em *Figuras, Figurantes e Figurões*, Lisboa, O Independente, 2004, pp. 61-64).
- «Um parolo ao ataque», *Notícia*, 10 de Maio de 1969, p. 79 (incluído em *Literatura Comestível*, Lisboa, Estampa, 1972, pp. 93-95).
- «Do valor das palavras», *Notícia*, 17 de Maio de 1969, p. 82 (incluído em *Figuras, Figurantes e Figurões*, Lisboa, O Independente, 2004, pp. 65-69).
- «Dorita Caltel Branco, Galeria Interforma; António Areal, Manuel Baptista, Galeria Quadrante», *Notícia*, 24 de Maio de 1969, pp. 82-83.
- «Feira do Livro por fora, por baixo e por dentro: Anti-Reportagem», *Notícia*, 31 de Maio de 1969, pp. 10-16.
- «O pesadelo americano visto por Norman Mailer», *Notícia*, 7 de Junho de 1969, p. 82.
- «Um ritual para apressar o futuro?» (assinado Pitta Simões), *Notícia*, 30 de Agosto de 1969, p. 71.
- «Escrevendo de homem para homens», *Notícia*, 6 de Setembro de 1969, p. 79 (incluído em *Figuras, Figurantes e Figurões*, Lisboa, O Independente, 2004, pp. 73-75).
- «Mário Dionísio: um breve perfil», *Notícia*, 13 de Setembro de 1969, pp. 78-79 (incluído em *Figuras, Figurantes e Figurões*, Lisboa, O Independente, 2004, pp. 76-80).
- «Teatro de cordel», *Notícia*, 20 de Setembro de 1969, pp. 82-83.
- «O valentão do mundo ocidental de Synge» (assinado Pitta Simões), *Notícia*, 27 de Setembro de 1969, pp. 76-77.
- «Poeta, o Namora?! Ora, ora...», *Notícia*, 4 de Outubro de 1969, pp. 76-78 (incluído em *Literatura Comestível*, Lisboa, Estampa, 1972, pp. 75-82, com o título «Poeta, o Namora?!... Fora! Fora!!!»).
- «Madre antiga», *Notícia*, 11 de Outubro de 1969, pp. 72-73.
- «Quando o abominável aparece», *Notícia*, 18 de Outubro de 1969, p. 73.
- «*Terras do Meu País*, por Cesare Pavese», *Notícia*, 25 de Outubro de 1969, pp. 70-71.
- «Jorge de Sena em órbita», *Notícia*, 8 de Novembro de 1969, pp. 78-79 (incluído em *Figuras, Figurantes e Figurões*, Lisboa, O Independente, 2004, pp. 81-85).
- «Apenas uma promessa», *Notícia*, 15 de Novembro de 1969, pp. 77-78.
- «Um processo de dissolução das palavras», *Notícia*, 22 de Novembro de 1969, pp. 74-76.
- DÉCADA DE 1970**
- «Indicações bibliográficas e pouco mais», *Notícia*, 21 de Fevereiro de 1970, pp. 78-79.
- «Uma voz, uma presença», *Notícia*, 26 de Setembro de 1970 (incluído em *Textos de Guerrilha - 2*, Lisboa, Ler, Junho de 1981).
- «Cronos e Sodomo não perdoam», *Notícia*, 3 de Outubro de 1970, p. 94 (incluído em *Pacheco versus Cesariny*, Lisboa, Estampa, 1974, pp. 323-326).
- «*O Fósforo na Palha*: Egito Gonçalves», *Notícia*, 31 de Outubro de 1970, pp. 83-84.
- «O que é um escritor maldito?» (1.^a e 2.^a parte), *Diário de Lisboa*, «Suplemento Literário», 11 Fevereiro de 1971, pp. 1 e 2, e 18 de Fevereiro de 1971, pp. 1 e 2 (incluído em: *Literatura Comestível*, Lisboa, Estampa, 1972, pp. 13-23; *Memorando, Mirabolando*, Setúbal, Contraponto, Setembro de 1995, pp. 55-70; *Raio de Luar*, Lisboa, Oficina do Livro, Março de 2003, pp. 126-142).
- «O melhor livro do ano», *Notícia*, 13 de Fevereiro de 1971, pp. 86-87 (o excerto «O problema do mecenato» foi reproduzido na revista *Periférica*, n.º 8, Inverno de 2004, Vila Pouca de Aguiar, pp. 32-33; o texto completo foi incluído em *Figuras, Figurantes e Figurões*, Lisboa, O Independente, 2004, pp. 102-108).
- «Rol dos livros entrados e pouco mais», *Notícia*, 27 de Fevereiro de 1971, p. 81 (o excerto «Um poeta muito apreciado em Massamá» foi incluído em *Figuras, Figurantes e Figurões*, Lisboa, O Independente, 2004, pp. 109-110).
- «Crítica de identificação», *Notícia*, 17 de Outubro de 1971 (incluído em *Literatura Comestível*, Lisboa, Estampa, 1972, pp. 123-127; e *Figuras, Figurantes e Figurões*, Lisboa, O Independente, 2004, pp. 193-197).
- «Historieta alusiva», *O Século Ilustrado*, 30 de Outubro de 1971 (incluído em *Memorando, Mirabolando*, Setúbal, Contraponto, Setembro de 1995, pp. 255-263).
- «O eco de um eco de um eco», *Diário de Lisboa*, «Suplemento Literário», número especial «Dadá Cá (2)», 27 de Fevereiro de 1972, p. 3.
- «Barafunda Surreal Coimbrã», *Diário de Lisboa*, 21 de Abril de 1972, p. 7.
- «O que é feito do argelino?», *Diário de Lisboa*, «Suplemento Literário», 24 de Agosto de 1972, p. I (incluído em

- Figuras, Figurantes e Figurões*, Lisboa, O Independente, 2004, pp. 94-95).
- «Falando filatelia», *República*, 31 de Agosto de 1972 (incluído em *Literatura Comestível*, Lisboa, Estampa, 1972, pp. 139-145).
- «Frio, frio», *República*, Outubro de 1972 (incluído em *Literatura Comestível*, Lisboa, Estampa, 1972, pp. 149-152; e em *Exercícios de Estilo*, 3.^a edição, Lisboa, Estampa, 1998, pp. 219-221).
- «Os poetas sonegados», *República*, 19 de Outubro de 1972 (incluído em *Literatura Comestível*, Lisboa, Estampa, 1972, pp. 155-161).
- «Parábola do escritor-que-era-sério e do escritor-que-não-era», *Jornal ETC*, n.º 5, 15 de Março de 1973 (incluído em *Textos de Circunstância*, Amadora, Fronteira, Maio de 1977, pp. 83-92).
- «Do capítulo da ingenuidade», *Diário de Lisboa*, 13 de Setembro de 1973 (incluído em *Textos de Guerrilha 2*, Lisboa, Ler, Junho de 1981, pp. 89-92).
- «Uma viagem quase trivial», *Ele*, n.º 11, Novembro de 1973, pp. 4-5 (incluído em *Textos de Guerrilha 2*, Lisboa, Ler, Junho de 1981, pp. 111-116).
- «Um conto por um conto», *República*, 15 de Novembro de 1973 (incluído em *Textos de Guerrilha 1*, Lisboa, Ler, 1979, pp. 78-82).
- «Julgareis qual é mais excelente», *República*, supl. «Artes e Letras», n.º 15321, Quinta-feira, 27 de Dezembro de 1973, pp. I e III.
- «Um marginal: João Rodrigues», *O Século de Domingo*, 31 de Março de 1974 (incluído em *Pelos Hospitais*, Contraponto, s/d [1974]; em *Textos de Guerrilha — 2*, Lisboa, Ler, Junho de 1981, pp. 80-81).
- «Sapateiros acima do chinelo», *Diário de Notícias*, Abril de 1975 (incluído em *Textos de Guerrilha 1*, Lisboa, Ler, 1979, pp. 110-111).
- «Quando até os mortos votavam», *Diário de Notícias*, 14 de Abril de 1975 (incluído em *Textos de Circunstância*, Amadora, Fronteira, Maio de 1977, pp. 95-106).
- «Firme e vigilante», *O Século*, 27 de Abril de 1975 (incluído em *Textos de Guerrilha 2*, Lisboa, Ler, Junho de 1981, pp. 23-25).
- «O orgulho de ser português», *Diário de Notícias*, 9 de Junho de 1975, p. 7.
- «Menina e madona e mafiosa. Memórias dum editor fálido», *O Jornal*, 20 de Novembro de 1975 (incluído em *Memorando, Mirabolando*, Setúbal, Contraponto, Setembro de 1995, pp. 19-27).
- «Democracia de cultura», *Boletim das Bibliotecas Itinerantes e Fixas*, Fundação Calouste Gulbenkian, Série III, n.º 1, 1975, pp. 7-9 (incluído em *Textos de Guerrilha 2*, Lisboa, Ler, Junho de 1981).
- «O Galimar da Rua da Emenda», *Diário Popular*, 26 de Fevereiro de 1976, pp. I e VII (incluído em *Textos de Guerrilha 1*, Lisboa, Ler, 1979, pp. 45-48).
- «Um fantasma para todo o serviço», *Diário Popular*, 11 de Março de 1976, pp. II e III (incluído em *Textos de Guerrilha 1*, Lisboa, Ler, 1979, pp. 64-67).
- «José Viale Moutinho: na crista da vaga», *Diário Popular*, 9 de Junho de 1976, pp. IV e V (incluído em *Textos de Guerrilha 2*, Lisboa, Ler, Junho de 1981, pp. 100-102).
- «Um depoimento quase folhetim», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 1 de Julho 1976, p. V.
- «Uma reedição, uma novidade», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 8 de Julho de 1976, pp. V e VI.
- «Fátima ou o Amor Louco», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 15 de Julho de 1976, pp. IV e V (incluído em *Textos de Guerrilha 2*, Lisboa, Ler, Junho de 1981, pp. 15-19; e *Exercícios de Estilo*, 3.^a edição, Lisboa, Estampa, 1998, pp. 213-218).
- «Os aforismos de Grangeio Crespo», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 22 de Julho de 1976, pp. IV e V.
- «Então, como é?», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 29 de Julho de 1976, pp. IV e V.
- «Um marginal ousa», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 5 de Agosto de 1976, p. III.
- «Varra cada um...», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 14 de Outubro de 1976, p. III.
- «O sambista suicida», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 21 de Outubro de 1976, p. VI (incluído em *Textos de Guerrilha 2*, Lisboa, Ler, Junho de 1981, pp. 97-99).
- «Bertrand, Ática o prego à vista!», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 28 de Outubro de 1976, p. II.
- «Um Pide em Massamá», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 11 de Novembro de 1976, p. XI (incluído em *Textos de Circunstância*, Amadora, Fronteira, Maio de 1977, pp. 109-114).
- «Onde se fala da Okrana», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 25 de Novembro de 1976, pp. I e IX (incluído em *Textos de Circunstância*, Amadora, Fronteira, Maio de 1977, pp. 115-119).
- «A menina do casaco verde», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 2 de Dezembro de 1976, p. III.
- «O eixo invisível», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 9 de Dezembro de 1976, p. IX.
- «Santos Fernando, meu amigo», *Diário Popular*, 16 de Dezembro de 1976, p. VIII (incluído em *Textos de Guerrilha 2*, Lisboa, Ler, Junho de 1981, pp. 82-83).
- «O veado», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 23 de Dezembro de 1976, p. VIII (incluído em *Textos de Guerrilha 2*, Lisboa, Ler, Junho de 1981, pp. 133-135; e *Exercícios de Estilo*, 3.^a edição, Lisboa, Estampa, pp. 231-233).
- «Responso de fim-de-ano», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 30 de Dezembro de 1976, p. I.
- «Poesia Poesia Poesia», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 6 de Janeiro de 1977, p. VIII (incluído em *Textos de Guerrilha 1*, Lisboa, Ler, 1979, pp. 55-58).
- «Farsa tornada drama», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 13 de Janeiro de 1977, pp. IV e V.
- «A poesia compensa?», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 20 de Janeiro de 1977, pp. IV e V.
- «A Jantarada», *Diário Popular*, 3 de Fevereiro de 1977, p. I (incluído em *Textos de Guerrilha 1*, Lisboa, Ler, 1979, pp. 73-75; e Fernando Venâncio (org.), *Crónica Jornalística: Século XX, Antologia*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2004, pp. 199-201).
- «A Heidi cá da casa», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 24 de Fevereiro de 1977, p. VIII (incluído em *Textos de Guerrilha 2*, como «Tratem-no por Luisito», Lisboa, Ler, Junho de 1981, pp. 40-42).
- «Um pai foi à viola 1 (do m/ Livro Negro)», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 31 de Março de 1977, pp. II e III.
- «Um pai foi à viola 2 (do meu Livro Negro)», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 7 de Abril de 1977, p. III.
- «Descobri um autor!», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 5 de Maio de 1977, p. IV (incluído em *Textos de Guerrilha 2*, Lisboa, Ler, Junho de 1981, pp. 12-14; e *Figuras, Figurantes e Figurões*, Lisboa, O Independente, 2004, pp. 181-184).

- «Carta a Gonelha», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 19 de Maio de 1977, pp. III e IV (incluído em *Textos de Guerrilha 1*, Lisboa, Ler, 1979, pp. 112-117).
- «Alguns marginais e outros mais», *Diário Popular*, supl. «Sábado Popular», 28 de Maio de 1977, p. III (incluído em *Textos de Guerrilha 1*, Lisboa, Ler, 1979, pp. 28-30).
- «Aquele pé», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 2 de Junho de 1977, p. I (incluído em *Textos de Guerrilha 2*, Lisboa, Ler, Junho de 1981, pp. 59-61).
- «O cabeça de vaca», *Diário Popular*, supl. «Sábado Popular», 18 de Junho de 1977, p. V (incluído em *Textos de Guerrilha 1*, Lisboa, Ler, 1979, pp. 31-34).
- «Desta feita, um enforcado», *Diário Popular*, supl. «Sábado Popular», 9 de Julho de 1977, p. III (incluído em *Textos de Guerrilha 1*, Lisboa, Ler, 1979, pp. 35-37).
- «Um raro poeta», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 28 de Julho de 1977, p. VIII (incluído em *Textos do Barro*, Lisboa, Contraponto, 1984, pp. 35-44).
- «Caturrice justificada», *Diário Popular*, supl. «Sábado Popular», 6 de Agosto de 1977, p. III (incluído em *Textos de Guerrilha 1*, Lisboa, Ler, 1979, pp. 86-88).
- «Caldas revisitada», *Diário Popular*, 17 de Agosto de 1977, p. 14.
- «Ah grande Fallorca!», *Diário Popular*, 15 de Setembro de 1977 (incluído em *Textos de Guerrilha 1*, Lisboa, Ler, 1979, pp. 43-44).
- «Livro negro», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 6 de Outubro de 1977, p. I (excerto do *Diário Remendado*, Lisboa, D. Quixote, 2005).
- «Coimbra é uma lição... (canção muito conhecida), Portugal dos pequeninos», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 10 de Novembro de 1977, p. IV. (incluído em *Textos de Guerrilha 1*, Lisboa, Ler, 1979, pp. 95-97).
- «Memórias de um editor falido: uma picardia a mestre Almada», *O Jornal*, 11 de Novembro de 1977, p. 23 (incluído em *Textos de Guerrilha 1*, Lisboa, Ler, 1979, pp. 17-20).
- «Manuel de Lima está a chegar!», *Diário Popular*, 17 de Novembro de 1977, p. IX (incluído em *Textos de Guerrilha 1*, Lisboa, Ler, 1979, pp. 38-41; e no catálogo da peça «Malaquias. A história de um homem barbaramente agredido», de Manuel de Lima, pelo Teatro Veredas).
- «Memórias de um editor falido: quem viver verá», *O Jornal*, 18 de Novembro de 1977, p. 27 (incluído com o título «O Pires aldrabão» em *Textos de Guerrilha 2*, Lisboa, Ler, Junho de 1981, pp. 37-39).
- «Segunda carta a Gonelha», *Diário Popular*, 24 de Novembro de 1977, p. III.
- «Coimbra é uma canção, etc. Pavilhão de maluquitos», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 2 de Dezembro de 1977, p. VIII.
- «Coimbra é tradição (fado-canção): regresso assustado ao antigamente», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 22 de Dezembro de 1977, p. III.
- «A rata dos cabarés», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 29 de Dezembro de 1977, p. IV.
- «Truques patuscos», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 16 de Março de 1978, p. III (incluído em *Textos de Guerrilha 1*, Lisboa, Ler, 1979, pp. 83-85).
- «Não adianta chorar», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 23 de Março de 1978, p. I.
- «Andanças & paranóias», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 30 de Março de 1978, pp. III e VI.
- «Suite Evorense», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 18 de Maio de 1978, p. VII.
- «António Maria Lisboa era pederasta?», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», Lisboa, 7 de Setembro de 1978, pp. I e VIII (incluído em *Textos de Guerrilha 2*, Lisboa, Ler, Junho de 1981, pp. 74-78).
- «Artefactos Verbais Inócuos», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 28 de Setembro de 1978, p. XII.
- «As Estruturas Vivas», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 26 de Outubro de 1978, p. VI.
- «Os nossos escribas no pós-25 de Abril: Miguel Torga o caso veterano», *Página Um*, n.º 249, 9 de Novembro de 1978 (incluído em *Textos de Guerrilha 1*, Lisboa, Ler, 1979, pp. 106-109; e em *Memorando, Mirabolando*, Setúbal, Contraponto, Setembro de 1995, pp. 267-275).
- «A farsa da Europa», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 9 de Novembro de 1978, p. XII (incluído em *Textos de Guerrilha 2*, Lisboa, Ler, Junho de 1981, pp. 136-139).
- «O que diria Molero?», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 16 de Novembro de 1978, pp. IX e XI.
- «Duas Pitadas de Esperança», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 1 de Fevereiro de 1979, pp. IV e V.
- «Uma literatura de câmara», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 8 de Fevereiro de 1979, p. VIII.
- «O destino dos livros», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 15 de Fevereiro de 1979, pp. IV, V e VII.
- «Catando e rindo», *A Voz do Povo*, Março de 1979 (incluído em *Textos de Guerrilha 1*, Lisboa, Ler, 1979, pp. 68-72).
- «A bolsa, a bolsinha», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 29 de Março de 1979, p. VIII.
- «Os poetas locais», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 5 de Abril de 1979, pp. VI e VII.
- «A situação sindical do escritor», *Diário de Lisboa*, 30 de Março de 1979, p. 2 (incluído em *Textos de Guerrilha 1*, Lisboa, Ler, 1979, pp. 89-91).
- «Essa, do alcoolismo», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 10 de Maio de 1979, p. XII (incluído em *Textos de Guerrilha 1*, Lisboa, Ler, 1979, pp. 98-102).
- «A castração censória», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 17 de Maio de 1979, pp. VII e IX (incluído em *Textos de Guerrilha 2*, Lisboa, Ler, Junho de 1981, pp. 125-127).
- «Porquê um sindicato de escritores», *Diário de Lisboa*, 19 de Maio de 1979 (incluído em *Textos de Guerrilha 1*, Lisboa, Ler, 1979, pp. 92-94).
- «Censura & corrupção», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 24 de Maio de 1979, pp. V e X (incluído em *Textos de Guerrilha 2*, Lisboa, Ler, Junho de 1981, pp. 127-131).
- «As 50 posições», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 21 de Junho de 1979, p. IV.
- «Os malefícios (e o grotesco) da censura», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 28 de Junho de 1979, p. III (incluído em *Textos de Guerrilha 2*, Lisboa, Ler, Junho de 1981, pp. 117-124).
- «Um debate, aquela noite e a velha senhora», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 12 de Julho de 1979, p. V.
- «Recordando Elio Vittorini», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 16 de Agosto de 1979, p. VIII.
- «2 poetas premiados e 1 herói forjado», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 30 de Agosto de 1979, p. VIII.
- «Relatório de viagem c/1 cretense à mistura», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 27 de Setembro de 1979, p. III.

- «Algo sobre António Maria Lisboa», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 4 de Outubro de 1979, pp. V e X (incluído em *Textos de Guerrilha 2*, como «António Maria Lisboa — II», Lisboa, Ler, Junho de 1981, pp. 65-68).
- «António Maria Lisboa — III», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 11 de Outubro de 1979, pp. VI e VII (incluído em *Textos de Guerrilha 2*, Lisboa, Ler, Junho de 1981, pp. 69-74).
- «Ou vai ou racha», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 18 de Outubro de 1979, p. V.
- «Profissão: escritor», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 25 de Outubro de 1979, pp. I e XII.
- «Manuel de Lima», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 30 de Outubro de 1979 (incluído em *Textos de Guerrilha 2*, Lisboa, Ler, Junho de 1981, pp. 86-89).
- «Uma Carta inédita de Manuel de Lima», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 31 de Outubro de 1979, pp. VI-VII.
- «Manuel de Lima e a crítica», *O Jornal*, 31 de Outubro de 1979 (incluído em *Textos de Guerrilha 2*, Lisboa, Ler, Junho de 1981, pp. 84-86).
- «Profissão: escritor. As perguntas desnecessárias», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 8 de Novembro de 1979, p. III.
- DÉCADA DE 1980**
- «Uma obra monumental», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 3 de Janeiro de 1980, p. V (incluído em *Textos de Guerrilha 2*, Lisboa, Ler, Junho de 1981, pp. 27-30).
- «Devaneios & promessas & mirabolâncias», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 24 de Janeiro de 1980, p. III.
- «Este meu companheiro de jornada este jornalista honrado», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 31 de Janeiro de 1980, p. III.
- «António Maria Lisboa: algumas achegas», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 21 de Fevereiro de 1980, pp. I e VIII (incluído em *Textos de Guerrilha 2*, Lisboa, Ler, Junho de 1981, pp. 62-65).
- «Eu cá sou afegão», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 28 de Fevereiro de 1980, pp. I e XII (incluído em *Textos de Guerrilha 2*, Lisboa, Ler, Junho de 1981, pp. 42-47).
- «Poetas, patafísicos pacóvios, pechisbeques & etc.», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 6 de Março de 1980, pp. I e XII.
- «Surrealismo à vista!», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 10 de Abril de 1980, p. VI.
- «Em voz baixa», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 12 de Junho de 1980, p. VII.
- «Sapateiro lírico, precisa-se», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 3 de Julho de 1980, p. V (incluído em *Textos de Guerrilha 2*, Lisboa, Ler, Junho de 1981, pp. 55-58).
- «Este sol é de justiça», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 10 de Julho de 1980, pp. V-VI (incluído em *Textos de Guerrilha 2*, Lisboa, Ler, Junho de 1981, pp. 103-106; e *Figuras, Figurantes e Figurões*, Lisboa, O Independente, 2004, pp. 151-155).
- «Migalhas e pão-de-ló», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 17 de Julho de 1980, pp. VII-IX (incluído em *Textos de Guerrilha 2*, Lisboa, Ler, Junho de 1981, pp. 105-109; e *Figuras, Figurantes e Figurões*, Lisboa, O Independente, 2004, pp. 156-159).
- «Parajornalismo, mau jornalismo & etc.», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 24 de Julho de 1980, p. V.
- «Sardinhas, abelhas, certos malandros», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 31 de Julho de 1980, p. IV (incluído em *Textos de Guerrilha 2*, Lisboa, Ler, Junho de 1981, pp. 48-51).
- «Malandricês», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 7 de Agosto de 1980, pp. II e IV (incluído em *Textos de Guerrilha 2*, Lisboa, Ler, Junho de 1981, pp. 51-54).
- «Recensões e pouco mais», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 14 de Agosto de 1980, p. IV.
- «Uma livraria, 3 poetas + 37 haikkus», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 21 de Agosto de 1980, pp. IV e V.
- «Namora, o prémio nobel e o interesse nacional», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 28 de Agosto de 1980, pp. I e III.
- «Um livro comovente, e esclarecedor», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 26 de Fevereiro de 1981, pp. II e III.
- «O comando MIC», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 12 de Março de 1981, p. IV.
- «Uma palavra à província (que lê)», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 26 de Março de 1981, p. IV.
- «O caso da carteira OVNI», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 2 de Abril de 1981, p. III.
- «Mais de metade da vida», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 9 de Abril de 1981, pp. I e III.
- «Lixem-se!», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 16 de Abril de 1981, p. I (incluído em *Textos de Guerrilha 2*, Lisboa, Ler, Junho de 1981, pp. 25-26).
- «A pata na poça?», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 30 de Abril de 1981, p. II.
- «O despautério, o desplante-mor, a pategada», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 21 de Maio de 1981, p. V.
- «Crueldade», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 2 de Julho de 1981, p. IV.
- «Do m/ livro negro. Granito? Não, obrigado!», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 5 de Novembro de 1981, pp. I e III (incluído em *Textos do Barro*, Lisboa, Contraponto, 1984, pp. 89-103; e em *Raio de Luar*, Lisboa, Oficina do Livro, Março de 2003, pp. 99-105).
- «A faca no papel/A faca no pão — (1)», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 19 de Novembro de 1981, pp. I e IV.
- «A faca no papel/A faca no pão — II e fim», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 3 de Dezembro de 1981, pp. II e III.
- «Isilda ou o dia», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 17 de Dezembro de 1981, p. II.
- «Eros ao vivo em Lisboa», *Diário de Notícias*, suplemento de domingo, secção «Livros», 22 de Dezembro de 1981 (incluído em *Memorando, Mirabolando*, Setúbal, Contraponto, Setembro de 1995, pp. 51-54).
- «Feliz ano novo», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 31 de Dezembro de 1981, pp. II e III.
- «Dois livros para lerem», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 7 de Janeiro de 1982, pp. II e III.
- «Bandeira e emblema», *Barlavento*, 28 de Janeiro de 1982, p. 3.
- «Isilda ou o dia (2.ª parte): A rapariga selvagem», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 4 de Fevereiro de 1982, p. II.
- «Isilda ou o dia (3.ª parte): “Selvagens” à falta de pão», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 11 de Fevereiro de 1982, p. II.
- «Na realidade...», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 18 de Fevereiro de 1982, p. II.
- «Diário à solta», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 4 de Março de 1982, p. II.

- «A fala de Vitorino», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 11 de Março de 1982, p. II (incluído em *Textos do Barro*, Lisboa, Contraponto, 1984, pp. 67-73).
- «Donzelas e outras belas», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 22 de Abril de 1982, pp. II e III.
- «Isto é sem cura», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 29 de Abril de 1982, pp. II e III.
- «Um outro olhar», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 6 de Maio de 1982, p. II.
- «Atenção, tradutores», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 20 de Maio de 1982, pp. II-III.
- «Oh esses felizes anos 40», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 27 de Maio de 1982, p. III.
- «Para a Eunice», *Diário Popular*, supl. «Sábado Popular», 3 de Julho de 1982, p. V (incluído em *Textos do Barro*, Lisboa, Contraponto, 1984, pp. 27-32).
- «Um silêncio incomodado», *Diário Popular*, supl. «Sábado Popular», 10 de Julho de 1982, p. V.
- «O passado e o presente», *Diário Popular*, supl. «Sábado Popular», 17 de Julho de 1982, p. V.
- «Esse fantástico Parque Mayer: os pombos engravatados», *Diário Popular*, supl. «Sábado Popular», 24 de Julho de 1982, p. V.
- «O país das uvas», *Diário Popular*, supl. «Sábado Popular», 28 de Agosto de 1982, p. VII (incluído em *Textos do Barro*, Lisboa, Contraponto, 1984, pp. 11-16; e *Raio de Luar*, Lisboa, Oficina do Livro, Março de 2003, pp. 111-112).
- «O mulato genial», *Diário Popular*, supl. «Sábado Popular», 16 de Outubro de 1982, p. VI.
- «Banhos de multidão», *Diário Popular*, supl. «Sábado Popular», 23 de Outubro de 1982, p. VII.
- «O livro, esse problema», *Diário Popular*, supl. «Sábado Popular», 30 de Outubro de 1982, p. VII.
- «“Fenda”: um movimento estético em Coimbra?», *Diário Popular*, secção «Cultura», 6 de Novembro de 1982, p. 23.
- «Mestre Tomaz», *Diário Popular*, supl. «Sábado Popular», 6 de Novembro de 1982, p. VII (incluído em *Textos do Barro*, Lisboa, Contraponto, 1984, pp. 19-23).
- «Os meios, os fins», *Diário Popular*, supl. «Sábado Popular», 18 de Dezembro de 1982, p. XVI.
- «O caso do júri secretíssimo», *Diário Popular*, 2 de Maio de 1983 (incluído em *Figuras, Figurantes e Figurões*, Lisboa, O Independente, 2004, pp. 111-113).
- «Uma variz na canela», *Diário Popular*, supl. «Sábado Popular», 10 de Agosto de 1983 (incluído em *Textos do Barro*, Lisboa, Contraponto, 1984, pp. 49-54).
- «Tópicos sergianos (I). O problema dos dispersos», *Diário Popular*, supl. «Sábado Popular», 17 de Agosto de 1983, p. 19.
- «Um aniversário a não ignorar», *Diário Popular*, supl. «Sábado Popular», 23 de Agosto de 1983, p. 19.
- «As bibliotecas Gulbenkian vão acabar?», *Diário Popular*, supl. «Sábado Popular», 30 de Agosto de 1983, p. 19.
- «Listopad na hora da verdade?», *Diário Popular*, supl. «Sábado Popular», 8 de Setembro de 1983 (incluído em *Textos do Barro*, Lisboa, Contraponto, 1984, pp. 77-84).
- «Um obreiro de cultura», *Diário Popular*, supl. «Sábado Popular», 8 de Novembro de 1983 (incluído em *Textos do Barro*, Lisboa, Contraponto, 1984, pp. 57-64; e em *Raio de Luar*, Lisboa, Oficina do Livro, Março de 2003, pp. 95-98).
- «Que viva o Western!», *Diário Popular*, 7 de Agosto de 1984, p. 19.
- «Verlaine, Poe e outros geniais borrachões», *Diário Popular*, supl. «Sábado Popular», 24 de Agosto de 1985, p. 6.
- «O senhor Fernando Pessoa no pote d'água», *Diário Popular*, supl. «Sábado Popular», 6 de Setembro de 1986, p. 31 (incluído em *Memorando, Mirabolando*, Setúbal, Contraponto, Setembro de 1995, pp. 9-13; e em *Raio de Luar*, Lisboa, Oficina do Livro, Março de 2003, pp. 106-110).
- «Memórias de um escriba obsoleto», *Diário Popular*, supl. «Sábado Popular», 9 de Maio de 1987, p. 11.
- DÉCADA DE 1990**
- «Havia a Umbelina...», *O Jornal*, secção «Quando eu tinha 15 anos», 18 de Maio de 1990, p. 25A.
- «Miguel Torga na Coimbra dos doutores», *O Fiel Inimigo*, 17 de Julho de 1993, p. 12 (incluído em *Memorando, Mirabolando*, Setúbal, Contraponto, 1995).
- «Beatriz Costa e o enxoval de cambraia», *O Fiel Inimigo*, 24 de Julho de 1993, p. 16 (incluído em *Memorando, Mirabolando*, Setúbal, Contraponto, Setembro de 1995, pp. 47-48).
- «Aqueles adereços», *O Inimigo*, secção «Diário Selvagem», 22 de Abril de 1994, p. 5 (incluído em *Memorando, Mirabolando*, Setúbal, Contraponto, 1995, pp. 37-42).
- «Cadernos de Lanzarote», *O Inimigo*, secção «Diário Selvagem», 29 de Abril de 1994, p. 13 (incluído em *Memorando, Mirabolando*, Setúbal, Contraponto, Setembro de 1995, pp. 29-35).
- «O tesouro», *Diário de Notícias*, 2 de Outubro de 1994, supl. «Gazeta Sétima Colina», p. IV.
- «Cadernos de Lanzarote: o diário de bem-aventurança», *Gazeta de Palmela*, 14 de Abril de 1995, p. 9.
- «Fiscal dos espectáculos. Rica vida!», *O Inimigo*, secção «Diário Selvagem», 6 de Maio de 1994, p. 5 (incluído em *Figuras, Figurantes e Figurões*, Lisboa, O Independente, 2004, pp. 48-50).
- «A caquexia mora aqui (drama da 3.^a idade, em estado comatoso)», *O Inimigo*, secção «Diário Selvagem», 13 de Maio de 1994, p. 5 (paródia da Conta-Corrente do VF, como se fosse este a escrever).
- «Contas são contas», *O Inimigo*, secção «Diário Selvagem», 20 de Maio de 1994, p. 5 (replicado com o título «Dever e não pagar», *O Setubalense*, 25 de Maio de 1994, p. 4; e incluído em *Figuras, Figurantes e Figurões*, Lisboa, O Independente, 2004, pp. 116-118).
- «Um animal de palco», *Gazeta de Palmela*, 10 de Junho de 1994, p. 11.
- «Requiem por um cavalo», *Gazeta de Palmela*, 2 de Setembro de 1994, p. 10 (incluído em *Memorando, Mirabolando*, Setúbal, Contraponto, Setembro de 1995, pp. 171-173).
- «Uma alegria assim», *Gazeta de Palmela*, 9 de Setembro de 1994, p. 12.
- «Parabéns, senhor Bocage!», *Gazeta de Palmela*, 16 de Setembro de 1994, p. 13.
- «A escolha de Clarinha», *Gazeta de Palmela*, 23 de Setembro de 1994, p. 13 (incluído em *Memorando, Mirabolando*, Setúbal, Contraponto, Setembro de 1995, pp. 43-46).
- «De editor a editado», *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 12 de Outubro de 1994, p. 17 (incluído em *Figuras, Figurantes e Figurões*, Lisboa, O Independente, 2004, pp. 23-27).
- «Na morte de Miguel Torga», *Gazeta de Palmela*, 20 de Janeiro de 1995, p. 8 (incluído em *Memorando, Mirabolando*,

- Setúbal, Contraponto, Setembro de 1995, pp. 281-282).
- «CADERNOS DE LANZAROTE: o diário da bem-aventurança», *Gazeta de Palmela*, 14 de Abril de 1995, p. 9.
- «A ler CADERNOS DE LANZAROTE II», *Diário Económico*, 19 de Abril de 1995, p. 14 (incluído em *Figuras, Figurantes e Figurões*, Lisboa, O Independente, 2004, pp. 149-150).
- «A varonia da escrita», *Diário Económico*, 26 de Abril de 1995, p. 11 (incluído em *Isto de Estar Vivo*, Palmela, Contraponto, 2000, pp. 115-116; e *Raio de Luar*, Lisboa, Oficina do Livro, Março de 2003, pp. 78-79).
- «Uma enorme trapalhada», *Gazeta de Palmela*, 28 de Abril de 1995, p. 9 (incluído em *Figuras, Figurantes e Figurões*, Lisboa, O Independente, 2004, pp. 127-129).
- «Até quando, ó Rosa?!», *Diário Económico*, 3 de Maio de 1995, p. 11 (incluído em *Isto de Estar Vivo*, Palmela, Contraponto, 2000, pp. 70-72; e em *Raio de Luar*, Lisboa, Oficina do Livro, Março de 2003, pp. 113-115).
- «Oliveira Martins, o historiador em foco», *Gazeta de Palmela*, 5 de Maio de 1995, p. 9.
- «Os primeiros passos», *Gazeta de Palmela*, 12 de Maio de 1995, p. 9 (incluído em *Figuras, Figurantes e Figurões*, Lisboa, O Independente, 2004, pp. 119-121).
- «Cruzes da sorte, letras do azar», *Diário Económico*, 12 de Maio de 1995, p. 11 (incluído em *Isto de Estar Vivo*, Palmela, Contraponto, 2000, pp. 91-93).
- «Uma literatura de entretém», *Diário Económico*, 17 de Maio de 1995, p. 11 (incluído em *Figuras, Figurantes e Figurões*, Lisboa, O Independente, 2004, pp. 125-126).
- «O que não se lê», *Gazeta de Palmela*, 19 de Maio de 1995, p. 9 (incluído em *Figuras, Figurantes e Figurões*, Lisboa, O Independente, 2004, pp. 122-124).
- «Uma vida muitas vidas», *Diário Económico*, 24 de Maio de 1995, p. 11 (incluído em *Isto de Estar Vivo*, Palmela, Contraponto, 2000, pp. 97-99).
- «Miguel Torga e os urubus», *Gazeta de Palmela*, 26 de Maio de 1995, p. 9.
- «De barriga para baixo», *Diário Económico*, 31 de Maio de 1995, p. 11 (incluído em *Isto de Estar Vivo*, Palmela, Contraponto, 2000, pp. 46-48).
- «A deusa apeada», *Diário Económico*, 7 de Junho de 1995, p. 11 (incluído em *Isto de Estar Vivo*, Palmela, Contraponto, 2000, pp. 94-96).
- «Mais a mim! Mais a mim!», *Diário Económico*, 14 de Junho de 1995, p. 7 (incluído em *Figuras, Figurantes e Figurões*, Lisboa, O Independente, 2004, pp. 114-115).
- «O nosso velho», *Diário Económico*, 5 de Julho de 1995, p. 11 (incluído em *Isto de Estar Vivo*, Palmela, Contraponto, 2000, pp. 25-27; e *Raio de Luar*, Lisboa, Oficina do Livro, Março de 2003, pp. 54-56).
- «Na morte de Jorge Peixinho», *Gazeta de Palmela*, 7 de Julho de 1995, p. 9.
- «Menina Agustina, policiária», *Diário Económico*, 12 de Julho de 1995, p. 11 (incluído em *Isto de Estar Vivo*, Palmela, Contraponto, 2000, pp. 63-65).
- «O mito do Café Gelo», *Diário Económico*, 19 de Julho de 1995, p. 11 (incluído em *Figuras, Figurantes e Figurões*, Lisboa, O Independente, 2004, pp. 98-99).
- «Os dois ases d'O Volante», *Diário Económico*, 26 de Julho de 1995, p. 10 (incluído em *Figuras, Figurantes e Figurões*, Lisboa, O Independente, 2004, pp. 100-101).
- «O Cesariny: um abismo», *Diário Económico*, 2 de Agosto de 1995, p. 7 (incluído em *Figuras, Figurantes e Figurões*, Lisboa, O Independente, 2004, pp. 92-93).
- «Estrelas de Portugal», *Diário Económico*, 9 de Agosto de 1995, p. 7.
- «Pronto-socorro financeiro», *Diário Económico*, 16 de Agosto de 1995, p. 7.
- «O Nemésio», *Diário Económico*, 23 de Agosto de 1995, p. 7 (incluído em *Isto de Estar Vivo*, Palmela, Contraponto, 2000, pp. 31-33; e *Raio de Luar*, Lisboa, Oficina do Livro, Março de 2003, pp. 60-62).
- «Valer por dois, três (ou mais)», *Diário Económico*, 30 de Agosto de 1995, p. 7 (incluído em *Isto de Estar Vivo*, Palmela, Contraponto, 2000, pp. 81-82).
- «O careca evidente retratado pelo caixa d'óculos. À memória de Manuel de Lima», *Ler*, n.º 31, Verão de 1995, pp. 83-84 (escrito em 1981; incluído em *Figuras, Figurantes e Figurões*, Lisboa, O Independente, 2004, pp. 130-135).
- «O equívoco do B.B.», *Diário Económico*, 13 de Setembro de 1995, p. 7 (incluído em *Figuras, Figurantes e Figurões*, Lisboa, O Independente, 2004, pp. 70-72).
- «Manuel Laranjeira: um espanto», *Diário Económico*, 20 de Setembro de 1995, p. 11.
- «Manuel Laranjeira: um monumento», *Diário Económico*, 27 de Setembro de 1995, p. 11.
- «Urbano e as formiguinhas», *Diário Económico*, 4 de Outubro de 1995, p. 11 (incluído em *Figuras, Figurantes e Figurões*, Lisboa, O Independente, 2004, pp. 38-39).
- «Ferreira de Castro: o sucesso a prazo», *Diário Económico*, 11 de Outubro de 1995, p. 10.
- «Donas na maior», *Diário Económico*, 18 de Outubro de 1995, p. 11 (incluído em *Figuras, Figurantes e Figurões*, Lisboa, O Independente, 2004, pp. 136-137).
- «O Agostinho», *Diário Económico*, 25 de Outubro de 1995 (incluído em *Figuras, Figurantes e Figurões*, Lisboa, O Independente, 2004, pp. 138-139).
- «Um estropício», *Diário Económico*, 2 de Novembro de 1995, p. 10.
- «À venda, como carapaus», *Diário Económico*, 8 de Novembro de 1995, p. 10 (incluído em *Isto de Estar Vivo*, Palmela, Contraponto, 2000, pp. 83-84).
- «Pio de Abreu: médico, cidadão», *Diário Económico*, 15 de Novembro de 1995, p. 11 (incluído em *Figuras, Figurantes e Figurões*, Lisboa, O Independente, 2004, pp. 140-141).
- «O recurso ao medo», *Diário Económico*, 22 de Novembro de 1995, p. 14 (incluído em *Isto de Estar Vivo*, Palmela, Contraponto, 2000, pp. 28-30; e *Raio de Luar*, Lisboa, Oficina do Livro, Março de 2003, pp. 57-59).
- «Uma espécie de boémia?!», *Diário de Lisboa*, 29 de Novembro de 1995, p. 18.
- «Na estalagem do assombro», *Diário Económico*, 6 de Dezembro de 1995, p. 10 (incluído em *Figuras, Figurantes e Figurões*, Lisboa, O Independente, 2004, pp. 142-143).
- «Excelente Eugénio, em prosa», *Diário Económico*, 13 de Dezembro de 1995, p. 11 (incluído em *Isto de Estar Vivo*, Palmela, Contraponto, 2000, pp. 68-69; e *Raio de Luar*, Lisboa, Oficina do Livro, Março de 2003, pp. 67-69).
- «Um exemplo do humano», *Diário Económico*, 3 de Janeiro de 1996, p. 10.
- «Almada, o poliapto», *Público Magazine*, 7 de Janeiro de 1996, p. 7 (incluído em Leonel Moura (org. e serigrafias), *Portugal Século XX. 50 Rostos para Uma Identidade*, Lisboa, Público, 1997; e *Figuras, Figurantes e Figurões*, Lisboa, O Independente, 2004, pp. 190-192).
- «O triunfo da vida», *Diário Económico*, 10 de Janeiro de 1996, p. 7 (incluído em

- em *Isto de Estar Vivo*, Palmela, Contraponto, 2000, pp. 73-74).
- «Um Pessoa prosador», *Diário Económico*, 17 de Janeiro de 1996, p. 7 (incluído em *Isto de Estar Vivo*, Palmela, Contraponto, 2000, pp. 17-19).
- «Importa-se de repetir?», *Diário Económico*, 24 de Janeiro de 1996, p. 7 (incluído em *Isto de Estar Vivo*, Palmela, Contraponto, 2000, pp. 20-22).
- «Finalmente Sandra», *Diário Económico*, 31 de Janeiro de 1996, p. 11.
- «O senhor Joãozinho das comédias», *Blitz*, 13 de Fevereiro de 1996, p. 39 (incluído em *Figuras, Figurantes e Figurões*, Lisboa, O Independente, 2004, pp. 144-146).
- «Saramago», *Diário Económico*, 14 de Fevereiro de 1996, p. 11 (incluído em *Figuras, Figurantes e Figurões*, Lisboa, O Independente, 2004, pp. 147-148).
- «Remexer em cinzas», *Diário Económico*, 21 de Fevereiro de 1996, p. 11 (incluído em *Figuras, Figurantes e Figurões*, Lisboa, O Independente, 2004, pp. 160-161).
- «Alma: ritmos e temas», *Diário Económico*, 28 de Fevereiro de 1996, p. 11 (incluído em *Isto de Estar Vivo*, Palmela, Contraponto, 2000, pp. 111-112).
- «Um caso mirabolante», *Gazeta de Palmela*, 8 de Março de 1996, p. 2 (incluído em *Figuras, Figurantes e Figurões*, Lisboa, O Independente, 2004, pp. 166-169).
- «A diabólica arca», *Diário Económico*, 13 de Março de 1996, p. 10 (incluído em *Isto de Estar Vivo*, Palmela, Contraponto, 2000, pp. 15-16).
- «Uma paródia com Sofia», *Diário Económico*, 20 de Março de 1996, p. 10 (incluído em *Isto de Estar Vivo*, Palmela, Contraponto, 2000, pp. 105-107; e *Raio de Luar*, Lisboa, Oficina do Livro, Março de 2003, pp. 83-85).
- «O Óscar», *Diário Económico*, 27 de Março de 1996, p. 10.
- «Sobre a justiça», *Diário Económico*, 10 de Abril de 1996, p. 10 (incluído em *Isto de Estar Vivo*, Palmela, Contraponto, 2000, pp. 100-102; e *Raio de Luar*, Lisboa, Oficina do Livro, Março de 2003, pp. 75-77).
- «O problema do pai», *Diário Económico*, 8 de Maio de 1996, p. 11.
- «Escrita em dia», *Diário Económico*, 15 de Maio de 1996, p. 11 (incluído em *Figuras, Figurantes e Figurões*, Lisboa, O Independente, 2004, pp. 172-173).
- «Uma Lisboa desaparecida», *Diário Económico*, 22 de Maio de 1996, p. 11 (incluído em *Isto de Estar Vivo*, Palmela, Contraponto, 2000, pp. 77-78; e em *Raio de Luar*, Lisboa, Oficina do Livro, Março de 2003, pp. 124-125).
- «Cesariny versus Breton», *Diário Económico*, 29 de Maio de 1996, p. 11 (incluído em *Figuras, Figurantes e Figurões*, Lisboa, O Independente, 2004, pp. 96-97).
- «Na loja dos 300», *Diário Económico*, 5 de Junho de 1996, p. 9 (incluído em *Figuras, Figurantes e Figurões*, Lisboa, O Independente, 2004, pp. 174-175).
- «Bandeirantes e pioneiros», *Diário Económico*, 12 de Junho de 1996, p. 9 (incluído em *Isto de Estar Vivo*, Palmela, Contraponto, 2000, pp. 55-57; e *Raio de Luar*, Lisboa, Oficina do Livro, Março de 2003, pp. 72-74).
- «Os défroquês», *Diário Económico*, 19 de Junho de 1996, p. 11 (incluído em *Isto de Estar Vivo*, Palmela, Contraponto, 2000, pp. 39-40; e em *Raio de Luar*, Lisboa, Oficina do Livro, Março de 2003, pp. 121-123).
- «O mecenas Nicolau», *Diário Económico*, 26 de Junho de 1996, p. 11 (incluído em *Figuras, Figurantes e Figurões*, Lisboa, O Independente, 2004, pp. 162-163).
- «Namora outra vez», *Diário Económico*, 3 de Julho de 1996, p. 7 (incluído em *Isto de Estar Vivo*, Palmela, Contraponto, 2000, pp. 51-52).
- «Estuante de vida», *Diário Económico*, 10 de Julho de 1996, p. 11 (incluído em *Isto de Estar Vivo*, Palmela, Contraponto, 2000, pp. 58-59; e *Raio de Luar*, Lisboa, Oficina do Livro, Março de 2003, pp. 70-71).
- «Congratulações», *Diário Económico*, 17 de Julho de 1996, p. 9.
- «Catatua à conversa», *Diário Económico*, 24 de Julho de 1996, p. 7 (incluído em *Isto de Estar Vivo*, Palmela, Contraponto, 2000, pp. 87-88; e em *Raio de Luar*, Lisboa, Oficina do Livro, Março de 2003, pp. 119-120).
- «Os fenómenos», *Diário Económico*, 4 de Setembro de 1996, p. 15.
- «Um livro importante», *Diário Económico*, 11 de Setembro de 1996, p. 11.
- «Escribas açorianos», *Diário Económico*, 18 de Setembro de 1996, p. 11.
- «Torga, a homenagem», *Diário Económico*, 25 de Setembro de 1996, p. 11.
- «Torga, o editor», *Diário Económico*, 2 de Outubro de 1996, p. 11 (incluído em *Isto de Estar Vivo*, Palmela, Contraponto, 2000, pp. 41-43).
- «Violação de menores», *Diário Económico*, 9 de Outubro de 1996, p. 9 (incluído em *Isto de Estar Vivo*, Palmela, Contraponto, 2000, pp. 11-12).
- «Torga, o revisor», *Diário Económico*, 16 de Outubro de 1996, p. 11 (incluído em *Isto de Estar Vivo*, Palmela, Contraponto, 2000, pp. 44-45).
- «Deixem o Salazar», *Diário Económico*, 24 de Outubro de 1996, p. 11 (incluído em *Isto de Estar Vivo*, Palmela, Contraponto, 2000, pp. 117-118; e *Raio de Luar*, Lisboa, Oficina do Livro, Março de 2003, pp. 86-88).
- «Outro livro importante», *Diário Económico*, 30 de Outubro de 1996, p. 9.
- «O manto», *Diário Económico*, 6 de Novembro de 1996, p. 9 (incluído em *Isto de Estar Vivo*, Palmela, Contraponto, 2000, pp. 66-67; e *Raio de Luar*, Lisboa, Oficina do Livro, Março de 2003, pp. 65-66).
- «Uma coisa de estarrecer», *Diário Económico*, 13 de Novembro de 1996, p. 11 (incluído em *Figuras, Figurantes e Figurões*, Lisboa, O Independente, 2004, pp. 170-171).
- «A patifaria», *Diário Económico*, 20 de Novembro de 1996, p. 9 (incluído em *Figuras, Figurantes e Figurões*, Lisboa, O Independente, 2004, pp. 164-165).
- «Longa jornada para a noite: António Lobo Antunes», *Já*, 21 de Novembro de 1996, p. 42 (incluído em *Figuras, Figurantes e Figurões*, Lisboa, O Independente, 2004, pp. 185-189).
- «Só a fome é farta», *Diário Económico*, 27 de Novembro de 1996, p. 11 (incluído em *Isto de Estar Vivo*, Palmela, Contraponto, 2000, pp. 113-114; e *Raio de Luar*, Lisboa, Oficina do Livro, Março de 2003, pp. 80-82).
- «A cruzada do Salitre», *Diário Económico*, 4 de Dezembro de 1996, p. 9 (incluído em *Isto de Estar Vivo*, Palmela, Contraponto, 2000, pp. 119-120; e *Raio de Luar*, Lisboa, Oficina do Livro, Março de 2003, pp. 89-91).
- «Memorial do recolhimento», *Diário Económico*, 11 de Dezembro de 1996, p. 11 (incluído em *Isto de Estar Vivo*, Palmela, Contraponto, 2000, pp. 121-123; e *Raio de Luar*, Lisboa, Oficina do Livro, Março de 2003, pp. 92-94).
- «O génio é uma longa paciência», *Ler*, n.º 36, Outono de 1996 (incluído em *Figuras, Figurantes e Figurões*, Lisboa, O Independente, 2004, pp. 176-180).
- «Presunção de velhadas», *Público* (revista de domingo), 12 de Janeiro de 1997, p. 2 (incluído em *Prazo de Validade*, Palmela, Contraponto, 1998, pp. 9-14).

- «O traquinas contentinho», *Público* (revista de domingo), 2 de Fevereiro de 1997, p. 2 (incluído em *Prazo de Validade*, Palmela, Contraponto, 1998, pp. 15-20).
- «Estrangeiros ao próprio sonho», *Público* (revista de domingo), 23 de Fevereiro de 1997, p. 4 (incluído em *Prazo de Validade*, Palmela, Contraponto, 1998, pp. 23-28; e *Raio de Luar*, Lisboa, Oficina do Livro, Março de 2003, pp. 17-21).
- «Um homem dividido», *Público* (revista de domingo), 16 de Março de 1997 (incluído em *Prazo de Validade*, Palmela, Contraponto, 1998, pp. 29-33; e *Raio de Luar*, Lisboa, Oficina do Livro, Março de 2003, pp. 32-35).
- «Escrever como liberdade», *Público* (revista de domingo), 6 de Abril de 1997, p. 4 (incluído em *Prazo de Validade*, Palmela, Contraponto, 1998, pp. 37-42; e *Raio de Luar*, Lisboa, Oficina do Livro, Março de 2003, pp. 22-26).
- «Os diários impossíveis», *Público* (revista de domingo), 27 de Abril de 1997, p. 4 (incluído em *Prazo de Validade*, Palmela, Contraponto, 1998, pp. 43-49).
- «Trambolhos e fantasmas e maroscas», *Público* (revista de domingo), 18 de Maio de 1997, p. 4 (incluído em *Prazo de Validade*, Palmela, Contraponto, 1998, pp. 51-56).
- «O homem da lâmpada», *Público* (revista de domingo), 20 de Junho de 1997, p. 4 (incluído em *Prazo de Validade*, Palmela, Contraponto, 1998, pp. 59-64; e *Raio de Luar*, Lisboa, Oficina do Livro, Março de 2003, pp. 49-53).
- «Do surreal lisboeto», *Público* (revista de domingo), 29 de Junho de 1997, p. 4 (incluído em *Prazo de Validade*, Palmela, Contraponto, 1998, pp. 67-71; e *Raio de Luar*, Lisboa, Oficina do Livro, Março de 2003, pp. 45-48).
- «Operação Papagaio», *Público* (revista de domingo), 20 de Julho de 1997, p. 4 (incluído em *Prazo de Validade*, Palmela, Contraponto, 1998, pp. 73-78; e *Raio de Luar*, Lisboa, Oficina do Livro, Março de 2003, pp. 27-31).
- «Fantasmas na ópera», *Público* (revista de domingo), 10 de Agosto de 1997, p. 4 (incluído em *Prazo de Validade*, Palmela, Contraponto, 1998, pp. 79-84; e *Raio de Luar*, Lisboa, Oficina do Livro, Março de 2003, pp. 36-39).
- «O virgem negra», *Público* (revista de domingo), 31 de Agosto de 1997, p. 2 (incluído em *Prazo de Validade*, Palmela, Contraponto, 1998, pp. 85-90).
- «Cantando e rindo», *Público* (revista de domingo), 21 de Setembro de 1997, p. 4 (incluído em *Prazo de Validade*, Palmela, Contraponto, 1998, pp. 93-98; e *Raio de Luar*, Lisboa, Oficina do Livro, Março de 2003, pp. 40-44).
- «Meio século de surreal em Portugal», *Ler*, n.º 38, Primavera/Verão de 1997 (incluído em *Figuras, Figurantes e Figurões*, Lisboa, O Independente, 2004, pp. 86-91).

DÉCADA DE 2000

«Diário Selvagem» (excertos), *Periférica*, n.º 8, Inverno de 2004, pp. 40-45.

PREFÁCIOS, ANTOLOGIAS E OUTRAS COLABORAÇÕES

- «Sade aqui entre nós», prefácio a Marquês de Sade, *A Filosofia na Alcova*, Lisboa, Afrodite, 1966 (incluído em *Textos Malditos*, Lisboa, Afrodite, 1977, pp. 113-128).
- «Manoel Vinhas», prefácio a Manoel Vinhas, *Profissão Exilado*, 1975 (incluído em *Textos de Guerrilha 2*, Lisboa, Ler, Junho de 1981, pp. 93-95).

- «Direitos autorais do tradutor» (com Manuel Grangeio Crespo), em AAVV, *II Congresso dos Escritores Portugueses: Discursos, Comunicações, Debates, Moções, Saudações*, APE/D. Quixote, Lisboa, Dezembro de 1982, pp. 327-329.
- «Mário Viegas», em *Um Rapaz Chamado Mário Viegas*, Catálogo do Museu Nacional do Teatro, 2001, p. 159.
- «Páginas do diário de um cronista», em *Alice: Ilustração* (textos de João Paulo Cotrim, João Soares e Luiz Pacheco), Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1999, p. 6.

ENTREVISTAS COM LUIZ PACHECO

GRAVAÇÕES INÉDITAS

- Luiz Pacheco, 2 e 3 de Maio de 1994 (Setúbal);
- Luiz Pacheco, 21 de Julho de 2001 (Lisboa, Príncipe Real);
- Luiz Pacheco, 8 de Agosto de 2001 (Lisboa, Príncipe Real);
- Luiz Pacheco, 14 de Agosto de 2001 (Lisboa, Príncipe Real);
- Luiz Pacheco, 16 de Agosto de 2001 (Lisboa, Príncipe Real);
- Luiz Pacheco, 30 de Agosto de 2001 (Lisboa, Príncipe Real);
- Luiz Pacheco, 15 de Junho de 2002 (Lisboa, Príncipe Real);

PUBLICADAS NA IMPRENSA

- G.C.C., «Fragmentos de uma conversa que deveria ter sido regada a vinho com Luís Pacheco», *Edição Especial*, ano ZI, n.º 6, 3 de Julho de 1977, p. 18.
- Não assinada, «A ficção ainda não conseguiu uma mudança equivalente à do jornalismo e do teatro», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 30 de Junho de 1977, pp. I e VII (incluída em

- Textos de Guerrilha 1*, Lisboa, Ler, 1979, pp. 123-125).
- BAPTISTA-BASTOS, Armando, «Não criei moral nenhuma: sou o que fiz», *Jornal de Letras, Artes & Ideias*, n.º 174, 5 de Novembro de 1985, pp. 10-11 (incluída em *O Urvo do Coiote 1*, Setúbal, Contraponto, Novembro de 1992, pp. 3-12; e em *O Urvo do Coiote 2*, Palmela, Contraponto, 1994, pp. 113-123).
- ALVES, Clara Ferreira e João Macedo (Torcato Sepúlveda), «Luiz Pacheco: o cangalheiro da cidade», *Expresso* (revista), 10 de Junho de 1988, pp. 68-72 (incluída em *O Urvo do Coiote 2*, Palmela, Contraponto, 1994, pp. 31-55).

- TELES, António Tavares, «António Tavares Teles com...», *A Capital*, 15 de Outubro de 1988, pp. 23-26 (incluída em *O Urvo do Coiote 2*, Palmela, Contraponto, 1994, pp. 57-73).
- Não assinada, «Luís Pacheco: a irreverência na literatura», *Revista EDP*, II Série, n.º 5, Novembro/Dezembro de 1991, pp. 18-19.
- QUEVEDO, Carlos, e ZINK, Rui, «Para dar o exemplo», *Kapa*, n.º 22, Julho de 1992, pp. 33-44 (incluída em *O Urvo do Coiote 2*, Palmela, Contraponto, 1994, pp. 75-111; e em *O Crocodilo Que Voa*, Lisboa, Tinta-da-China, 2008).
- BAPTISTA-BASTOS, Armando, «Olhó Pacheco! Sacana libertino escritor», *O Inimigo*, 8 de Abril de 1994, pp. A-D, destacável (incluída em *O Crocodilo Que Voa*, Lisboa, Tinta-da-China, 2008).
- SANTOS, Mário, «Sou um moribundo alegre», *Público*, supl. «Leituras», 11 de Março de 1995, pp. 1-3 (incluída em *O Crocodilo Que Voa*, Lisboa, Tinta-da-China, 2008).
- COTRIM, João Paulo, «Isto só me tem dado chatices», *Ler*, Verão de 1995, n.º 31, pp. 68-81 (incluída em

- O Crocodilo Que Voa*, Lisboa, Tinta-da-China, 2008).
- GALHÓS, Cláudia, «Luiz Pacheco: o discurso do libertino», *Blitz*, 19 de Dezembro, 1995, pp. 19-21 (incluída em *O Crocodilo Que Voa*, Lisboa, Tinta-da-China, 2008).
- PINHEIRO, Paula Moura, «Luiz Pacheco, antes que se deixe morrer», *Já*, 25 de Julho de 1996, pp. 20-21 (incluída em Paula Moura Pinheiro, 27/8, Lisboa, D. Quixote, 2002; e em *O Crocodilo Que Voa*, Lisboa, Tinta-da-China, 2008).
- SILVA, José Manuel Rodrigues da, PEREIRA, Ricardo de Araújo, «A velhice do guerrilheiro da escrita», *Jornal de Letras, Artes & Ideias*, 24 de Setembro de 1997, pp. 16-19 (incluída em *O Crocodilo Que Voa*, Lisboa, Tinta-da-China, 2008).
- ALMEIDA, João Vasco, «Guterres tem ar de padre», *Ego*, Fevereiro de 1998, pp. 19-22.
- SALAZAR, Tiago, «Escritor “maldito” abre o livro: o memorial do Pacheco», *O Diabo*, 20 de Outubro de 1998, p. 16.
- FRANCISCO, José do Carmo, «O Herberto leu-me *Os Passos em Volta* nas Portas do Sol», *O Mirante — Jornal da Região do Ribatejo*, 9 de Dezembro de 1998, p. 23.
- RIBEIRO, Anabela Mota, «Luiz Pacheco», *Diário de Notícias*, supl. «DNA», 19 de Dezembro de 1998, pp. 14-19 (incluída em Anabela Mota Ribeiro, *O Sonho de Um Curioso: 14 entrevistas*, Lisboa, D. Quixote, 2003, pp. 165-181).
- JEREMIAS, Luísa, «Não penso no suicídio mas sei que vou chegar lá», *A Capital*, 22 de Dezembro de 2000, pp. 2-3.
- CARITA, Alexandra, TENTÚGAL, Rui, «Para o futuro estou-me marimbando», *Focus*, n.º 77, 2001, pp. 44-48.
- PEREIRA, Cristiano, «Há gajos que só querem ser ídolos», *Jornal de Notícias*, 3 de Janeiro de 2003.
- FRANÇA, Elisabete, «No Outono do patriarca», *Diário de Notícias*, 7 de Janeiro de 2004, pp. 34-35.
- RAMOS, Manuel da Silva, «O repouso do rebelde», *Jornal de Fundão*, suplemento especial «58 anos», 30 de Janeiro de 2004, p. XXIX.
- ADAMAPOULOS, Sarah, «Um homem livre: Luiz Pacheco», *Público*, revista *Pública*, 28 de Março de 2004, pp. 30-37.
- ESTEVES, Fernando, «Os meus filhos não chorarão a minha morte», *O Independente*, 5 de Novembro de 2004, pp. 24-25.
- GEORGE, João Pedro, «Luiz Pacheco: entrevista», *Esplanar* (blogue), 4 de Maio de 2005 (incluída em *O Crocodilo Que Voa*, Lisboa, Tinta-da-China, 2008).
- CASTRO, Pedro, «Eu não sou um marginal, porra. Sou um senhor», *A Capital*, 24 de Julho de 2005, pp. 9-14 (incluída em *O Crocodilo Que Voa*, Lisboa, Tinta-da-China, 2008).
- ALMEIDA, Pedro Dias de, «Guerreiro Pacheco», *Visão*, 1 de Setembro de 2005, pp. 94-99 (incluída em *O Crocodilo Que Voa*, Lisboa, Tinta-da-China, 2008).
- SILVA, José Manuel Rodrigues da, «Um diário inteiramente livre», *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 13 de Setembro de 2005, pp. 15-17 (incluída em *O Crocodilo Que Voa*, Lisboa, Tinta-da-China, 2008).
- ASSOR, Miriam, «Sócrates? Quem é? Não o conheço», *Correio da Manhã*, 8 de Abril de 2007.
- NUNES, Vladimir, «Não estou aqui a fazer pose», *Sol*, Janeiro de 2008.
- FRANÇA, Elisabete, «No Outono do patriarca», *Diário de Notícias*, 7 de Janeiro de 2004, pp. 34-35.
- RAMOS, Manuel da Silva, «O repouso do rebelde», *Jornal de Fundão*, suplemento especial «58 anos», 30 de Janeiro de 2004, p. XXIX.
- ADAMAPOULOS, Sarah, «Um homem livre: Luiz Pacheco», *Público*, revista *Pública*, 28 de Março de 2004, pp. 30-37.
- ESTEVES, Fernando, «Os meus filhos não chorarão a minha morte», *O Independente*, 5 de Novembro de 2004, pp. 24-25.
- GEORGE, João Pedro, «Luiz Pacheco: entrevista», *Esplanar* (blogue), 4 de Maio de 2005 (incluída em *O Crocodilo Que Voa*, Lisboa, Tinta-da-China, 2008).
- CASTRO, Pedro, «Eu não sou um marginal, porra. Sou um senhor», *A Capital*, 24 de Julho de 2005, pp. 9-14 (incluída em *O Crocodilo Que Voa*, Lisboa, Tinta-da-China, 2008).
- ALMEIDA, Pedro Dias de, «Guerreiro Pacheco», *Visão*, 1 de Setembro de 2005, pp. 94-99 (incluída em *O Crocodilo Que Voa*, Lisboa, Tinta-da-China, 2008).
- SILVA, José Manuel Rodrigues da, «Um diário inteiramente livre», *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 13 de Setembro de 2005, pp. 15-17 (incluída em *O Crocodilo Que Voa*, Lisboa, Tinta-da-China, 2008).
- ASSOR, Miriam, «Sócrates? Quem é? Não o conheço», *Correio da Manhã*, 8 de Abril de 2007.
- NUNES, Vladimir, «Não estou aqui a fazer pose», *Sol*, Janeiro de 2008.
- ANÓNIMO, «O jardim das carícias», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 3 de Novembro de 1977, p. VI.
- ANÓNIMO, «No jardim das carícias», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 17 de Agosto de 1978, pp. I e XII (por Luiz Pacheco, arabista).
- ANÓNIMO, «O trovador das carícias», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 25 de Janeiro de 1979, p. XII (versão do moçárabe).
- ANÓNIMO, «O fogo das carícias», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 12 de Abril de 1979, p. VI (adaptação bastante livre do arábico por Luiz Pacheco).
- ANÓNIMO, «Os devaneios do arabista», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 12 de Novembro de 1981, p. I.
- DEGOTTE, *O Balão de Caracólitos*, Lisboa, Verbo, 1972.
- EHRlich, Michel, «Aquele noite em que a loucura entrou em casa», *Diário Popular*, 31 de Agosto de 1978, supl. «Letras e Artes», p. VIII (versão livre de Luiz Pacheco).
- IBARROLA, Alonso, *Histórias para Burgueses*, Lisboa, Estampa, 1976.
- JASPERS, Karl, *A Bomba Atómica e o Futuro do Homem*, Lisboa, Contraponto, 1958.
- MALLET-JORIS, Françoise, *O Rei Que Adorava Flores*, Lisboa, Verbo, 1973.
- ORTEGA Y GASSET, José, «O Intelectual e o outro», *Jornal de Letras e Artes*, 25 de Novembro de 1964, pp. 1 e 2; continuação em *Jornal de Letras e Artes*, 2 de Dezembro de 1964, pp. 2 e 14.
- RÉMY, Dubois, *O Galaró*, Lisboa, Verbo, 1974.
- SCHUSTER, Jean e LEGRAND, Gérard, *A filosofia e a arte perante o seu destino revolucionário*, Lisboa, A Antologia em 1958, colecção «Série Negra», 1958.
- TCHKEV, Anton, *A Minba Mulber*, Lisboa, Inquérito, 1962 (reeditado por Contraponto, em Abril de 1996).
- TCHKEV, Anton, *Os Mujiques*, Lisboa, Inquérito, 1965.
- TCHKEV, Anton, «Então, era ela!», *Diário Popular*, supl. «Sábado Popular», 27 de Agosto de 1983, p. VI (um conto de Anton Tchekov, adaptação, libérrima, de Luiz Pacheco).
- VOLTAIRE, *Dicionário Filosófico*, vol. 1, Lisboa, Presença, 1966 (como negro, assinada por Bruno da Ponte).

TRADUÇÕES DE LUIZ PACHECO

- «O jardim das carícias», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 3 de Novembro de 1977, p. VI.
- «No jardim das carícias», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 17 de Agosto de 1978, pp. I e XII (por Luiz Pacheco, arabista).
- «O trovador das carícias», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 25 de Janeiro de 1979, p. XII (versão do moçárabe).
- «O fogo das carícias», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 12 de Abril de 1979, p. VI (adaptação bastante livre do arábico por Luiz Pacheco).
- «Os devaneios do arabista», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 12 de Novembro de 1981, p. I.
- O Balão de Caracólitos*, Lisboa, Verbo, 1972.
- «Aquele noite em que a loucura entrou em casa», *Diário Popular*, 31 de Agosto de 1978, supl. «Letras e Artes», p. VIII (versão livre de Luiz Pacheco).
- Histórias para Burgueses*, Lisboa, Estampa, 1976.
- A Bomba Atómica e o Futuro do Homem*, Lisboa, Contraponto, 1958.
- O Rei Que Adorava Flores*, Lisboa, Verbo, 1973.
- «O Intelectual e o outro», *Jornal de Letras e Artes*, 25 de Novembro de 1964, pp. 1 e 2; continuação em *Jornal de Letras e Artes*, 2 de Dezembro de 1964, pp. 2 e 14.
- RÉMY, Dubois, *O Galaró*, Lisboa, Verbo, 1974.
- SCHUSTER, Jean e LEGRAND, Gérard, *A filosofia e a arte perante o seu destino revolucionário*, Lisboa, A Antologia em 1958, colecção «Série Negra», 1958.
- TCHKEV, Anton, *A Minba Mulber*, Lisboa, Inquérito, 1962 (reeditado por Contraponto, em Abril de 1996).
- TCHKEV, Anton, *Os Mujiques*, Lisboa, Inquérito, 1965.
- TCHKEV, Anton, «Então, era ela!», *Diário Popular*, supl. «Sábado Popular», 27 de Agosto de 1983, p. VI (um conto de Anton Tchekov, adaptação, libérrima, de Luiz Pacheco).
- VOLTAIRE, *Dicionário Filosófico*, vol. 1, Lisboa, Presença, 1966 (como negro, assinada por Bruno da Ponte).

TRADUÇÕES DE OBRAS DE LUIZ PACHECO

- Comunidade*: «Gemeinschaft» (tradução de Curt Meyer-Clason), *Portugiesische Erzählungen*, Horst Erdman Verlag, 1972.
- O Teodolito*: «Le Théodolite» (tradução de Graff, Marc-Ange Graff), *Supérieur Inconnu*, Janvier-Mars, n.º 13, 1999.

Fontes secundárias

ENTREVISTAS GRAVADAS

- Cecília Neto, 13 de Agosto de 2004 (Lisboa).
 Vítor Silva Tavares, 17 de Agosto de 2004 (Lisboa).
 José Manuel Rodrigues da Silva, 24 de Agosto de 2004 (Lisboa).
 Vítor Silva Tavares, 30 de Agosto de 2004 (Lisboa).
 Serafim Ferreira, 20 de Setembro de 2004 (Amadora).
 Artur Ramos, 21 de Outubro de 2004 (Monte Estoril).
 Edite Soeiro, 29 de Outubro de 2004 (Lisboa).
 Lita, 23 de Novembro de 2004 (Lisboa).
 Jaime Salazar Sampaio, 24 de Novembro de 2004 (Lisboa).
 Pedro da Silveira, 24 de Janeiro de 2005 (Lisboa).
 António Manuel Couto Viana, 27 de Janeiro de 2005 (Lisboa).
 Fernando Gusmão, 13 de Fevereiro de 2005 (Lisboa).
 Florentino Goulart Nogueira, 27 de Fevereiro de 2005 (Lisboa).
 Jaime Aires Pereira, 28 de Fevereiro de 2001 (Lisboa).
 Ernesto Sampaio, 3 de Março de 2005 (Lisboa).
 José Saramago, 10 de Março de 2005 (Lisboa).
 Baptista-Bastos, 18 de Março de 2005 (Lisboa).
 Carol, 20 de Março de 2005 (Lisboa).
 Florentino Goulart Nogueira, 8 de Abril de 2005 (Lisboa).
 Mário Alberto, 11 de Abril de 2005 (Lisboa).
 António Alçada Baptista, 14 de Abril de 2005 (Lisboa).
 Elsa Isabel, 15 de Abril de 2005 (Lisboa).

- Rui Zink, 16 de Abril de 2005 (Lisboa).
 Aldina Costa, 2 de Maio de 2005 (Lisboa).
 Jorge Pelayo, 3 de Maio de 2005 (Lisboa).
 António Maria Pereira, 24 de Maio de 2005 (Lisboa).
 Helena Berger, 24 de Maio de 2005 (Lisboa).
 Miguel de Castro, 25 de Maio de 2005 (Setúbal).
 Fátima Medeiros, 25 de Junho de 2005 (Setúbal).
 Edmundo Pedro, 13 de Junho de 2005 (Lagoa de Albufeira).
 Pio de Abreu, 16 de Junho de 2005 (Coimbra).
 Allen Gomes, 16 de Junho de 2005 (Coimbra).
 Isabel Segorbe, 16 de Junho de 2005 (Coimbra).
 Paulo Pacheco, 3 de Outubro de 2009 (Palmela).

DICIONÁRIOS, ENCICLOPÉDIAS, MANUAIS, HISTÓRIAS DA LITERATURA

- AMARAL, Fernando Pinto do, «Narrativa», em Fernando J. B. Martinho (coord.), *Literatura Portuguesa do Século XX*, Lisboa, Instituto Camões, Maio de 2004, pp. 68-69.
 COLAÇO, Jorge, «Pacheco, Luiz», em *Biblos: Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*, vol. 3, Lisboa/S. Paulo, Verbo, 1999, pp. 1338-1340.
 FRAZÃO, Fernanda e Maria Filomena Boavida, «Pacheco, Luís», *Pequeno Dicionário de Autores de Língua Portuguesa*, Lisboa, Amigos do Livro, 1985, p. 312.
 ROCHA, Ilídio, «Pacheco, Luiz», em *Roteiro da Literatura Portuguesa*,

- Frankfurt/Lisboa, Verlag Teo Ferrer de Mesquita/Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 1995, pp. 176-177.
 SARAIVA, António José e Óscar Lopes, *História da Literatura Portuguesa*, 17.ª edição, Porto, Porto Editora, 1996, p. 1057.
 SILVA, Ana da, «Pacheco (Luiz)», em Álvaro Manuel Machado (dir.), *Dicionário de Literatura Portuguesa*, Lisboa, Presença, 1996, pp. 358-359.
 VIEIRA, Célia, e NOVO, Isabel Rio, *Literatura Portuguesa no Mundo. Dicionário Ilustrado*, vol. IX, Porto, Porto Editora, 2005, pp. 51-52.
 s/A, «Pacheco, Luís», *Lexicoteca — Moderna Enciclopédia Universal*, vol. 14, Lisboa, Círculo de Leitores, 1987, p. 153.
 s/A, *Breve História da Literatura Portuguesa. Autores: Vida e Obra*, Porto, Porto Editora, Outubro de 1999, pp. 182-183.
 s/A, «Pacheco, Luiz», em Ilídio Rocha (dir.), *Dicionário Cronológico de Autores Portugueses*, direcção de Ilídio Rocha, vol. V, Instituto Português do Livro e das Bibliotecas/Publicações Europa-América, Julho de 2000, pp. 426-427.

SOBRE OU COM REFERÊNCIA A LUIZ PACHECO (OBRAS EDITADAS, IMPRENSA E INTERNET)

- AAVV, *Catálogo da Peça de Teatro Comunidade*, Lisboa, Cornucópia, Junho de 1988 (testemunhos de Cândido Ferreira, José Carretas, Rui Zink, Manuel de Brito, Alberto Pimenta, João Macedo, Eduarda Dionísio, Vítor Silva Tavares, António José Forte, Virgílio Martinho, Ricarte Dácio de Sousa).

- AAVV, *Luiz Pacheco. 1 Homem Dividido Vale por 2*, Lisboa, Biblioteca Nacional/D. Quixote, 2009.
 ALMEIDA, António Manuel Tavares de, *Luiz Pacheco, Escritor Maldito*, dissertação de Mestrado em Literatura Portuguesa apresentada ao Departamento de Literaturas Românicas da Faculdade de Letras de Lisboa, 2001.
 ALMEIDA, São José, «Tolerância», www.osbarbaros.org/cultura/poesia/ultimo-voo.htm, 2 de Dezembro de 2006.
 ALVIM, Pedro, secção «Lemos para si», *Diário de Lisboa*, supl. «Ler Escrever», n.º 268, 28 de Agosto de 1986, p. 5.
 ANTENA, Isabel, «Ai Pacheco, pobre Pacheco», *Sete*, 9 de Janeiro de 1992, p. 43.
 ANTUNES, António Lobo, *O Conhecimento do Inferno*, Lisboa, D. Quixote, 1999, 11.ª edição (1.ª edição de 1980), pp. 76-78.
 ASSOR, Miriam, «Amores e ódios de estimação do libertino», *Correio da Manhã*, revista de domingo, 13 de Janeiro de 2008, pp. 46-49.
 ÁVILA, María Jesús, e CUADRADO, Perfecto E., *Surrealismo em Portugal (1934-1952)* (catálogo da exposição), Lisboa, Museu do Chiado/Museu Extremeño/Centro Iberoamericano de Arte Contemporânea, 2001, p. 364.
 BANDARRA, Victor, «Luiz Pacheco. Conversas de Tróia», *Público*, «Público Magazine», 16 de Junho de 1991.
 BANDARRA, Victor, «Pacheco, o libertino na televisão», *Público*, 5 de Janeiro de 1992.
 BAPTISTA-BASTOS, Armando, «Pacheco scriba», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 22 de Dezembro de 1977, p. VI (incluído em *Textos de Guerrilha 2*, Lisboa, Ler, 1981, contracapa).
 BAPTISTA-BASTOS, Armando, «Um murro fora das regras», *Diário Popular*, supl.

- «Letras e Arte», 27 de Março de 1980, p. III.
- BAPTISTA-BASTOS, Armando, «São Saltimbanco», prefácio a Luiz Pacheco, *Textos Sádicos*, Setúbal, Plurijornal, 1991, pp. 9-11.
- BAPTISTA-BASTOS, Armando, «Luiz Pacheco: O pecador investivante», *Tempo Livre* (Inatel), n.º 117, Maio de 2001, pp. 44-45.
- BARRADAS, Acácio, «Um guerrilheiro ao ataque», *Diário Popular*, suplemento, 6 de Setembro de 1979, p. VI.
- BARRADAS, Acácio, «Luiz Pacheco pelo correio», *Diário de Notícias*, 27 de Fevereiro de 1995.
- BARRADAS, Acácio, «Luiz Pacheco, o marginal militante ou “a entrevista sou eu”», em Luiz Pacheco, *O Urvo do Coiote*, Palmela, Contraponto, 1996, pp. 13-29.
- BARREIRA, Cecília, «Textos malditos: Safo e Luiz Pacheco», *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, n.º 500, 4 de Fevereiro de 1992, p. 19.
- BRÁS, António, «Elogio do libertino», *Público*, supl. «Mil Folhas», 7 de Julho de 2001, p. 11.
- CAIRES, Ângela, «Pacheco, o libertino», *O Jornal*, supl. «O Jornal Ilustrado», 7 de Dezembro de 1990, pp. 12-13 (incluído como posfácio em *Textos Sádicos*, Setúbal, Plurijornal, 1991, pp. 73-77).
- CAIRES, Ângela, «Má-língua, eu?!», *Visão*, 2 de Fevereiro de 1995, p. 66.
- CARITA, Alexandra, «Ele ainda não disse tudo», *Expresso*, supl. «Actual», 28 de Novembro de 2009, p. 19.
- CARNEIRO, Eduardo Guerra, «Duas ou três coisas sobre um tipo (Luiz Pacheco) que escreveu um livro (*Exercícios de Estilo*) ou: Sentimento», *Diário de Lisboa*, supl. literário, 2 de Setembro de 1971, pp. 1 e 3.
- CASTRIM, Mário, «Eh, Pessoal!», secção «Canal da Crítica», *Tal & Qual*, 17 de Janeiro de 1992, p. 21.
- CASTRO, Manuel de, «O que é um escritor maldito: à guisa de resposta a Luiz Pacheco», *Diário de Lisboa*, supl. literário, secção à Lupa, 25 de Fevereiro de 1971, p. 2.
- CASTRO, Manuel de, «O Estilo dos Exercícios», *Diário de Lisboa*, supl. literário, 2 de Setembro de 1971, p. 3.
- CASTRO, Pedro, «A noite em que vai passar “um fantasma” na televisão», *A Capital*, 22 de Julho de 2005.
- CESARINY, Mário, *A Intervenção Surrealista*, Lisboa, Ulisseia, 1966.
- CESARINY, Mário, *Jornal do Gato*, Lisboa, edição de Raul Vitorino Rodrigues, 1974 (reeditado pela Assírio & Alvim em 2004).
- CESARINY, Mário, *Poesia de António Maria Lisboa*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1977.
- COELHO, Alexandra Lucas, «Luiz Pacheco: A vida solta», *Público*, 7 de Janeiro de 2008, pp. 4-5 e 7.
- COELHO, Eduardo Prado, «Crítica de Circunstância», *Diário de Lisboa*, supl. «Vida Literária e Artística», 5 de Maio de 1966, p. 8.
- COELHO, Eduardo Prado, *Tudo o Que Não Escrevi. Diário I (1991-1992)*, Lisboa, Asa, 1992.
- COLAÇO, António, «O Luiz Pacheco continua», *Diário Popular*, 10 de Maio de 1991, p. 8.
- CONRADO, Júlio, «Os (dis) cursos da água», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 14/11/79, p. VI.
- CONRADO, Júlio, «Pacheco: Guerrilha Dois», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 3 de Dezembro de 1981, pp. II e III.
- CORREIA, Natália, *Antologia de Poesia Portuguesa Erótica e Satírica*, Lisboa, Antígona/Frenesi, 3.ª edição (3.ª tiragem), Outubro de 2000, p. 431, (1.ª edição Lisboa, Afrodite, 1965), pp. 43-44.
- CORREIA, Natália, *O Surrealismo na Poesia Portuguesa*, Mem Martins, Europa-América, 1973, pp. 329-334.
- COUTINHO, João Pereira, «Abaixo de Cão. Luiz Pacheco», *O Independente* (revista), 29 de Junho de 2001, p. 34.
- COUTINHO, João Pereira, «Bendito maldito», *Expresso*, 12 de Janeiro de 2008, p. 37.
- CRISTÓVÃO, José Matos, «Luiz Pacheco e o cão chamado Picasso», *Diário Económico*, 14 de Agosto de 1995, p. 7.
- CRISTÓVÃO, José Matos, «Luiz Pacheco e os encontros com Vera Lagoa», *Diário Económico*, 21 de Agosto de 1996, p. 7.
- CRUZ, Liberto, «Vanguarda: uma palavra perigosa», *Jornal de Letras e Artes*, Outubro de 1966 (a partir deste número deixou de aparecer o dia do mês), pp. 13-14.
- CRUZ, Liberto, *Luiz Pacheco: Exercícios de Estilo, Colóquio Letras*, n.º 11, Janeiro de 1973, p. 76.
- DÁCIO, Ricarte, «Exercícios de Fogos Reais», *Diário de Lisboa*, Suplemento Literário, 30 de Setembro de 1971, p. 3.
- DIONÍSIO, Eduarda, «Um Guia do Libertino», *Crítica*, n.º 1, Novembro de 1971, pp. 4-5.
- DIONÍSIO, José Amaro, «Escritores na Prisão», *Grande Reportagem*, Julho de 1993, pp. 100-109.
- DOMINGOS, Paulo da Costa, «O Antigo... Crítica de Circunstância, Luiz Pacheco», *Expresso*, supl. «Cartaz», 19 de Junho de 1993, p. 21.
- DUARTE, Maria João, «O Teodolito está de volta», *A Capital*, secção «Cenas», 9 de Novembro de 1990, p. 45.
- DUARTE, Maria João, «Diários», *Sete*, 4 de Julho de 1991.
- DUARTE, Maria João, «Filhos e Enteados?», *A Capital*, 26 de Junho de 1992.
- DUARTE, Maria João, «Luiz Pacheco está a trabalhar», *A Capital*, 7 de Janeiro de 1994.
- EMÍLIO, Rodrigo, «Manuel Vinhas — profissão: escritor», *A Rua*, Outubro de 1976, pp. 427-428.
- FERREIRA, António Mega, *Raiz & Utopia*, n.ºs 3-4, 1977 (contracapa de *Textos de Guerrilha 1*).
- FERREIRA, António Mega, «O regresso de Luiz Pacheco», *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, n.º 170, supl. «A Escolha da Semana», 8 de Outubro de 1985, p. 1.
- FERREIRA, António Mega, «Breve advertência à leitora desprevenida», prefácio a *O Teodolito*, Setúbal, Estuário, 1990, pp. 9-10.
- FERREIRA, António Mega (org.), *O Erotismo na Ficção Portuguesa do Século XX*, Lisboa, Texto Editores, 2005, p. 253.
- FERREIRA, António Mega, «O romance do libertino», *Visão*, 11 de Setembro de 2005, p. 23.
- FERREIRA, José Gomes, *Dias Comuns I. Passos Efêmeros (diário)*, Lisboa, D. Quixote, 1990.
- FERREIRA, José Gomes, *Dias Comuns II. A Idade do Malogro (diário)*, Lisboa, D. Quixote, 1998.
- FERREIRA, José Gomes, *Dias Comuns III. Ponte Inquieta (diário)*, Lisboa, D. Quixote, 1999.
- FERREIRA, José Gomes, *Dias Comuns IV. Laboratório de Cinzas (diário)*, Lisboa, D. Quixote, 2004.
- FERREIRA, Serafim, «Crítica de Circunstância de Luiz Pacheco», *Jornal de Notícias*, supl. literário, 28 de Abril de 1966, pp. I e II.
- FERREIRA, Serafim, «Luiz Pacheco, uma alma sem inquilinos» (posfácio a *Textos*

- Locais), Lisboa, Contraponto, 1967, pp. 83-90.
- FERREIRA, Serafim, «Nota do editor», em Luiz Pacheco, *Textos de Circunstância*, Amadora, Editorial Fronteira, Maio de 1977.
- FERREIRA, Serafim, «Luiz Pacheco: Textos do Barro», *Colóquio/Letras*, n.º 89, Janeiro de 1986, p. 98.
- FERREIRA, Serafim, «Luiz Pacheco: um inconformista conformado», *O Diário*, 6 de Fevereiro de 1988, p. 16.
- FERREIRA, Serafim, *O Acto e a Letra*, Lisboa, Escritor, 1998.
- FERRERA, Serafim, *Olhar de Editor*, Lisboa, Editorial Escritor, 1999.
- FERREIRA, Serafim, «Luiz Pacheco ou as memórias de um escritor maldito», *A Página da Educação* (Sindicato dos Professores do Grande Porto), Janeiro/Fevereiro de 1996, p. 27.
- FERREIRA, Serafim, «Luiz Pacheco e as suas cartas na mesa», *A Página da Educação*, Setembro de 1996, p. 29.
- FERREIRA, Vergílio, *Um Escritor Apresenta-se* (apresentação, prefácio e notas de Maria da Glória Padrão), Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1981.
- FERREIRA, Vergílio, *Conta-Corrente 1 (1969-1976)*, Amadora, Bertrand, Maio de 1981 (2.ª edição), p. 79.
- FERREIRA, Vergílio, *Conta-Corrente 1 (1969-1976)*, Lisboa, Bertrand, Maio de 1982 (3.ª edição).
- FERREIRA, Vergílio, *Conta-Corrente 3 (1980-1981)*, Lisboa, Bertrand, Dezembro de 1990 (2.ª edição).
- FERREIRA, Vergílio, *Conta-Corrente*, nova série, vol. II, Lisboa, Bertrand, 1993, p. 76.
- FERREIRA, Vergílio, *Conta-Corrente*, nova série, vol. III, Lisboa, Bertrand, 1994, p. 88.
- FERNANDES, Ferreira, «Luís Pacheco, libertino», *Tal & Qual*, 8 de Junho de 1984, p. 11.
- FERNANDES, Ferreira, «O velho que compra jornais», *Focus*, n.º 78, 2002, p. 112.
- FRANÇA, Elisabete, «Resistentes apaixonados: poetas da edição», *Diário de Notícias*, «DN Magazine», 9 de Fevereiro de 1992, pp. 10-15.
- FRANCO, António Cândido, «Luiz Pacheco», *O Setubalense*, 15 de Janeiro de 1992, p. 4.
- FRANCO, António Cândido, «As cartas de Luiz Pacheco», *O Setubalense*, supl. «Arca do Verbo», 25 de Setembro de 1996.
- FRANCO, António Cândido, «A contundência crítica de Luiz Pacheco», *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 10 de Fevereiro de 1999.
- FRANCO, António Cândido, «A actividade crítica em Portugal», *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 7 de Março de 2001, p. 40.
- FRANCO, António Cândido, «A Questão da Crítica e o Lugar do Crítico em Portugal», *Apeadeiro*, n.º 3, Primavera de 2003, pp. 77-80.
- FRANCO, António Cândido, «Sobre a epistolografia de Luiz Pacheco», nota introdutória a Luiz Pacheco, *Cartas ao Léu*, Vila Nova de Famalicão, Quasi, 2005, pp. 11-19.
- FRANCO, António Cândido, «O Menino Deus», *Jornal de Letras, Artes & Ideias*, 29 de Janeiro de 2008, p. 24.
- FREITAS, Manuel de, «Mano a Mano», *Expresso*, supl. «Cartaz», 8 de Junho de 2002, p. 52.
- F.G.S., «Luiz Pacheco. O último dos malditos», *Sem Mais*, n.º 20, Outubro de 1995, pp. 62-63.
- GAMA, Fernando Saldanha da, «Um bruxo no Montijo», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 17 de Fevereiro de 1977, p. V.
- GAMA, Fernando Saldanha da, «Bom dia... e lepra», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 16 de Março de 1978, p. IX.
- GEORGE, João Pedro, «Luiz Pacheco em Massamá», *Periférica*, n.º 8, Inverno de 2004, pp. 29-39.
- GOMES, Manuel João, «O Evangelho segundo Luiz Pacheco», *Público*, 3 de Maio de 1996, p. 26.
- GONÇALVES, Eurico, «Artur Cruzeiro Seixas», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 22 de Setembro de 1977, p. II.
- GONZÁLEZ, José Carlos, «Uma carta do poeta José Carlos González», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 4 de Fevereiro de 1982, p. III.
- GRADE, Fernando, «Um escriba em molho de escabeche» (publicado em 4 partes), *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 23 de Abril (p. IV); 30 de Abril (p. IV); 7 de Maio (p. IV); 14 de Maio (p. IV) de 1981.
- GUEDES, Maria Estela, «Em torno (da virgindade) de António Maria Lisboa, DP, supl. 21/9/78, p. I.
- GUEDES, Maria Estela, «Retroactivamente terceiro olhar», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 27 de Dezembro de 1979, p. I.
- GUEDES, Maria Estela, «Luiz Pacheco», *Diário de Notícias*, secção «Livros», 8 de Dezembro de 1991, p. 5 (repete em *O Setubalense*, supl. «Arca do Verbo. Artes de Letras», 18 de Dezembro de 1991).
- GUEDES, Maria Estela, «O vigaro, o seu resplendor», *Diário de Notícias*, secção «Livros», 9 de Agosto de 1992, p. 5.
- GUERREIRO, António, «Pacheco comediante e livre», *Expresso*, supl. «Actual», 12 de Janeiro de 2008, p. 11.
- GUSMÃO, Dina, «“Prazo de Validade”. Treze crónicas por Luiz Pacheco», *Correio da Manhã*, 3 de Dezembro de 1998, p. 30.
- GUSMÃO, Dina, «Luiz Pacheco e a (a)moral», *Correio da Manhã*, 25 de Maio de 2000, p. 34.
- JEREMIAS, Luísa, «Caca, cuspo e ramela», *A Capital*, 22 de Dezembro de 2000, p. 5.
- LADEIRA, António, «Luiz Pacheco, *Textos Sadinós*, Lisboa, Plurijornal, 1991», *Colóquio/Letras*, n.º 129/130, Julho/Dezembro, 1993, pp. 259-260.
- LARANJO, Isabel, «O intelectual que viveu em albergues», *Flash!*, n.º 242, 16 de Janeiro de 2008, pp. 90-91.
- LETRIA, José Jorge, «Humano até à dor» (apresentação de *Textos Sadinós*), *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, n.º 494, 24 de Dezembro de 1991, p. 14.
- LIMA, Manuel de, «Interfácio: uma peça como não se faz lá fora», em *O Clube dos Antropófagos*, Lisboa, Estampa, 1973, pp. 124-125.
- LINDOLFO, Mário, «Arquivos da memória. Luiz Pacheco, a vida e o texto», *O Setubalense*, supl. «Arca do Verbo. Artes de Letras», n.º 128, 3 de Julho de 1991, p. 4.
- LISBOA, Máximo, «Um pouco de abjeccionismo...» (sobre *Textos Locais*), *Jornal de Notícias*, supl. literário, 2 de Novembro de 1967, p. I e II.
- LISTOPAD, Jorge, «Fichas na mesa», *Diário de Lisboa*, supl. literário, 16 de Julho de 1974, p. 11.
- LOURENÇO, Eduardo, *Sentido e Forma da Poesia Neo-Realista*, Lisboa, Publicações D. Quixote, 2.ª edição, 1983 (1.ª edição de 1968).
- LOURENÇO, Eduardo, *O Canto do Signo: Existência e Literatura (1957-1993)*, Lisboa, Presença, 1994.
- LOURO, José João, «Prefácio», em Luiz Pacheco, *Textos de Guerrilha 1*, Lisboa, Ler, pp. 11-13.
- LUCAS, Isabel, «Luiz Pacheco ou o maldito bem-amado da literatura»,

- Diário de Notícias*, 7 de Janeiro de 2008, pp. 4-5.
- LUZ, Torcato da, «Pacheco versus Cesariny», *Diário de Lisboa*, supl. literário, secção «Livros na banca do jornalista», 27 de Agosto de 1974, p. 9.
- MACHADO, Álvaro Manuel, «Pacheco, Luiz», em Álvaro Manuel Machado (org.), *Quem é Quem na Literatura Portuguesa*, Lisboa, D. Quixote, 1979, p. 205.
- MAIA, Teresa, «Ases & Aselhas», *Tal & Qual*, 10 de Janeiro de 1992.
- MALDONADO, Fátima, «Salazar contra Sade», *Expresso*, secção «Pisa Papéis», 24 de Dezembro de 1992, p. 14.
- MARINHO, Maria de Fátima, *O Surrealismo em Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Março de 1987, pp. 276-277.
- MARQUES, Raul Malaquias, «Escrever da outra margem», *Expresso*, revista, 19 de Agosto de 1995, pp. 66-71.
- MARTINHO, Virgílio, «Prefácio», em *Crítica de Circunstância*, Lisboa, Ulisseia, 1966, pp. XIII-XXXIII.
- MARTINHO, Virgílio, «Uma carta de Virgílio Martinho: resposta a EPC», *Diário de Lisboa*, supl. «Vida Literária e Artística», 12 de Maio de 1966, p. 5.
- MARTINHO, Virgílio, e SAMPAIO, Ernesto (selecção e notas), *Antologia do Humor Português*, Lisboa, Afródite, Novembro de 1969, pp. 885-886.
- MARTINHO, Virgílio, «Crónica & etc...», *Jornal do Fundão*, supl. «& Etc», n.º 24, 7 de Fevereiro de 1971, p. 2.
- MARTINHO, Virgílio, «Crónica & etc», *Jornal do Fundão*, supl. «& Etc», 21 de Fevereiro de 1971, p. 8.
- MEDINA, João, «Louvor e actualização de Antígona a dissidente. Para Luiz Pacheco, claro», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 19 de Outubro de 1978, pp. I e XII.
- MELO, Romeu de, «Sobre a Rata dos Cabarés e os vícios de linguagem do sr. Pacheco», *Diário Popular*, supl. «Artes & Letras», 12 de Janeiro de 1978, p. II.
- MEXIA, Pedro, «Tomai lá do Pacheco», *Diário de Notícias*, supl. «DNA», 26 de Dezembro de 1998, p. 33.
- MEXIA, Pedro, «Pacheco e Cesariny, uma história de amor (ou não)», *Diário de Notícias*, 20 de Agosto de 2004, p. 45.
- MEXIA, Pedro, «A literatura é para comer», *Diário de Notícias*, 30 de Setembro de 2005, p. 40.
- MEXIA, Pedro, «A língua solta», *Público*, supl. «Ípsilon», 8 de Fevereiro de 2008, p. 42.
- MIRAGAIA, Eduardo, «Mais uma boa pachecada», *Semanário*, «2.º caderno», 1996, p. 35.
- MONTENEGRO, Frederico, «A ficção portuguesa de vanguarda como estética e como cultura» (recensão crítica a *Antologia de Vanguarda*), *Diário de Lisboa*, supl. «Vida Literária e Artística», n.º 431, 3 de Novembro de 1966, p. I e 8.
- MORAIS, Paulo, «Luiz Pacheco sempre com “Prazo de Validade”», *O Setubalense*, 20 de Novembro de 1998, p. 4.
- MORALES, João, «O libertino repousa em Lisboa», *Os Meus Livros*, Setembro de 2005, pp. 42-43.
- MOREIRA, Júlio, *Jornal do Fundão*, 8 de Outubro de 1967, p. 3.
- MOREIRA, Júlio, «Braga “Revisited”», em Luiz Pacheco, *O Libertino Passeia por Braga, a Idolátrica, o seu esplendor*, Lisboa, Colibri, Março de 1992 (1.ª edição deste texto de 1970).
- MOURA, Vasco Graça Moura (org.), *Os Melhores Contos e Novelas Portugueses*, 3.º volume, Lisboa, Selecções do Reader's Digest, 2003, p. 313.
- MOURÃO-FERREIRA, David, «Um Esclarecimento» do dr. David Mourão-Ferreira», *Jornal de Letras e Artes*, 5 de Agosto de 1964, p. 2.
- NAVARRO, António Rebordão, «A propósito dos *Textos Locais* de Luís Pacheco», *Jornal de Notícias*, Suplemento Literário, n.º 705, 12 de Outubro de 1967, pp. 1 e 2.
- NETTO, Cecília, «Jardins Varridos», *O Setubalense*, supl. «Arca do Verbo. Artes de Letras», Ano III — 1.ª série, Semanal — n.º 128, 3 de Julho de 1991, p. 4.
- NEVES, António Martins, «Breve homenagem a um escritor e libertino», *Portugal* (blogue), 6 de Janeiro de 2008.
- NOGUEIRA, Bernardo Sá, «Nota prévia» a *Mano Forte*, Lisboa, Alexandria, Fevereiro de 2002, pp. 9-18.
- NUNES, João Carlos Raposo, «Ao escritor (mal) dito Luís Pacheco», *O Setubalense*, supl. «Arca do Verbo», 13 de Dezembro de 1989, p. 5.
- NUNES, João Carlos Raposo, «Luiz Pacheco — o peregrino do Santo Excesso», *O Setubalense*, supl. «Arca do Verbo. Artes de Letras», n.º 128, 3 de Julho de 1991, p. 4.
- NUNES, João Carlos Raposo, «Textos Sadinos — Livro do Ano 1991», *O Setubalense*, supl. «Arca do Verbo. Artes de Letras», 18 de Dezembro de 1991.
- NUNES, João Carlos Raposo, «Luiz Pacheco fez 67 anos», *O Setubalense*, 27 de Maio de 1992, p. 4.
- OLIVEIRA, Manuel Alves de, «Pacheco, Luís», *O Grande Livro dos Portugueses: 4000 Personalidades em Texto e Imagem*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1990, p. 390.
- OLIVEIRA, Manuel Rodrigues de, «Luís Pacheco, editor-agente cultural», *O Diário*, supl. «Cultural 3», 13 de Agosto de 1988, p. 12.
- OOM, Pedro, «Pequena história cronometrada dos dádás e surrealistas de cá», *& etc...*, n.º 24, 7 de Fevereiro de 1971, p. 6.
- PACHECO, Fernando Assis, «Literatura Comestível», secção «Prontuário das Letras», *República*, supl. «Artes e Letras», 23 de Novembro de 1972, p. V.
- PALMA-FERREIRA, João, «Carta-Sincera a José Gomes Ferreira — Luís Pacheco», *Diário Popular*, supl. «Quinta-feira à tarde», n.º 123, 7 de Maio de 1959, pp. 6 e 11.
- PALMA-FERREIRA, João, «Um ano triste», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 28 de Dezembro de 1967, pp. 1 e 14.
- PALMA-FERREIRA, João, *Do Pícaro na Literatura Portuguesa*, Lisboa, Instituto de Cultura Portuguesa/Biblioteca Breve, 1982.
- PINHÃO, Leonor, «Culpado até prova em contrário», *Correio da Manhã*, revista de domingo, 13 de Janeiro de 2008, p. 50.
- PINTO, Júlio, «Os editores mais magrinhos», *Diário Popular*, 5 de Junho de 1986, p. 19 (entrevista a Silva Tavares, onde este fala de Pacheco).
- PINTO, Júlio, «Pacheco em venda directa», *Diário Popular*, 7 de Junho de 1986, p. 15.
- PRAÇA, Afonso, «O libertino sou eu», *O Jornal*, 29 de Maio de 1992, p. 32.
- PRAÇA, Afonso, «O libertino nunca existiu», *Visão*, 26 de Março de 1997, pp. 86-87.
- QUERIDO, Paulo, «Lá se despachou finalmente, coitado, o Pacheco», *O Cão Andaluz* (blogue), 6 de Janeiro de 2008.
- RABAÇA, José, «Meia crónica», *Jornal do Fundão*, 27 de Fevereiro de 1972, pp. 1 e 4.
- RAMOS, Marina, «Escárnio e maldizer», *Público*, 21 de Maio de 1992, p. 32.
- RIBEIRO, Anabela Mota, *O Sonho de Um Curioso*, Lisboa, Dom Quixote, 2003.
- RIBEIRO, João A. S. Reis, *Sol XXI*:

- Revista Literária*, n.ºs 29/30/31, Junho/Setembro/Dezembro de 1999, pp. 161-162.
- ROSA, Vasco, «Recensão a *Cartas na Mesa*», *O Independente*, revista «Vida», 17 de Janeiro de 1997, p. 61.
- S/A, «*Textos de Circunstância*. Novo livro de um “pacato chefe de família”», *O Diário*, 30 de Junho de 1977, p. 17.
- S/A, «Memórias: Luiz Pacheco, *Textos de Guerrilha 2*», *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, secção «Guarda-livros», 4 de Agosto de 1981, p. 29.
- S/A, «Comunidade, de Luiz Pacheco no Teatro Municipal de Almada», *O Diário*, 15 de Março de 1989, p. 16.
- S/A, «A segunda morte de Luiz Pacheco», *O Jornal*, secção «Periscópio», 11 de Janeiro de 1991, p. 35.
- S/A, «*O Urso do Coiote*... A língua afiada de Luiz Pacheco», *O Setubalense*, secção «Observatório», 1996, p. 7.
- S/A, «Luiz Pacheco, croché de velhadas», *Blitz*, 25 de Fevereiro de 1997, p. 11.
- S/A, «Soares rega com “tintol” o Natal do “maldito”», *Expresso*, revista *Vidas*, 12 de Janeiro de 2001, p. 5.
- S/A, «Pacheco 2 vezes», *Jornal de Letras, Artes & Ideias*, secção «Debate-Papo», 16 de Dezembro de 1998, p. 43.
- S/A, «Luiz Pacheco», Wikipédia, http://pt.wikipedia.org/wiki/Luiz_Pacheco.
- SANTOS, Deodato, «É assim», s/l, Contraponto (folha volante), Maio de 1979.
- SANTOS, Fernando, «Carta a Pacheco», *Diário Popular*, 10 de Outubro de 1965, pp. 24 e 27.
- SANTOS, Fernando Brederode, «Eu é que os topo», *Tal & Qual*, 17 de Julho de 1992, p. 18.
- SANTOS, José Manuel dos, «Luiz Pacheco», *Expresso*, supl. «Actual», 12 de Janeiro de 2008, p. 43.
- SARAMAGO, José, *Cadernos de Lanzarote — Diário II*, Lisboa, Caminho, Julho de 1998, pp. 186-187.
- SCHIAPPA, Margarida, «Luís Pacheco: mártir e bem disposto», *Opção*, 2 a 8 de Junho de 1977, Ano II, n.º 58, p. 51.
- SEPÚLVEDA, Torcato, «A Grandeza da Miséria», *Público*, supl. «Leituras», 11 de Março de 1995, p. 6.
- SEPÚLVEDA, Torcato, «O Escriba e a morte», *Público*, supl. «Leituras», 7 de Outubro de 1995, pp. 1-3.
- SEPÚLVEDA, Torcato, «Pacheco epistológrafo», *Público*, supl. «Leituras & Sons», 7 de Setembro de 1996, p. 7.
- SEPÚLVEDA, Torcato, «Um clássico chamado Pacheco», *A Capital*, 22 de Dezembro de 2000, p. 4.
- SEPÚLVEDA, Torcato, «Pacheco versus Cesariny», *Grande Reportagem*, 8 de Outubro de 2005, p. 63.
- SEPÚLVEDA, Torcato, «O último patuleio das letras, conservador, insurrecto», *Diário de Notícias*, 7 de Janeiro de 2008, p. 5.
- SÉRGIO, Mário, «O Pacheco está aí», *República*, n.º 30, supl. «Jornal de Crítica», 20 de Agosto de 1971, p. 8.
- SERRA, João Bonifácio, «O Libertino passeia nas Caldas...», em *Continuação: Crónicas dos anos 50/60*, Caldas da Rainha, Gazeta das Caldas, Dezembro de 2000, pp. 215-283.
- SILVA, Ana Pereira da, «Empatas», *Sete*, 30 de Dezembro de 1992, p. 15.
- SILVA, José Manuel Rodrigues da, «“Textos do Barro”, de Luiz Pacheco», *Diário Popular*, 1 de Outubro de 1984.
- SILVA, José Manuel Rodrigues da, «Falido mas não falhado», *O Jornal*, 21 de Junho de 1991.
- SILVA, José Manuel Rodrigues da, «Memórias de um libertino», *O Jornal*, 18 de Outubro de 1991, p. 36 (incluído nas badanas de Luiz Pacheco,
- O Libertino Passeia por Braga, a Idolátrica, o Seu Esplendor*, Lisboa, Colibri, 1992).
- SILVA, José Manuel Rodrigues da, «O guerrilheiro da escrita», *Jornal de Letras, Artes & Ideias*, 29 de Janeiro de 2008, pp. 22-23.
- SILVA, José Mário, «Mais do Luiz, com z», *Diário de Notícias*, supl. «DNA», 16 de Junho de 2001, p. 38.
- SILVA, José Mário, «Luiz Pacheco», *O Bibliotecário de Babel* (blogue), 6 de Janeiro de 2008.
- SIMÕES, João Gaspar, «*Carta-Sincera a José Gomes Ferreira*, por Luís Pacheco, *Pirâmide*, cadernos de publicação não-periódica organizados por Carlos Loures e Máximo Lisboa», *Diário de Notícias*, suplemento *Artes e Letras*, 14 de Maio de 1959, pp. 13 e 15.
- SIMÕES, João Gaspar, *Diário de Notícias*, Agosto de 1971.
- SIMÕES, João Gaspar, «Crítica Literária: *A Pata do Pássaro Desenhou Uma Nova Paisagem*, por Manuel de Lima; *Literatura Comestível*, por Luís Pacheco», *Diário de Notícias*, supl. literário, 14 de Dezembro de 1972, pp. 17 e 19.
- SIMÕES, João Gaspar, «O Abjeccionismo e a semântica», *Diário de Notícias*, 2.º caderno «Cultura», 4 de Outubro de 1979, pp. 16 e 17.
- SOARES, Fernando Luso, «*Exercícios de Estilo*, de Luiz Pacheco», *Jornal do Fundão*, 12 de Dezembro de 1971, p. 3.
- TAVARES, Raul, «“O que querem, sou tímido...”», *Público*, 14 de Maio de 1995.
- TAVARES, Vítor Silva, «Luiz Pacheco ou os malefícios da coragem», *ABC Diário de Angola*, supl. «Artes e Letras», 16 de Dezembro de 1965, pp. 7-10.
- TAVARES, Vítor Silva, «Um certo Pacheco leviano», *Jornal do Fundão*, secção «Página 3», 21 de Fevereiro de 1971, p. 3.
- TAVARES, Vítor Silva, «Da agressividade», *Diário de Lisboa*, supl. literário, 27 de Maio de 1971, p. 2.
- TAVARES, Vítor Silva, «A Crónica por fazer», *Diário de Lisboa*, supl. literário, 2 de Setembro de 1971, p. 3.
- TAVARES, Vítor Silva, *2 Textos à Pressão*, Lisboa, Contraponto, s/d. (suplemento de uma tiragem especial de *Comunidade*).
- TAVARES, Vítor Silva, «Requiem para um inimigo», *Público*, 7 de Janeiro de 2008, p. 6.
- TELES, António Tavares, «*Espírito Santo, Luiz Pacheco*. O jeito para a vida», *Diário Popular*, 2 de Abril de 1991, p. 9.
- TENTÚGAL, Rui, «A história do menino. Luiz Pacheco editado pela Oficina do Livro», *Expresso*, supl. «Actual», 7 de Dezembro de 2002, p. 12.
- TORRES, Alexandre Pinheiro, «Luiz Pacheco ou o burlador de Braga, *Magister Artium Eroticarum*», *Diário de Lisboa*, suplemento literário, 18 de Junho de 1970, p. 8. (incluído em Alexandre Pinheiro Torres, *O Neo-Realismo Literário Português*, «Luiz Pacheco e o verdadeiro (ou falso?) libertino ao ataque contra o establishment burguês e seus valores», Lisboa, Moraes, 1977, pp. 155-166; em *Ensaios Escolhidos I*, «Luiz Pacheco ou o Burlador de Braga, *Magister Artium Eroticarum*», Lisboa, Caminho, 1989, pp. 165-170; em Luiz Pacheco *Textos Malditos*, Lisboa, Afrodite, 1977, pp. 155-164; e em Luiz Pacheco, *O Libertino Passeia por Braga, a Idolátrica, o Seu Esplendor*, Lisboa, Colibri, 1992, 6.ª edição, pp. 67-75).
- TORRES, Alexandre Pinheiro, «A *Comunidade* de Luiz Pacheco ou a Justificação da Família como Instituição Natural (melhor: uma parábola = pérola atirada aos porcos)», *Diário de Lisboa*, 12 de Dezembro de

- 1971, pp. 7-8; escrito em Dezembro de 1970; incluído em Alexandre Pinheiro Torres, *Ensaíolos Escolhidos I*, Lisboa, Caminho, 1989, pp. 170-176.
- TORRES, Eduardo Cintra, «O homem que calculava», *Público*, 17 de Julho de 2005, p. 49.
- VALENTE, José Pulido, «Carta aberta do arquitecto José Pulido Valente a Luiz Pacheco», *Diário Popular*, supl. «Letras e Artes», 12 de Outubro de 1978, p. V.
- VASQUES, Eugénia, «Enquanto a tribo dorme. Comunidade, de Luiz Pacheco», *Expresso*, 10 de Junho de 1988.
- VENÂNCIO, Fernando, «Quotidiano», *Jornal de Letras, Artes & Ideias*, 15 de Janeiro de 1997, p. 22.
- VENÂNCIO, Fernando, *José Saramago: A Luz e a Sombra*, Porto, Campo das Letras, 2000.
- VENÂNCIO, Fernando, *Maquinações e Bons Sentimentos*, Porto, Campo das Letras, 2002.
- VENÂNCIO, Fernando (org.), *Crónica Jornalística: Século XX*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2004, pp. 199-201.
- ZINK, Rui, «Prefácio» a Luiz Pacheco, *Raio de Luar*, Lisboa, Oficina do Livro, 2003, pp. 9-14.

DOCUMENTÁRIOS TELEVISIVOS

- NETTO, Cecília (realização), e LINDOLFO, Mário (guião), *Luiz Pacheco nos Arquivos da Memória*, RTP2, 1992.
- ALMEIDA, António José de (realização), e ALMEIDA, Anabela (guião), *Luiz Pacheco — Mais Um Dia de Noite* (documentário), Panavídeo, RTP2, 22 de Julho de 2005.

OUTRAS FONTES

- AAVV, *O Escritor*, n.º 1, Março de 1983.
- ALVES, Clara Ferreira, «Manuel Alegre: “sou um escritor com biografia a mais”», *Jornal de Letras, Artes & Ideias*, 21 de Junho de 1983, p. 16.
- BARRADAS, Acácio, «Luiz Pacheco, o marginal militante ou “a entrevista sou eu”», *O Urvo do Coiote 2*, Palmela, Contraponto, 1996, pp. 13-23.
- BARRETO, Moniz, «Um ano de Crónica por Manuel da Silva Gaião», em *Estudos Dispersos* (colectânea, prefácio e notas de Castelo Branco Chaves), Lisboa, Portugália Editora, 1963.
- BAPTISTA, António Alçada, «Manoel Vinhas: O Tempo nas Palavras», *O Dia*, 28 de Julho de 1977.
- BRETÓN, André, *Manifestos do Surrealismo*, Lisboa, Salamandra, 1993.
- CABRAL, Alexandre, *Polémicas de Camilo*, vol. IV, Lisboa, Livros Horizonte, 1981.
- CARDOSO, Nuno Catharino, *Poetisas Portuguesas. Antologia Contendo Dados Bibliográficos Acerca De Cento e Seis Poetisas*, Lisboa, Livraria Científica, 1917.
- CARDOSO, Nuno Catharino, *Sonetistas Portugueses e Luso-Brasileiros. Antologia Contendo Dados Bibliográficos Acerca de Cento e Oitenta e Nove Poetas*, Lisboa, Edição do Autor, 1918.
- CASTILHO, A. F., *Vivos e Mortos — Apreciações Morais, Literárias e Artísticas*, Lisboa, Empresa da História de Portugal, 1904.
- CESARINY, Mário (org.) *Antologia Surrealista do Cadáver Esquisito*, Lisboa, Guimarães Editores, 1961.
- CESARINY, Mário (org.), *A Intervenção Surrealista*, Lisboa, Ulisseia, 1966.
- CESARINY, Mário, *Jornal do Gato*, Lisboa, edição de Raul Vitorino Rodrigues, 1974 (reeditado pela Assírio & Alvim em 2004).

- CESARINY, Mário (org.), *Poesia de António Maria Lisboa*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1977.
- CESARINY, Mário, *As Mãos na Água a Cabeça no Mar*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1985.
- CORDEIRO, Luciano, *Livro de Crítica. Arte e Literatura Portuguesa d'Hoje (1868-1869)*, Porto, Typographia Lusitana, 1869.
- CORREIA, Natália, *O Surrealismo na Poesia Portuguesa*, Mem Martins, Europa-América, 1973.
- CORREIA, Natália (selecção, prefácio e notas), *Antologia de Poesia Portuguesa Erótica e Satírica*, Lisboa, Antígona/Frenesi, 2000 (ed. original de 1965).
- DACOSTA, Fernando, «Dar banho à literatura», *Notícia*, 1 de Janeiro de 1972, pp. 32-33.
- FERREIRA, Serafim «Entrevista a Vergílio Ferreira: “só em literatura é que tudo me tem existido”», *Vida Mundial*, 27 de Junho de 1969, pp. 42-46.
- FIALHO, Filipe, «Hard-core à portuguesa», *Visão*, 20 de Março de 1997, p. 68.
- FORTE, António José, «Breve notícia, breve elogio do grupo do Café Gelo», *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 18 de Fevereiro de 1986, p. 20.
- HERCULANO, Alexandre, *Opúsculos*, vol. V, organização, introdução e notas de Jorge Custódio e José Manuel Garcia, Porto, Presença, 1982.
- MENDONÇA, A. P. Lopes de, *Ensaíolos de Crítica e Literatura*, Lisboa, Tipografia da Revolução de Setembro, 1849.
- LIMA, Manuel de, *O Clube dos Antropófagos*, Lisboa, Estampa, 1973.
- LOURENÇO, Eduardo, *O Canto do Signo: Existência e Literatura (1957-1993)*, Lisboa, Presença, 1994.
- PACHECO, Fernando Assis, «Um editor na banheira», *Diário de Lisboa*, 16 de Dezembro de 1971, páginas 1 e 2.
- PALMA-FERREIRA, João, *Obscuros e Marginados*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1980.
- PESSOA, Fernando, *Obras de Fernando Pessoa*, vol. II, Prosa I, Porto, Lello & Irmão Editores, 1986.
- PINTO, Júlio, «Os editores mais magrinhos», *Diário Popular*, 5 de Junho de 1986, p. 19.
- PORTELA, Artur, *Cardoso Pires por Cardoso Pires* (entrevistas), Lisboa, D. Quixote, 1991.
- PORTUGAL, Boavida, *Inquérito à Vida Literária Portuguesa*, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1915.
- RIBEIRO, Ana Maria, «A irreprimível vontade de criar: entrevista a Jaime Salazar Sampaio», *Expresso* (revista), 6 de Dezembro de 1997, pp. 92-100.
- RIBEIRO, Anabela Mota, *O Sonho de Um Curioso* (entrevistas), Lisboa, Dom Quixote, 2003.
- RIMBAUD, Jean-Arthur, *Uma Época no Inferno* (versão portuguesa, prefácio e notas de Cesariny), Lisboa, Portugália Editora, 1960.
- RODRIGUES, Armindo, *Obra Poética*, Lisboa, Sociedade de Expansão Cultural, 1972.
- s/A, «Um ontem cão», *Jornal de Notícias*, supl. literário, 23 de Abril de 1959, p. 9.
- s/A, «Ronda dos tribunais: adiado para Outubro um julgamento sobre a edição de um livro», *O Comércio do Porto*, 29 de Junho de 1967, p. 11.
- s/A, «Acusados de ofensas à moral pública», *O Século*, 10 de Novembro de 1967, p. 16.
- s/A, «Surrealismo-Abjeccionismo — Uma sessão na Casa da Imprensa», *Jornal de Letras e Artes*, 10 de Abril de 1963, p. 6.
- s/A, «Seis condenações (quatro delas com suspensão de pena) por abuso de liberdade de imprensa», *O Primeiro de Janeiro*, 22 de Março de 1970, p. 9.

s/A, «Os livros (lavados) de um editor na banheira», *Diário de Lisboa*, suplemento literário, 19 de Dezembro de 1971, p. 5.

SAMPAIO, Ernesto, e MARTINHO, Virgílio (selecção e notas), *Antologia do Humor Português*, Lisboa, Afrodite, Novembro de 1969.

SARAMAGO, José, «*Novas Andanças do Demónio*, por Jorge de Sena», *Seara Nova*, n.º 1460, Junho de 1967.

SARAMAGO, José, *Cadernos de Lanzarote — Diário II*, Lisboa, Caminho, Julho de 1998. SENA, Mécia de (org. e notas), *Correspondência: Eduardo Lourenço/Jorge de Sena*, Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1991.

SENA, Jorge de, «Poesia sobrealista», *O Globo*, 15 de Setembro de 1944, p. 5.

SENA, Jorge de, *O Reino da Estupidez I*, Lisboa, Edições 70, 1984.

SEPÚLVEDA, Torcato, «Aos costumes disseram nada», *Diário de Notícias*, supl. «Grande Reportagem», 24 de Abril de 2004, pp. 46-53.

SERRÃO, Joel, «Editorial», *Horizonte*, n.º 1, 20 de Fevereiro de 1942, p. 1.

SIMÕES, João Gaspar, *História do Movimento da Presença*, Coimbra, Atlântida, 1958.

SIMÕES, João Gaspar, *Perspectiva Histórica da Ficção Portuguesa*, Lisboa, D. Quixote, 1987 (2.ª edição).

SILVA, José Manuel Rodrigues da, «Era uma vez o Alvarez», *O Jornal*, 21 de Dezembro de 1990.

SILVA, José Mário, «Entrevista a Vítor Silva Távares», *Diário de Notícias*, supl. «DNA», n.º 221, 24 de Fevereiro de 2001, pp. 14-21.

TORRES, Alexandre Pinheiro, *Vida e Obra de José Gomes Ferreira*, Amadora, Bertrand, 1975.

TORRES, Alexandre Pinheiro, *O Movimento Neo-Realista em Portugal na sua Primeira Fase*, Lisboa, ICALP, 1983.

BIBLIOGRAFIA

AAVV, *Sociologia da Literatura*, Lisboa, Estampa, 1972.

AAVV, *Literatura e Sociedade*, Lisboa, Estampa, 1973.

AAVV, *Sociologia da Literatura*, Lisboa, Estampa, 1980.

ABASTADO, Claude, *Mythes et rituels de l'écriture*, Bruxelas, Éditions Complexe, col. «Creusets», 1979.

ABRAMS, M. H., *The Mirror and the Lamp*, Oxford, Oxford University Press, 1953.

ADORNO, Theodor, *Théorie esthétique*, Paris, Klincksieck, 1974.

ARON, Paul, e VIALA, Alain, *Sociologie de la Littérature*, Paris, PUF, 2006.

BECK, Ulrich, GIDDENS, Anthony, e LASH, Scott, *Reflexive Modernization, Politics, Tradition and Aesthetics in the Modern Social Order*, Cambridge, Polity Press, 1994.

BECK, Ulrich, e BECK-GERNSEHEIM, Elisabeth, *Individualization: Institutionalized Individualism and its Social and Political Consequences*, Londres, Sage, 2002.

BECKER, Howard, «Art as Collective Action», *American Sociological Review*, vol. 39, Dezembro de 1974, pp. 767-776.

BECKER, Howard, *Art Worlds*, Berkeley, University of California Press, 1982.

BÉNICHOU, Paul, *Le sacre de l'écrivain*, Paris, Corti, 1973. (trad. espanhola: *La coronación del escritor: ensayo sobre el advenimiento de un poder espiritual laico en la Francia moderna*, México, Fondo de Cultura Económica, 1981).

BÉNICHOU, Paul, *Le temps des prophètes. Doctrines de l'âge romantique*, Paris, Éditions Gallimard, 1977.

BOLTANSKI, Luc, e THÉVENOT, Laurent, *De la justification. Les économies de la grandeur*, Paris, Gallimard, 1996.

BONHÔTE, N., e GOLDMANN, *Sociologia da Literatura*, Lisboa, Estampa, 1972.

BOURDIEU, Pierre, «La production de la croyance», *Actes de la recherche en sciences sociales*, 13, 1977, pp. 3-43.

BOURDIEU, Pierre, «Champ intellectuel et projet créateur», *Les temps modernes*, n.º 246, 1966, pp. 865-906.

BOURDIEU, Pierre, *Questions de sociologie*, Paris, Minuit, 1980.

BOURDIEU, Pierre, «The Corporatism of the Universal: The Role of Intellectuals in the Modern World», *Telos*, n.º 81, 1989, pp. 99-110.

BOURDIEU, Pierre, «Le Champ Littéraire», *Actes de la recherche en sciences sociales*, n.º 89, Setembro, 1991, pp. 4-46.

BOURDIEU, Pierre, (com L. J. D. Wacquant), *Réponses. Pour une anthropologie réflexive*, Paris, Seuil, 1992.

BOURDIEU, Pierre, «Illusion biographique», *Raisons pratiques*, Paris, Seuil, 1994.

BOURDIEU, Pierre, *As Regras da Arte: Gênese e Estrutura do Campo Literário*, Lisboa, Editorial Presença, 1996 (ed. original de 1992).

BOURDIEU, Pierre, *Meditações Pascalianas*, Oeiras, Celta, 1998.

BRASÃO, Inês, «A condição servil em Portugal (1940 a 1970): memórias de dominação e resistência a partir de narrativas de criadas», Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Junho de 2010.

BRISSETTE, Pascal, *La Malédiction littéraire: du poète crotté au génie malheureux*, Montréal, Les Presses de l'Université de Montréal, coll. «Socius», 2005.

CASANOVA, Pascale, *La república mundial de las Letras*, Barcelona, Anagrama, 2001 (ed. original de 1999).

CHARLE, Christophe, *La crise littéraire à l'époque du naturalisme. Roman. Théâtre. Politique*, Paris, P.E.N.S., 1979.

CHARLE, Christophe, «Le champ de la production littéraire», em Henri-Jean Martin e Roger Chartier (dir.), *Histoire de l'édition française — le temps des éditeurs, du romantisme à la Belle Époque*, vol. III, Paris, Promodis, 1985, pp. 127-157.

CLARK, Priscilla P., «The Comparative Method: Sociology and the Study of Literature», in *Yearbook of Comparative and General Literature*, n.º 23, Indiana, Indiana University Press/Bloomington, 1974.

COLONNA, Vincent, *Autofiction & autres mythomanies littéraires*, Auch, Éditions Tristram, 2004.

COSER, Lewis A. (ed.), *Sociology through Literature: An Introductory Reader*, Englewood Cliffs, N. J., Prentice-Hall, 1963.

DE NOOY, W. «Social networks and classification in literature», *Poetics*, n.º 20, 1991, pp. 507-537.

DELEUZE, Gilles, *Lógica del sentido*, Barcelona, Paidós, 2005.

DIAZ, José-Luis, «L'aigle et le cygne au temps des poètes mourants», *Revue d'histoire littéraire de la France*, n.º 5, Setembro-Outubro de 1992, pp. 828-845.

DIAZ, José-Luis, «Écrire la vie du poète: la biographie d'écrivain entre Lumières et romantisme», *Revue des sciences humaines*, t. LXXXVIII, n.º 224, Outubro-Dezembro de 1991, pp. 215-233.

DIRKX, Paul, *Sociologie de la littérature*, Paris, Armand Colin, 2000.

DOSSE, François, *Le pari biographique: écrire une vie*, Paris, La Découverte, 2005.

ELIAS, Norbert, *A Sociedade dos Indivíduos*, Lisboa, Dom Quixote, 1993.

- ELIAS, Norbert, *Mozart. Sociologia de Um Génio*, Lisboa, Asa, 1993.
- ELIAS, Norbert, *Mi trayectoria intelectual*, Barcelona, Ediciones Península, 1995.
- ESCARPIT, Robert, *Sociologia da Literatura*, Lisboa, Arcádia, 1969.
- ESCARPIT, Robert (dir.), *Le littéraire et le social — éléments pour une sociologie de la littérature*, Paris, Flammarion, 1970.
- ÉTIEMBLE, René, *Le mythe de Rimbaud*, Paris, Gallimard, col. «Bibliothèque des idées», 1961 (1.ª ed. 1952), 4.º volume.
- FESTA-McCORMICK, Diana, «The Myth of the Poètes Maudits», em Robert L. Mitchell, *Pre-text / Text / Context: Essays on Nineteenth-Century French Literature*, Columbus, Ohio State University Press, 1980, pp. 199-215.
- FOCROULLE, Bernard, LEGROS, Robert, e TODOROV, Tzvetan, *El nacimiento del individuo en el arte*, Buenos Aires, Ediciones Nueva Visión, 2006 (edição francesa original de 2005).
- GEORGE, João Pedro, *O Meio Literário Português (1960-1998)*, Lisboa, Difel, 2002.
- GOFFMAN, Erving, *A Apresentação do Eu na Vida de Todos os Dias*, Lisboa, Relógio d'Água, 1993.
- GULLESTAD, M., «Invitation à l'autobiographie: l'intimité dans l'anonymat», em M. Chaudron e F. de Singly (dir.), *Identité, lecture, écriture*, Paris, BPI-Centre Georges Pompidou, 1993, pp. 171-185.
- HALDEN, Charles ab der, «Un poète maudit: Emile Nelligan», *La revue d'Europe et des colonies*, n.º 13, Janeiro de 1905, pp. 49-62.
- HEINICH, Nathalie, «L'art et la profession: les traducteurs littéraires», *Revue française de sociologie*, vol. XXV, 1984, pp. 264-280.
- HEINICH, Nathalie, *La gloire de Van Gogh. Essai d'anthropologie de l'admiration*, Paris, Minuit, 1991.
- HEINICH, Nathalie, *Du peintre à l'artiste. Artisans et académiciens à l'âge classique*, Paris, Minuit, 1993.
- HEINICH, Nathalie, «Publier, consacrer, subventionner: les fragilités des pouvoirs littéraires», *Terrain*, n.º 21, Outubro, 1993, pp. 33-46.
- HEINICH, Nathalie, «Comment être plusieurs quando on est singulier: les manifestes et l'avant-garde artistique», em *Le Texte, l'oeuvre, l'émotion*, La lettre volée, Bruxelas, 1994.
- HEINICH, Nathalie, «Façons d'«être» écrivain: l'identité professionnelle en régime de singularité», *Revue française de sociologie*, vol. XXXVI, 1995, pp. 499-524.
- HEINICH, Nathalie, *États de femme. L'identité féminine dans la fiction occidentale*, Paris, Gallimard, 1996 (tradução portuguesa: *Estados da Mulher: a Identidade Feminina da Ficção Ocidental*, Lisboa, Estampa, 1998).
- HEINICH, Nathalie, «Entre oeuvre et personne: l'amour de l'art en régime de singularité», *Communications*, vol. 64, n.º 64, 1997, pp. 153-171.
- HEINICH, Nathalie, *Ce que l'art fait à la sociologie*, Paris, Minuit, 1998.
- HEINICH, Nathalie, *Le triple jeu de l'art contemporain*, Paris, Les Éditions de Minuit, 1998.
- HEINICH, Nathalie, *L'épreuve de la grandeur: prix littéraires et reconnaissance*, Paris, La Découverte, 1999.
- HEINICH, Nathalie, *Être écrivain: création et identité*, Paris, La Découverte, 2000.
- HEINICH, Nathalie, *La sociologie de l'art*, Paris, La Découverte, 2004.
- HEINICH, Nathalie, *L'élite artiste: excellence et singularité en régime démocratique*, Paris, Éditions Gallimard, 2005.
- KRIS, Ernst e KURZ, Otto, *La leyenda del artista*, Madrid, Cátedra, 2007 (edição original: *Legend, Myth and Magic in the Image of the Artist. A Historical Experiment*, 1934).
- LAHIRE, Bernard, *La culture des individus: dissonances culturelles et distinction de soi*, Paris, La Découverte, 2004.
- LAHIRE, «Patrimónios individuais de disposições. Para uma sociologia à escala individual», *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.º 49, 2005, pp. 11-42.
- LAHIRE, *L'homme pluriel. Les ressorts de l'action*, Paris, Armand Colin, 2005.
- LAHIRE, *Lesprit sociologique*, Paris, La Découverte, 2007 (1.ª edição de 2005).
- LAHIRE, *La condition littéraire. La double vie des écrivains*, Paris, La Découverte, 2006.
- LAHIRE, *Franz Kafka: éléments pour une théorie de la création littéraire*, Paris, Éditions La Découverte, 2010.
- LEPENIES, Wolf, *Between Literature and Science: The Rise of Sociology*, Cambridge, Cambridge University Press, 1988 (ed. original de 1985).
- LEVI, Giovanni, «Les usages de la biographie», *Annales ESC*, n.º 6, Novembro-Dezembro de 1989, pp. 1325-1336.
- LOWENTHAL, Leo, «Sociology of Literature in Retrospect», *Critical Inquiry*, vol. 14, n.º 1, 1987, pp. 1-15.
- MANNHEIM, Karl, *Idéologie et utopie*, Paris, M. Rivière, 1956.
- MARINHO, Maria de Fátima, *O Surrealismo em Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1987.
- MEDEIROS, Nuno, *Edição e Editores. O Mundo do Livro em Portugal 1940-1970*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais, 2010.
- MEMMI, Albert, «Problemas da sociologia da literatura», em Georges Gurvitch (org.), *Tratado de sociologia*, vol. II, Porto, Iniciativas Editoriais, 1968 (ed. original de 1958).
- MOULIN, Raymonde, «La genèse de la rareté artistique», *Ethnologie française*, VIII, n.º 2-3, 1978.
- MOULIN, Raymonde, «De l'artisan au professionnel: l'artiste», *Sociologie du Travail*, n.º 4, 1983, pp. 395-402.
- NOOY, W. de, «Social networks and classification in literature», *Poetics*, n.º 20, 1991, pp. 507-537.
- PAIS, José Machado, *Sousa Martins e suas memórias sociais. Sociologia de Uma Crença Popular*, Lisboa, Gradiva, 1994.
- PASSERON, Jean-Claude, «Biographies, flux, itinéraires, trajectoires», *Revue Française de Sociologie*, vol. XXXI, 1989, pp. 3-22.
- PINO, Carlos Castilla del (dir.), *La extravagancia*, Madrid, Alianza Editorial, 1995.
- RICCIARDI, Giovanni, *Sociologia da Literatura*, Lisboa, Publicações Europa-América, 1971.
- RITCHIE, Harry, *Success Stories: Literature and the Media in England, 1950-1959*, Londres/Boston, Faber and Faber, 1988.
- RODDEN, John, *The Politics of Literary Reputation: The Making and Claiming of «St. George» Orwell*, Nova Iorque, Oxford University Press, 1989.
- SANTOS, Maria de Lourdes Lima dos, *Intelectuais Portugueses na Primeira Metade de Oitocentos*, Lisboa, Presença, 1985.
- SCHÜCKING, Levin L., *Sociology of Literary Taste*, Nova Iorque, Oxford University Press, 1945.
- SONTAG, Susan, *Contra la interpretación y otros ensayos*, Barcelona, Debolsillo, 2007.
- SONTAG, Susan, *Bajo el signo de Saturno*, Barcelona, Debolsillo, 2007.
- STEINMETZ, Jean-Luc, «Du poète malheureux au poète maudit (réflexion

- sur la constitution d'un mythe)», *Oeuvres & Critiques*, vol. VII, n.º 1, 1982, pp. 75-86.
- THUMEREL, Fabrice, *Le champ littéraire français au XXe siècle: éléments pour une sociologie de la littérature*, Paris, Armand Colin, 2002.
- VAN REES, C. J., «How a Literary Work Becomes a Masterpiece: On the Threefold Selection Practised by Literary Criticism», *Poetics*, n.º 12, 1983, pp. 397-417.
- VAN REES, C. J., «How Reviewers Reach Consensus on the Value of Literary Works», *Poetics*, n.º 16, 1987, pp. 275-294.
- VERDAASDONK, H. «Social and Economic Factors in the Attribution of Literary Quality», *Poetics*, n.º 12, 1983, pp. 383-395.
- VERDRAGER, Pierre, *Le sens critique: la réception de Nathalie Sarraute par la presse*, Paris, L'Harmattan, 2001.
- VIALA, Alain, *Naissance de l'écrivain: sociologie de la littérature à l'âge classique*, Paris, Minuit, 1985.
- VIALA, Alain, e SAINT-JACQUES, Denis, «À propos do champ littéraire, histoire, géographie, histoire littéraire», *Annalles HSS*, 49e année, n.º 2, 1994, pp. 395-406.
- WEBER, Max, *Sociologia das Religiões*, Lisboa, Relógio d'Água, 2006.
- ZILSEL, Edgar, *Le génie: histoire d'une notion de l'Antiquité à la Renaissance*, tradução de Michel Thévenaz, prefácio de Nathalie Heinich, Paris, Éditions de Minuit, col. «Paradoxe», 1993 (1.ª ed. 1926).

Agradecimentos

Porque este trabalho é também o resultado do ambiente em que decorreu, quero referir aqui as várias pessoas que, directa ou indirectamente, tornaram possível a existência deste livro. Impossíveis de agradecer suficientemente, o apoio e os ensinamentos do Professor Rui Santos e do Professor Diogo Ramada Curto merecem figurar em lugar de destaque. Ambos me obrigaram a espremer os miolos e me incentivaram a seguir um caminho próprio, como aliás mandam as boas tradições académicas. À Professora Margarida Marques, porque, além de me oferecer a sua amizade, nunca trocou o rigor científico pela máscara das conveniências.

A minha gratidão vai também para a família de Luiz Pacheco, sobretudo para o Paulo Pacheco e a Isabel Pacheco, que me receberam em sua casa e me permitiram consultar, em condições de total liberdade, o arquivo do escritor; para os amigos de Luiz Pacheco que acederam a ser entrevistados, entre os quais sobressaem Helena Berger, Florentino Goulart Nogueira e Jaime Aires Pereira, porque me permitiram tirar cópias de inúmeros textos inéditos do escritor; para a Ana Maria Mota da Cunha, por me ter dispensando cópias dos documentos sobre a Contraponto existentes nos arquivos da PIDE; à Patrícia Soares, pela fotografia que abre o capítulo 8.

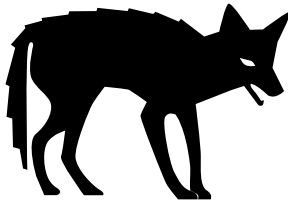
À Bárbara Bulhosa, à Inês Hugon, à Vera Tavares, à Madalena Alfaia, à Rute Dias e ao João Mota, a equipa completa das Edições tinta-da-china, pela entusiástica imprudência de me editarem. Inglaterra tem a Penguin, França tem a Gallimard, Espanha tem a Acantilado, Portugal tem as Edições tinta-da-china.

À Maria João Costa, da Livros d'Hoje, e ao Duarte Bárbara, das Publicações Dom Quixote, porque, tendo-me propiciado trabalho nestes últimos anos, me deram condições para escrever esta biografia.

À Laura Toro Soria, porque não me deixou desistir. À Filipa Vicente, uma historiadora excepcional, porque me faz sentir melhor do que sou na realidade. Ao Diogo Freitas da Costa, amigo impecável, um dos gigantes da pintura do nosso tempo. Ao Luís Bastos, exuberante clarinetista, um Benny Goodman em potência. Ao Nuno Sá Carvalho, notável advogado, capaz de ser simultaneamente profundo e frívolo (ouço-o como a um oráculo). À Inês Brasão, ao Rahul Kumar, ao Nuno Domingos, ao Tiago Fernandes e ao Zé Nuno Moreira, cujas investigações estão a abrir um novo e potente capítulo da sociologia portuguesa.

Ao Carlos Ataíde, porque, possuindo uma enorme capacidade para o raciocínio complexo, me ensinou a importância da discrição intelectual. À Teresa Ataíde, minha mãe, pelo sentido da decência e porque todos os dias me ensina que a solidariedade é mais importante que a inteligência.

À minha filha, Carlota Toro George, o infinito amor da minha vida, porque já coloca, de forma consciente, um pé diante do outro.



PUTA QUE OS PARIU!
foi composto em caracteres
Hoefler Text e impresso pela
Guide, Artes Gráficas, sobre
papel Coral Book de 80 g,
numa tiragem de 2000
exemplares, no mês
de Novembro
de 2011.